

Divino Cesario da Silva

NIETZSCHE E A CRÍTICA À MORAL CRISTÃ
UMA PROPOSTA DE TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Dissertação de Mestrado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler

Apoio SEE-MG

Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2026

Divino Cesario da Silva

NIETZSCHE E A CRÍTICA À MORAL CRISTÃ

UMA PROPOSTA DE TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética, Filosofia Política e Sociedade

Orientador: Professor Dr. Adilson Felício Feiler

Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

S586n	Silva, Divino Cesario da Nietzsche e a crítica à moral cristã: uma proposta de transvaloração dos valores / Divino Cesario da Silva - Belo Horizonte, 2026. 95 p. Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia. 1. Moral. 2. Cristianismo. 3. Nietzsche, Friedrich Wilhelm. I. Feiler, Adilson Felício. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título
-------	---

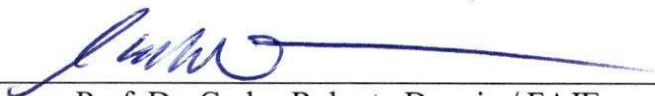
CDU 17

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

Dissertação de **Divino Cesario da Silva** defendida e aprovada, com a nota 8,5
(oitoe Meiro) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores:



Prof. Dr. Adilson Felício Feiler / (Orientador)



Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin / FAJE

Documento assinado digitalmente



CLADEMIR LUIS ARALDI

Data: 08/04/2026 08:56:00-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Clademir Luis Araldi / UFPEL

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 06 de abril de 2026.

Dedico este trabalho a um ser que, mesmo sem saber ler, soube ler as linhas do mundo da vida. Ela afirmava, de forma muito simples, algo que remete à ideia de aceitação da vida: “Se até Deus sofreu, por que nós não haveríamos de sofrer?” Tal afirmação, embora carregada de uma finalidade para o sofrimento, trazia, em seu jeito simples, uma grande lição: “A vida é assim mesmo, meu filho. Vamos sofrer e, mesmo sofrendo, é necessário aceitar a vida em todas as situações.” Este ser é minha mãe, Tercília Rodrigues Coimbra.

AGRADECIMENTO

Agradeço a um Poder Superior como eu o concebo, que numa perspectiva nietzschiana seria compreendido como potência máxima de vida, por ter me sustentado nos momentos difíceis e alimentado minha vontade de vida, a fim de superar os obstáculos.

Agradeço a todas as pessoas envolvidas neste processo de crescimento e superação pelo qual passei e passo todos os dias. Aos meus amigos de trabalho da Escola Estadual Doutor Avelar e da Escola Estadual Zico Paiva, a estes meus amigos, cujos nomes omito pelo risco de esquecer alguns deles que me são muito caros.

À minha madrinha, Cassia Machado, que me possibilitou o conhecimento de uma nova forma de vida, a qual tenho grande apreço. Obrigado Marina minha segunda mãe, que por um acaso da vida tive a oportunidade de conhecer e cuja vida me acalenta e dá um suporte enorme para que eu não desista.

Aos meus familiares, cujo os laços sanguíneos me permitiram ser quem eu sou.

Agradeço imensamente a oportunidade de ter conhecido professores fantásticos, com um conhecimento vastíssimo, que me proporcionaram grandes reflexões filosóficas. A vocês, meu muito obrigado.

Durante este período tive a oportunidade de conhecer e partilhar momentos da minha vida como uma pessoa maravilhosa. Tomamos umas boas xícaras de café, levei uma multa de trânsito por causa dela, mas valeu a pena. Minha colega de sala, que hoje tenho como minha amiga, que sempre me socorre e me incentiva quando penso em desistir. Minha amiga Maria da Conceição: muito obrigado.

Por último, mas não menos importante, ao meu professor orientador, Adilson Felício Feiler, obrigado por aceitar a tarefa de me fazer filosofar com martelo, na tentativa de destruir ídolos e criar valores afirmativos para a vida.

A todos vocês meu muito obrigado.

“Todas as coisas boas foram um dia
coisas ruins; cada pecado original
tornou-se uma virtude original.”¹
(Nietzsche)

¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p.95.

RESUMO

A crítica nietzschiana à moral religiosa, mais especificamente à moral cristã, sustenta que esta desvirtuou o verdadeiro sentido da moral ou nem mesmo a moral se fez presente. Com base em uma genealogia, Nietzsche demonstra como a ideia de valor moral se corrompeu com o advento do cristianismo, posicionando-se como um valor supostamente eficaz e abrangente para toda a realidade humana. Por meio do método genealógico, o filósofo desconstrói a visão da moral como uma verdade absoluta e metafísica. Este estudo focará na obra *Genealogia da Moral*, onde a questão da gênese da moral aparece de forma mais explícita, embora não seja a única obra a abordar a temática da moral, visto que o problema da moral perpassa toda a obra do autor. É pertinente, ainda, a crítica à religião, em especial ao cristianismo e aos valores metafísicos. Na *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche realiza uma crítica radical à moral cristã, apresentando um diagnóstico da moral como uma doença e propondo a transvaloração dos valores como forma de superar a moral vigente. Parte do pressuposto de que a moral judaico-cristã opera por ressentimento e negação da vida, investigando sob quais condições seus valores se desenvolveram e se estes contribuíram para o crescimento da vida ou, pelo contrário, promoveram a miséria, o empobrecimento e a degeneração. O presente estudo examina como Nietzsche desmonta os fundamentos religiosos cristãos e metafísicos da moralidade tradicional por meio do método genealógico, apontando para uma ética positiva baseada na afirmação trágica da existência. A metodologia combina a análise hermenêutica de textos nietzschianos com diálogos críticos correlatos. Como resultado, espera-se sistematizar os estágios da transvaloração (negação e criação) e avaliar a validade de sua crítica em contextos contemporâneos. O desafio da pesquisa justifica-se pela urgência de repensar valores em uma era pós-metafísica, oferecendo chaves para superar dualismos como bem e mal sem recair no relativismo moral.

Palavras-chave: Moral. Religioso. Genealogia. Cristianismo. Valor.

ABSTRACT

Nietzsche's critique of religious morality, particularly Christian morality, argues that it distorted the true meaning of morality, or that morality was never even truly present. Based on a genealogical approach, Nietzsche demonstrates how the concept of moral value became corrupted with the advent of Christianity, establishing itself as a supposedly effective and all-encompassing value for all of human reality. Through the genealogical method, the philosopher deconstructs the view of morality as an absolute and metaphysical truth. This study will focus on *On the Genealogy of Morality*, a work in which the question of the genesis of morality is most explicitly addressed—although it is not the only work to engage with the theme of morality, as the problem of morality permeates the author's entire oeuvre. The critique of religion, especially of Christianity and metaphysical values, is also relevant to this analysis. In *On the Genealogy of Morality* (1887), Nietzsche presents a radical critique of Christian morality, diagnosing it as a sickness and proposing a transvaluation of values as a way to overcome the prevailing morality. He assumes that Judeo-Christian morality operates through resentment and the denial of life, investigating the conditions under which its values developed and whether these values contributed to the flourishing of life or, on the contrary, promoted misery, impoverishment, and degeneration. This study examines how Nietzsche dismantles the Christian religious and metaphysical foundations of traditional morality through the genealogical method, pointing toward a positive ethics based on the tragic affirmation of existence. The methodology combines hermeneutic analysis of Nietzsche's texts with relevant critical dialogues. As a result, it is expected to systematize the stages of transvaluation (negation and creation) and evaluate the validity of his critique in contemporary contexts. The challenge of this research is justified by the urgency of rethinking values in a post-metaphysical age, offering keys to overcoming dichotomies such as good and evil without falling into moral relativism.

Keywords: Morality. Religious. Genealogy. Christianity. Value.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I. NIETZSCHE E O CRISTIANISMO: INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO CRISTÃ NA VIDA DO JOVEM NIETZSCHE	18
1.1 O rompimento com a religião cristã.	20
1.2 O Cristianismo como “Platonismo para o Povo”	23
1.3 Jesus vs. Paulo: A Distorção da Mensagem Original	28
1.4 Cristianismo e budismo: vantagens e desvantagens entre as duas religiões.	33
CAPITULO II. SOBRE A GÊNESE DA MORAL	42
2.1 Genealogia da moral: considerações acerca dos valores.....	42
2.2 A Moral dos Escravos vs. Moral dos Senhores	58
2.3 O Ideal Ascético e a Negação da Vida.....	61
CAPÍTULO III. TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES	67
3.1 Nietzsche e o Projeto de Transvaloração	69
3.2 O Übermensch (Além-Homem) deve viver além do bem e do mal, sem culpa ou ressentimento.	78
3.3 O ressentimento e a transvaloração dos valores.	82
3.4 A vontade de potência e a transvaloração dos valores.....	87
CONCLUSÃO	91
BIBLIOGRAFIA	94

INTRODUÇÃO

A filosofia de Friedrich Nietzsche representa uma guinada radical na maneira de pensar a moral no Ocidente. Até então, a reflexão ética estava fundamentalmente alicerçada no ideal socrático-platônico e posteriormente na religião cristã, que concebia os fundamentos da moral dentro de uma visão idealista e metafísica. Segundo essa tradição, o agir humano encontra seu lastro de valor e sua verdade última em uma realidade transcendente, localizada fora do mundo sensível, seja no Mundo das Ideias, em Deus ou na razão universal.

A crítica feita a esse problema do afastamento do homem em relação ao mundo da terra já se faz presente na primeira obra de Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia* (1872), nas figuras de Apolo e Dionísio, que representam, respectivamente, a aparência e a essência e também na imagem dos filósofos Sócrates e Platão, nos quais Nietzsche identifica o racionalismo e o idealismo como formas de decadência da vida.¹

*“Quarta proposição. Dividir o mundo em um ‘verdadeiro’ e um ‘aparente’, seja ao modo do cristianismo, seja ao modo de Kant (de um cristão capcioso, em última instância —) é somente uma sugestão da *décadence* — um sintoma de vida de *declinante*...[...]”²*

Contra essa tradição milenar, Nietzsche ergue sua crítica mais contundente em obras como, *A Genealogia da Moral*, ele não busca refinar ou corrigir os sistemas morais existentes, mas sim investigar a sua própria origem. Através do método genealógico, ele questiona: sob quais condições históricas, psicológicas e sociais os valores "bem" e "mal" foram criados, que tipo de vida promovem e se estes valores afirmam a existência em sua plenitude, ou negam e empobrecem a vida humana.

Este pode ser considerado um dos pontos centrais e o critério decisivo do pensamento nietzschiano no que se refere a moral: em que medida os valores morais vigentes contribuem para a afirmação e a intensificação da vida, ou servem apenas como um mecanismo de controle e negação. Para Nietzsche, a moral não é um dado neutro. Ela é sempre um sintoma e um instrumento de dominação e domesticação. E a moral cristã encontrou em Jesus o campo fértil para fomentar este sistema de valoração.

¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: O Nascimento da tragédia no espírito da música**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 20.

² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 340.

As perguntas, portanto, são: a moral é um sintoma de saúde ou de doença? É um instrumento de que potência? Esses valores são instrumentos de vida, ou contrários à elevação do homem?

A moral enquanto afirmativa da vida, será uma moral dos fortes, do tipo nobre, do homem nobre, de espírito livre e criador dos seus próprios valores, valores estes afirmativos da vida. Ela dirá "sim" ao corpo, aos instintos, à dor como parte do crescimento, à diferença, à hierarquia natural, à vontade de potência que supera a si mesma. Seu valor será medido pelo florescimento do tipo humano mais elevado. Ao passo que a moral do ressentimento nasce da fraqueza e da humilhação.

[...] Enquanto o homem nobre vive com confiança e franqueza diante de si mesmo (*γενναίος*, “nobre de nascimento”, sublinha ou nuance de “sincero”, e talvez também “ingênuo”) o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo nem honesto e reto consigo. Sua alma *olha de través*, ele ama refúgios, os subterfúgios os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e dá humilhação própria. [...]³

Se uma moral serve apenas como mecanismo de controle e apequenamento do homem, ela será uma moral dos fracos, do sacerdote ascético, dos ressentidos e em suma que não promove a vida. Esse modelo de valoração usará conceitos como "pecado", "culpa", "humildade" e "obediência" para domesticar, nivelar e adoecer o homem. Seu valor será medido pela eficácia em manter o rebanho dócil e dependente. Terá como função manter as pessoas doentes e domesticadas, e conseqüentemente afasta o homem do mundo da vida, da centralidade.

Este ponto da centralidade da vida, ou da perda dessa centralidade é importante na filosofia nietzschiana, pois a vida é radicalmente aqui e agora. É um fluxo de acontecimentos sem um propósito externo ou um destino metafísico predefinido. Esta compreensão, longe de levar ao desespero, mas a afirmar a vida em toda sua complexidade, o Amor Fati.⁴ Esta é a condição para a mais alta forma de libertação e de valorização.

Ao perceber que a vida não tem um sentido pronto a ser descoberto em outro lugar, o indivíduo é jogado de volta sobre si mesmo. Ele se vê diante de uma escolha: o niilismo passivo (o lamento pela ausência de sentido) ou a criação ativa de sentido a partir do engajamento pleno com o que é, e não a partir de um ideal a ser alçado.

³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.27.

⁴ MARTON, Scarlett. **Nietzsche : a transvaloração dos valores**. 3.ed. São Paulo : Moderna, 2006, p.67.

O niilismo estaria na falta de sentido diante de um mundo que já não encontra mais sua aprovação moral num “além”, ou seja, num mundo suprassensível, metafísico ou transcendental que outrora conferia valor e finalidade à existência humana. Para Nietzsche, o niilismo é a consequência direta da morte de Deus e do colapso dos valores absolutos que sustentavam a moralidade ocidental, especialmente aqueles herdados do platonismo e do cristianismo. Quando o "mundo verdadeiro" (o além, o ideal, o divino) se revela uma ficção, o homem se vê desamparado diante de um mundo que parece perder todo o sentido.

[...]O declínio da interpretação moral do mundo, que não encontra mais aprovação, depois que ela tentou se refugiar num para-além: acaba no niilismo do “Nada tem sentido” [o caráter inutilizável de Uma interpretação do mundo à qual se consagrou uma força enorme — desperta a suspeita de que todas as interpretações do mundo poderiam ser falsas —]. [...]⁵

A moral concebida pela tradição filosófica de matriz socrático-platônica e posteriormente cristã, operou um movimento fundamental de deslocamento do homem ao postular que o sentido último do agir moral se encontra em uma esfera transcendente, para além do mundo sensível, para além da terra, essa tradição acabou por afastar o ser humano da centralidade de sua própria existência concreta.

O resultado inevitável desse exílio metafísico, como diagnostica Nietzsche, é o niilismo, a desvalorização dos valores supremos, a sensação de vazio e a decadência do homem que, tendo direcionado seu olhar para um "outro mundo", descuida e despreza o único mundo que de fato habita, o mundo da vida, do corpo e dos sentidos.

Não se trata absolutamente do melhor ou do pior dos mundos: “não” ou “sim”, esta é aqui a questão. O instinto nihilista diz não; sua afirmação mais moderada é que não-ser vale mais do que ser, que o desejo de nada tem mais valor do que o querer-viver; sua afirmação mais rigorosa é que, se o nada é o que há de mais desejável, esta vida, enquanto sua antítese, é absolutamente sem valor — condenável...⁶

Seguindo a trilha aberta pelo pensamento socrático-platônico, o cristianismo reafirma e populariza os fundamentos da moral com base num além-mundo, no paraíso, difundindo a ideia de salvação e dando um sentido para sofrimento

⁵ SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche. O niilismo europeu. Rio de Janeiro – v. 8 – nº 21 – p. 5 a 23 – julho / dezembro 2003. Disponível: <https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/27190-Niilismo-Europeu.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2026.

⁶ SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche. O niilismo europeu. Rio de Janeiro – v. 8 – nº 21 – p. 5 a 23 – julho / dezembro 2003. Disponível: <https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/27190-Niilismo-Europeu.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2026.

literalmente fora do mundo. Ele dá um novo sentido ao sofrimento terreno, prometendo sua recompensa em um mundo idealizado pós-morte, por meio das ideias de paraíso, redenção e salvação.

Se se põe o centro de gravidade da vida, não na vida, mas não “além” — no nada —, tirou-se da vida toda gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda a razão, toda a natureza que há no instinto — tudo o que é benéfico nos distintos, que propicia a vida, e garante futuro, desperta agora desconfiança. [...] ⁷

Contudo, Nietzsche realiza uma distinção fundamental entre Jesus e Paulo no seio desta própria tradição cristã. Para ele, Jesus representa a figura do evangelho como uma prática de vida no aqui-e-agora, propondo o reino de Deus como uma realidade interior e terrena, vivida através do amor e do não-ressentimento. A inversão de valores que caracteriza o cristianismo como religião dogmática, no entanto, consolida-se com Paulo, “Paulo simplesmente deslocou o centro de gravidade daquela inteira existência para trás desta existência— na mentira de Jesus ressuscitado.”⁸

Este é identificado por Nietzsche como o verdadeiro fundador do cristianismo institucional, o grande inventor de uma doutrina fantasiosa que, ao transformar a vida e morte de Jesus em um mecanismo de culpa e redenção metafísica, trai o sentido original do evangelho e universaliza a moral de escravos.

O cristianismo encontra no ideal ascético os elementos centrais para a propagação da sua doutrina, a saber: a negação dos instintos, a desvalorização do corpo e do mundo terreno, a exaltação do sofrimento como virtude e a promessa de uma salvação num “além” elementos que configuram uma moral decadente que se volta contra a própria vida a saber: “humildade, pobreza e castidade”⁹.

O cristianismo, tendo o ideal ascético como seu pano de fundo é conceituado como uma moral decadente, isto é, uma moral que se volta contra a vida em sua potência criadora e afirmativa. O ideal ascético não é apenas um conjunto de práticas ou prescrições religiosas; ele é a expressão de uma vontade de nada que, paradoxalmente, encontra forças para se impor como valor supremo. Ao desvalorizar o mundo terreno em favor de um além, um mundo suprassensível, metafísico ou divino, o cristianismo promove o que Nietzsche chama de uma “moral de rebanho”, na qual a fraqueza é

⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: O anticristo**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 361.

⁸ NIETZSCHE. **Obras Incompletas: O anticristo**, p. 360.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.90.

transformada em mérito, a resignação em virtude e o sofrimento em prova de fé. Essa inversão de valores, que coloca a negação da vida como fundamento da salvação, que é o sintoma mais profundo da decadência. Conceituado como “antinatureza”¹⁰.

[...] Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, alegria; enquanto se experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, negação de si, autoflagelo e autossacrifício. [...] ¹¹

O ideal ascético surge, antes de tudo, como uma estratégia de sentido. Ele aparece para dar uma interpretação, uma finalidade, aquilo que na vida humana parecia não ter sentido algum: o sofrimento. O homem, confrontado com a dor, a doença, a fraqueza e a morte, enfrenta uma angústia insuportável: Por que eu sofro? Para que serve este sofrimento? O niilismo, a sensação de que nada tem valor, é o abismo que se abre quando não há resposta.

O ideal acético significa precisamente isto: que algo *faltava*, que uma monstruosa *lacuna* circundava o homem — ele não sabia justificar, explicar, afirmar a si mesmo, ele sofria do problema do seu sentido. Ele sofria também de outras coisas, era sobretudo um animal *doente*: mas seu problema não era o sofrer mesmo, e sim que lhe faltasse a resposta para o clamor da pergunta “*para que sofrer?*”. O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, não nega em si o sofrer, ele o *deseja*, ele procura inclusive, desde que ele seja mostrado um *sentido*, um para quê no sofrimento. A falta de sentido de sofrer, não o sofrer, era maldição que até então se estendia sobre a humanidade — e o ideal acético que ele ofereceu um sentido! Foi até agora muito sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum; o ideal ascético foi até o momento, de toda maneira, o “faute de mieux” [mal menor] par excellence. Nele o sofrimento era *interpretado*, a monstruosa lacuna parecia preenchida; a porta se fechava para todo niilismo suicida.¹²

O cristianismo não apenas se valeu do ideal ascético, mas ele o absorveu, transformou e elevou a condição de núcleo de sua moralidade. O ascetismo, que em outras tradições poderia ser uma via de exceção para monges e santos, tornou-se no cristianismo a matriz para os valores destinados a todos os fiéis, tornou-se um código moral e a normatização dos valores.

Dessa forma, o que era um método de autodisciplina (o ascetismo) se tornou um sistema de valores universais. A negação do mundo deixou de ser uma escolha de

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p. 82.

¹¹ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p. 99.

¹² NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.139.

elite sacerdotal para se tornar a medida da virtude para o homem comum. O sofrimento, que o asceta buscava ativamente para se purificar, foi reinterpretado como a condição normal da existência terrena, cujo alívio só viria na redenção futura.

Assim, o cristianismo realizou uma obra-prima de engenharia moral: pegou o ferramental do ascetismo, a negação, a culpa, o sacrifício, e com ele construiu não apenas uma religião, mas a estrutura psicológica dominante do Ocidente. A vitória do cristianismo foi, em grande medida, a vitória de uma moral ascética de massa, que ensinou ao homem a ver sua própria vida e seus instintos como inimigos a serem combatidos em nome de uma salvação localizada em um além radicalmente outro.

Dessa forma, o cristianismo se constitui, na análise genealógica de Nietzsche, como a religião da "rebelião dos escravos"¹³. É a revolta espiritual daqueles que, sendo fracos, oprimidos ou doentes, não podendo vencer pela força, inventaram uma nova arma: a inversão completa da tabela de valores. A força, a saúde e a alegria vital dos senhores (a aristocracia romana, por exemplo) foram diabolizadas como orgulho e pecado. A própria fraqueza dos *escravos* foi santificada como *virtude e bondade*.

Dessa forma, o cristianismo não apenas ganhou força, mas se tornou o grande constituidor de valores morais no Ocidente. Ele não ofereceu apenas uma nova fé, mas uma nova interpretação da existência, onde a vida terrena perde seu valor intrínseco e se torna uma mera preparação para uma salvação transcendental. A vitória do cristianismo foi, portanto, a vitória de uma moral de rebanho que, a partir do ressentimento, conseguiu impor ao mundo uma visão niilista e negadora da vida como se fosse a mais alta expressão da verdade e da virtude.

Partindo da crítica radical aos valores socráticos-platônicos e posteriormente a moral cristã e da consequente recusa de sua validade para a vida. Como afirma Jean Lefranc com relação ao surgimento do pensamento nietzschiano, “[...] o nietzschismo apareceu mais de uma vez como uma palavra de ordem provocante derrisória, entusiasmante ou revoltante, um apelo a revolucionar, a destruir toda uma tradição moral de origem platônica ou até mesmo toda a civilização ocidental e cristã. [...]”¹⁴ Nietzsche

¹³ A rebelião escrava da moral é o nome que Nietzsche dá à *revolução espiritual e valorativa* operada pelos "escravos" (os fracos, os oprimidos, os ressentidos) contra os "senhores" (os nobres, os fortes, os afirmativos). Trata-se de uma revolta não com armas, mas com valores, uma transformação completa da tabela de valoração moral. Cabe ressaltar que não se trata aqui, que *fraco e escravo* são termos recorrentes na obra de Nietzsche, para se referir a um tipo de moralidade, não se trata, porém, de um tipo genético ou físico, mas sim de caráter moral, os que são incapazes de criar e seguir suas próprias regras e necessitam de uma confirmação fora.

¹⁴ LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. 7.ed. Petrópolis: Vozes. 2011, p.11.

propõe a transvaloração de todos os valores, que encontra na própria vida o fundamento de todos os valores. “Ao tomar a vida – enquanto vontade de potência – como critério de avaliação, rejeita a metafísica e o mundo supra-sensível, a religião cristã e o reino de Deus.”¹⁵

Este processo exige, em um primeiro momento, a negação destruidora de todos os valores fundamentados na tradição metafísica e religiosa do cristianismo. Para chegar a um objetivo final, que não é, no entanto, o vazio do niilismo, mas a abertura de um caminho para o homem do futuro, o *Übermensch*, para além do homem anunciado em Assim falou Zaratustra.

Este novo tipo de homem não é aquele que se submete a valores externos e transcendentais, nem tão pouco um Deus. Pelo contrário, ele cria os seus próprios valores a partir de sua experiência imanente e de sua vontade de potência afirmativa. Sua existência é um constante *sim* à vida em sua totalidade, incluindo o sofrimento, o acaso e a tragédia e um *não* resolutivo a qualquer instância exterior que queira ditar o sentido de sua existência.

A transvaloração é, portanto, a grande tarefa de superar o homem decadente, (...) “O homem é algo que deveria ser superado”¹⁶ (...). De romper dicotomia de milênios, na qual o ser humano se encontrava e criar as condições para que este ser autossuperador, fiel a Terra e legislador de si mesmo, possa um dia florescer.

Durante séculos, o ser humano, dilacerado acreditou-se um composto de corpo e alma. Agora, no mais redefinido em relação à divindade, ele deixa de existir. Se o apogeu da humanidade, seu meio-dia agora quando se suprime o dualismo entre o mundo verdadeiro e mundo aparente, o homem que se ultrapassa identifica-se ao mundo.¹⁷

Esta investigação sobre a origem dos valores morais levará a uma descoberta que a moral que herdamos, especialmente a moral cristã, não é de origem divina, mas sim o produto de uma "revolta dos escravos". Trata-se de uma inversão de valores engendrada pelos fracos e oprimidos como um ato de vingança imaginária contra os fortes e nobres, fruto do ressentimento. O ideal ascético, que nega os prazeres terrenos em nome de uma recompensa celestial, é diagnosticado por Nietzsche como a expressão máxima de

¹⁵ MARTON, Scarlett. **Nietzsche : a transvaloração dos valores**. 3.ed. São Paulo : Moderna, 2006, p.65.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo; Martin Claret, 2014, p.18.

¹⁷ MARTON, Scarlett. **Nietzsche : a transvaloração dos valores**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2006, p.68,69.

uma vontade de poder doente, que, incapaz de criar, dedica-se a negar a vida no aqui e agora, em detrimento de uma vida no além.

Este trabalho tem como objetivo percorrer o caminho aberto pela genealogia da moral nietzschiana, examinando como o filósofo desconstrói os pilares da moral cristã e aponta para a necessidade de uma transvaloração de todos os valores, um projeto que visa superar o niilismo e fundar uma nova ética, baseada no sim à vida e na afirmação do homem como criador de seu próprio valor.

Com a proclamação da "morte de Deus"¹⁸, o ser humano se vê diante de um vazio de sentido, a constatação de que o fundamento transcendente que garantia a moral e a ordem do mundo perdeu sua credibilidade, especialmente com o advento da racionalidade moderna, que já não pode aceitar Deus como argumento válido para a fundamentação dos valores.

Diante desse abismo, Nietzsche não propõe um novo fundamento transcendente, mas aponta para a própria vida como base para toda ação humana, na forma de uma atitude afirmativa que diz sim a existência em todos os seus aspectos. A vida é por si só o grande valor afirmativo devendo ser vivida em todos os aspectos incluindo o trágico. Algumas obras do chamado "Terceiro período (1882-1888)"¹⁹, como: Assim falou Zaratustra, Crepúsculo dos ídolos, O anticristo, entre outras desse período, são importantes para fundamentar o argumento da transvaloração dos valores.

Para a execução do nosso trabalho de pesquisa, adotaremos o método hermenêutico, fundamentado na leitura, interpretação e análise crítica das obras relevantes de Friedrich Nietzsche, bem como de outros autores que dialogam especificamente com o tema proposto para a nossa investigação. A hermenêutica, enquanto abordagem filosófica, permitirá não apenas a compreensão dos conceitos centrais do pensamento nietzschiano, mas também a articulação entre eles e as questões

¹⁸ O termo se encontra no aforismo 125, O louco, do Terceiro Livro da obra A Gaia Ciência. A morte de Deus significa, essencialmente, que Deus deixou de ser o arcabouço de verdade, o fundamento último que garantia a ordem do mundo, o sentido da existência e a validade dos valores morais. Não se trata, para Nietzsche, de provar que Deus não existe, essa é uma questão metafísica que pouco lhe interessa. A questão central é outra, a efetividade da ideia de Deus para a vida moderna, especialmente com o advento da racionalidade científica e do pensamento crítico.

Nietzsche diagnostica que, na modernidade, a crença em Deus perdeu sua força vinculante. A ciência, a filosofia crítica, o avanço do conhecimento histórico e a própria dinâmica da cultura ocidental corroeram as bases da fé.

Nietzsche não comemora a morte de Deus com leviandade. Ele sabe que esse evento terrível mergulhará a humanidade em uma longa noite de incertezas. Mas vê nessa crise a única possibilidade de o homem finalmente crescer, de superar a si mesmo, de criar novos valores que não sejam mais a negação da vida, mas sua mais alta afirmação

¹⁹ MARTON, Scarlett. **Nietzsche : a transvaloração dos valores**. 3.ed. São Paulo : Moderna, 2006, p.89.

que orientam nossa pesquisa, buscando extrair sentidos que iluminem o problema investigado.

O caminho proposto para desenvolvimento deste trabalho parte da análise da influência do cristianismo na vida do jovem Nietzsche, o primeiro capítulo, intitulado “Nietzsche e o cristianismo: influência da religião cristã na vida do jovem Nietzsche”. No segundo capítulo, “Sobre a gênese da moral”, trataremos do método genealógico para a formulação da crítica dos valores morais. Este capítulo tem como objetivo expor e analisar o método genealógico desenvolvido por Nietzsche, demonstrando como ele se constitui como a ferramenta fundamental para a crítica dos valores morais. Por fim, para o desenvolvimento do terceiro capítulo, “Transvaloração dos valores”, trabalharemos a proposta nietzschiana para a superação do niilismo gerado pelo colapso dos valores morais fundamentados na metafísica e na religião cristã.

Dada a divisão dos capítulos propostos, cremos ser possível alcançar plenamente o objetivo que orienta esta pesquisa. Nosso propósito é demonstrar, em primeiro lugar, a crítica nietzschiana à moral religiosa, de maneira singular ao cristianismo, como um diagnóstico contundente dos valores que, segundo o filósofo, se apresentam como contrários à vida. Em segundo lugar, pretendemos expor a proposta de transvaloração dos valores elaborada por Nietzsche, que é a necessidade de ir além desses valores religiosos e metafísicos, que na perspectiva nietzschiana são contrários a vida e afirmar a própria vida como o maior dos valores.

CAPÍTULO I. NIETZSCHE E O CRISTIANISMO: INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO CRISTÃ NA VIDA DO JOVEM NIETZSCHE

Friedrich Nietzsche (1844–1900), um dos filósofos mais influentes do século XIX, teve uma infância profundamente marcada pela religião, especialmente pelo protestantismo luterano. Nascido em Röcken, na Prússia (atual Alemanha), em uma família de pastores. Nietzsche cresceu em um ambiente onde a fé cristã era central. Seu pai, Carl Ludwig Nietzsche, era um pastor protestante, assim como seus avós paternos. Do pai afirma: [...] “Em ‘Ecce Homo’ (188), ao escrever sobre o pai: *Considerarei um grande privilegio ter tido um tal pai: até me parece que com isso se explica tudo o que de resto tenho em privilégios—não incluindo a vida, o grande sim à vida.*”¹.

A morte precoce do pai, quando Nietzsche tinha apenas cinco anos. “No final de agosto, porém, o pai adoeceu e, em 30 de julho de 1849, ele sucumbiu à sua doença.”² Sobre este acontecimento muito se especula sobre a causa da doença que levou a morte o pai do filósofo “amolecimento do cérebro”³, em vista a demência do próprio Nietzsche no final da vida. “Muito se fabulou e discutiu sobre a natureza dessa doença, especialmente no contexto da disputa sobre as causas do colapso mental de Nietzsche em 1889.”⁴

Pouco tempo depois a perda do irmão. “Em 9 de Janeiro de 1950, poucos meses após esse infortúnio, morreu também Joseph, o irmão caçula de Nietzsche, poucas semanas antes de seu segundo aniversário (27 de fevereiro) – como afirma a mãe, em decorrência de convulsões durante a dentição.”⁵ Estes acontecimentos deixaram uma forte impressão em sua vida, reforçando ainda mais o peso da religiosidade em sua formação. Escreve sobre a morte do irmão:

Naquele tempo certa vez sonhei que ouvia o órgão da igreja como num enterro. Como fui ver o que era, ergue uma sepultura e meu pai sai dela vestido com sua mortalha. Ele corre para a igreja e logo retorna com uma criancinha nos braços. Abre-se a sepultura, ele entra e a tampa cai de novo sobre a abertura. O órgão rumoroso logo se cala e eu acordo. No dia depois dessa noite o pequeno Joseph de repente passa mal, tem convulsões e morre em poucas horas. Nossa dor foi: inaudita: o meu sonho se concretizara inteiramente (1958)⁶.

¹ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p. 322.

² JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Petrópolis: Vozes, 2016. v.1, p.44.

³ JANZ, **Friedrich Nietzsche**, p.44.

⁴ JANZ, **Friedrich Nietzsche**, p.44.

⁵ JANZ, **Friedrich Nietzsche**, p.46.

⁶ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p.322.

Após estes acontecimentos a família muda para Naumburg⁷, Nietzsche conviveu neste período com a mãe, Franziska, duas tias solteiras, a avó e a irmã Elisabeth, em um ambiente dominado por mulheres piedosas. Ele frequentou escolas religiosas e, desde cedo, demonstrou grande interesse pela teologia e pela música sacra. Sua educação inicial foi fortemente influenciada pelo pietismo, uma vertente do protestantismo, que enfatizava a devoção pessoal e a moralidade rigorosa.

Desse período da infância ficam dois acontecimentos narrados pela irmã: “colegas o chamavam “pastorzinho” porque sabia recitar “trechos da Bíblia e cantos religiosos” com tal expressão “quase se sentia chorar”⁸. E sua determinação em seguir regras, sobre este aspecto, sua irmã conta que durante uma chuva, após o término da aula, todos os alunos saíram, e ficaram procurando o jovem Nietzsche, quando finalmente aparece o jovem Nietzsche caminhando seguindo as orientações da mãe para que não corresse.

[...] finalmente aparece também o pequeno Fritz, boné escondido debaixo da lousa, seu lençinho por cima (...) Como nossa mãe o repreendesse por ter chegado totalmente molhado, ele disse bem sério: “Mas mãe, as regras do colégio dizem: Ao sair da escola os meninos não devem saltar nem correr, mas ir para casa calmos e comportados”⁹.

Do seu período da escola a irmã relata o comentário de um jovem estudante, que diante dos colegas, Nietzsche exercia uma grande influência, quando perguntado por que se comportavam diferente na presença de Nietzsche, responderam: “ora, ele nos encara de um jeito que as palavras não saem da nossa boca”(...) Fritz sempre lhe parecera o Menino Jesus de doze anos no Templo”¹⁰.

Embora tenha vivido em meio religioso afirma em *Ecce Homo* “– ‘Deus’, ‘imortalidade da alma’, ‘redenção’, ‘o além’, meros conceitos aos quais não dediquei nenhuma atenção, tampouco tempo, mesmo quando criança, – eu talvez nunca tenha sido infantil o suficiente para tanto?”¹¹. Tal concepção remete a uma espécie de contradição no percurso do filósofo, uma vez que sua primeira tentativa de carreira foi a de pastor – mas, por outro lado, talvez por esquecimento, virtude que ele próprio cultivava como essencial à vida ativa. Tal fato, no entanto, passa despercebido.

⁷ JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Petrópolis: Vozes, 2016. v.1, p.47.

⁸ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p. 322

⁹ SAFRANSKI, Nietzsche, p.322.

¹⁰ SAFRANSKI, Nietzsche, p.323.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como alguém se torna aquilo que é**. Porto Alegre: Vozes. 2024, p.25.

Essa contradição tem eco em uma afirmação autobiográfica na *Genealogia da Moral*, na qual Nietzsche recorda suas primeiras investigações filosóficas na infância. Ele relata que, ao buscar a origem do bem e do mal, identificou Deus como o criador do mal, projetando assim a origem do mal para uma esfera metafísica, externa à realidade humana.

De fato, já quando era garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do bem e do mal: a ele dediquei, numa idade em que se tem “o coração dividido entre brinquedos e Deus”, minha primeira brincadeira literária, meu primeiro exercício filosófico – quanto à “solução” que encontrei então, bem, rendi homenagem a Deus, como é justo, fazendo-o Pai do mal.¹²

Portanto, estes acontecimentos na infância do jovem Nietzsche, nos remete à ligação com a religião e à sua posterior crítica, em especial à religião cristã. No entanto, elas também abrem espaço para um questionamento crucial: até que ponto a formação religiosa do próprio Nietzsche, partindo do pietismo de sua infância até o ceticismo de Zaratustra (Zaratustra é um céptico)¹³ ou o ateísmo que muitos lhe atribuem [...] “Zaratustra, o ateu...”¹⁴ – contribuíram para a formulação de sua crítica à moral religiosa cristã?

1.1 O rompimento com a religião cristã.

Em 1858, ingressou na prestigiosa escola de Pforta, um internato luterano conhecido por seu rigor acadêmico onde estudou grego, latim, teologia e literatura clássica. Onde estudou como bolsista devido a seu talento. “[...] Pois, poucos dias mais tarde, sua mãe recebeu uma carta do diretor da Landesschule Pforta (uma escola interna nas proximidades de Naumburg), na qual ele oferecia a seu filho uma bolsa integral, pois seu talento havia chamado a atenção de todos.”¹⁵

Desse período, dos vários interesses de Nietzsche destacam: “Já em 1862, quando era ainda muito moço estudante de ginásio de Pforta ele se interessou pelos trágicos gregos, pelos românticos modernos e por estudos consagrados à história e ao cristianismo.”¹⁶

No entanto, foi também no rigoroso ambiente de Pforta que Nietzsche começou a ter contato com as ideias que o conduziram ao caminho da crítica à religião. Suas leituras filosóficas, especialmente a obra fundamental de Arthur Schopenhauer, *O Mundo como*

¹² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.8.

¹³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p.65.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.79.

¹⁵ JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Petrópolis: Vozes, 2016, p.59

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015, p.7.

Vontade e Representação, somadas à efervescente corrente da crítica histórica à Bíblia, começaram a abalar de forma irreparável os alicerces de sua fé pietista.

A descoberta de Schopenhauer foi um terremoto. A visão de um universo governado não por um Deus benevolente, mas por uma vontade cega, irracional e insaciável, que se manifesta como sofrimento perpétuo, foi profundamente sedutora e desestabilizadora. Schopenhauer lhe deu a primeira ferramenta filosófica para conceber um mundo sem a providência divina cristã, um mundo muito mais trágico e dionisíaco.

Schopenhauer atacava a metafísica, a crítica histórica (de estudiosos como David Strauss, cuja obra *A Vida de Jesus* Nietzsche leu avidamente) atacava a historicidade das escrituras. Ele tratava a Bíblia não como texto sagrado, mas como um documento humano, cheio de mitos, emendas e contradições. Isso destruía a ideia de uma verdade revelada e apresentava o cristianismo como um fenômeno histórico construído por homens.

Foi a combinação dessas duas correntes que forjou o caminho de Nietzsche. De Schopenhauer, ele pegou a profundidade filosófica e a visão trágica, mas rejeitou a negação da vontade que era a solução do mestre. Da crítica histórica, ele aprendeu o método desmistificador. Juntos, eles o armariam para sua própria e única tarefa: não apenas negar Deus, mas diagnosticar por que e como a humanidade precisou criá-lo, e, finalmente, propor uma alternativa de afirmação total da vida.

Na universidade, Nietzsche abandonou a teologia para se dedicar à filologia clássica, talvez um sinal precoce de seu afastamento do cristianismo. Sua crítica à religião, que mais tarde se tornaria uma das marcas de sua filosofia, provavelmente teve raízes em sua vivência infantil. Ele via o cristianismo como uma moralidade que negava a vida e reprimia os instintos humanos, uma visão que pode ter sido influenciada pela rigidez religiosa de sua educação e pela dor da perda do pai e do irmão ainda jovem.

Apesar de seu posterior anticristianismo, a infância de Nietzsche mostra como a religião foi uma força formativa em seu pensamento. Sua obra, incluindo frases como Deus está morto e “[...] Nós o matamos! [...]”¹⁷, reflete não apenas uma rejeição à fé, mas também um profundo diálogo com a tradição religiosa que o moldou.

Mesmo após romper definitivamente com a fé cristã, Nietzsche nunca deixou de dialogar intensamente com ela. Suas críticas contundentes, como a definição da moral cristã como uma “moral de escravos” que glorifica a fraqueza, podem ser lidas como

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001, p.213.

uma reação direta à rigidez de sua educação. O pietismo doméstico, com sua ênfase obsessiva no pecado e na culpa, marcou-o profundamente. Foi precisamente essa marca que o impulsionou, de maneira quase compensatória, a buscar uma filosofia que realizasse o oposto: uma celebração trágica e incondicional da existência, o grandioso "sim à vida" proclamado por Zarathustra.

Desse modo, a infância de Nietzsche foi, paradoxalmente, o terreno fértil onde sua futura e radical negação de Deus se enraizou. Sua crítica ao cristianismo, por isso, nunca foi a de um ateu distante e indiferente, mas a de um ex-devoto que conhecia o objeto de sua crítica por dentro, com a intimidade feroz de um filho que precisa superar a perda do pai para existir por si mesmo.

Reconhece em partes o valor, ou a importância da religião, para um tipo de indivíduo que precisa da religião, em *Humano Demasiado*, chama de "lógico necessário", uma espécie de necessidade humana presente "nas paixões, na linguagem, na religião e em geral em tudo aquilo que empresta valor a vida, que não se pode extraí-lo sem com isso danificar irremediavelmente essas belas coisas."¹⁸ Conclui afirmando que: "mesmo o homem mais racional precisa outra vez, de tempo em tempo, da natureza, isto é, de sua postura fundamental ilógica diante de todas as coisas"¹⁹.

A afirmação, ou o reconhecimento da importância da religião para um tipo de indivíduo, também constata um problema, a religião entendida como algo profundo, afirma que tudo que é profundo "adora máscara", Nietzsche faz uma crítica por considerar na raiz da religião tudo aquilo que afasta o homem da vida. Que o leva à criação de valores para além da terra, valores que buscam sanção num além metafísico e que não afirmam a vida em sua potência criadora e trágica, enraizada no mundo terreno, no corpo e nos instintos.

Assim, a religião foi para Nietzsche tanto um trauma a ser superado quanto um adversário a ser enfrentado. Sua filosofia da vontade de poder, do eterno retorno e do além-do-homem pode ser lida como uma tentativa de criar um sentido para a existência, um sentido que sua infância sob a cruz não pôde oferecer.

Em resumo, a relação de Nietzsche com a religião foi marcada por uma tensão entre a devoção inicial e a posterior crítica, tornando sua trajetória um exemplo de como as experiências podem ecoar na filosofia de um pensador. É difícil determinar o momento

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: humano, demasiado humano**. São Paulo: Abril Cultural:1974, p.104.

¹⁹ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: humano, demasiado humano**, p.104

exato em que Nietzsche rompe com o cristianismo, mas a afirmação a carta para a irmã: “Se queres alcançar a paz de espírito e a felicidade, então crê; se queres ser um discípulo da verdade, então investiga.”²⁰ Ao que tudo indica demonstra, que Nietzsche seguiu a última sugestão não contentando com a verdade dada pela religião.

1.2 O Cristianismo como “Platonismo para o Povo”

É de conhecimento comum a teoria das ideias de Platão, um mundo das ideias perfeitas, mundo inteligível e um mundo de sombras, mundo sensível, este é um reflexo daquele e este é apenas uma cópia da perfeição do mundo das ideias. Este relato encontra-se no Livro VII da obra *A República*.²¹

Nietzsche utiliza essa estrutura platônica como a matriz filosófica para sua crítica ao cristianismo. Para ele, o cristianismo não fez senão popularizar e moralizar essa dualidade metafísica. Valendo-se do pensamento filosófico grego, o cristianismo espalhou a ideia de salvação, alma e um reino de Deus fora.

A religião nasce da criação de um Deus fora, um Deus que fosse capaz de responder as grandes questões humanas, uma explicação para os acontecimentos os quais o humano não tem uma explicação, a religião como uma necessidade de explicar o que aparentemente não tem uma explicação, uma espécie de acalento diante dos acontecimentos e dos estados de alma.

A religião cristã soube usar desses artifícios de falseamento da realidade para se colocar como criadora dos valores morais. Para Nietzsche, esse falseamento opera por meio de uma série de inversões sistemáticas: o que é fraco é transformado em bom; o que é forte e afirmativo é tachado de mau; o sofrimento é elevado a virtude; a resignação, a mérito; a vida terrena, desvalorizada em favor de um "além" prometido como recompensa. Ao falsear a realidade, ele não apenas nega os instintos e a potência criadora do homem, mas também o faz acreditar que sua própria negação é a expressão mais elevada da virtude. É nesse sentido que Nietzsche denuncia o cristianismo como uma "moral de rebanho" e como a mais bem-sucedida das ficções: não porque minta sobre fatos isolados, mas porque constrói um mundo inteiro de sentido que se volta contra a vida.

Embora critique duramente a moral cristã como expressões de decadência, ele também reconhece que essa mesma moral cumpriu uma função histórica fundamental:

²⁰ LIÁCER, Toni. **O super-homem e a vontade de poder**. São Paulo, Salvat, 2015, p.19.

²¹ PLATÃO. **A República**. Jandira SP, Principis, 2021, p.500.

1. ela conferia ao homem um valor absoluto, em oposição à sua pequenez e à sua natureza fortuita no fluxo do devir e do desaparecer 2. ela servia aos advogados de Deus, na medida em que franqueava ao mundo, apesar do sofrimento e do mal, um caráter de perfeição, — aí incluída esta “liberdade” — o mal parecia pleno de sentido 3. ela coloca no homem um saber que assenta em valores absolutos e lhe traz assim um conhecimento adequado sobre o que, precisamente, é o mais importante, ela impedia que o homem se desprezasse enquanto homem, que ele tomasse partido contra a vida, que ele desistisse do conhecimento: ela era um meio de sobrevivência: — no todo: a moral era o grande remédio contra o niilismo prático e teórico.²²

Nietzsche se mostra avesso a tudo aquilo que sequestra o ser humano da realidade, tudo aquilo que remete a um ideal metafísico ou a um fundamento extraterreno. Estas fundamentações não encontrariam nenhuma efetividade na vida, se mostrando contrárias a própria vida.

Na sua primeira obra, “O nascimento da tragédia no espírito da música, 1872”, obra esta, que não teve boa aceitação por parte da crítica, já aparece como temática do distanciamento da realidade, retratada na figura de dois deuses Apolo e Dionísio. Já nesta primeira obra tendo como plano de fundo o diálogo com a tragédia, em específico com a mitologia grega, Apolo representa todo ideal a ser alcançado ao passo que Dionísio representa a realidade como é.²³

Apolo representa o aspecto do ideal humano, uma representação da arte plástica que vê na representação da perfeição artística, a perfeição moral. A moral é idealizada numa perspectiva harmônica, o ideal da bela alma, os gregos eram o modelo a ser buscado nesta dimensão apolínia. Em contra partida Dionísio representa os aspectos trágicos da vida, nascimento, morte, sofrimento e dor. Aspectos da vida negados a partir de um modelo apolíneo.²⁴

O cristianismo ao elevar os valores morais para além do mundo, afasta o homem da terra, criando a ideia de imortalidade da alma, paraíso e o reino de Deus. Negando a efetividade da vida, ou a realidade das coisas, a invenção cristã dessa realidade para além do mundo, além da vida levou o homem ao cansaço.

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a efetividade. somente causas imaginárias (“Deus”, “alma”, “eu”, “espírito”,

²² SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche. O niilismo europeu. Rio de Janeiro - v. 8 - nº 21 - p. 5 a 23 - julho / dezembro 2003. Disponível em: <https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/27190-Niilismo-Europeu.pdf>. Acesso em: 21.jun.2026.

²³ JUNIOR, Oswaldo Giacoia. “O sentido do Trágico: Nietzsche hoje”. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8mbTc1v30oo&t=1211s>. Acesso: 24 de out. 2025.

²⁴ JUNIOR, Oswaldo Giacoia. “O sentido do Trágico: Nietzsche hoje”. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8mbTc1v30oo&t=1211s>. Acesso: 24 de out. 2025.

“a vontade livre” —ou ainda a “não livre”); somente efeitos imaginários (pecado”, “redenção”, “clemencia”, “castigo”, “remissão dos pecados”).²⁵

Nietzsche enxerga no cristianismo uma religião da fantasia, da imaginação que carece de conceitos naturais, fruto da idealização de uma fantasia criada por Paulo, que nega a realidade obrigando o homem a se relacionar com o imaginário:

Uma transação entre seres imaginários (“Deus”, “espíritos”, “almas”); uma ciência imaginária da natureza (antropocêntrica: total ausência do conceito de causas naturais); uma psicologia imaginária (somente mal-entendidos sobre si interpretações de sentimentos gerais agradáveis ou desagradáveis, por exemplo, os estados de *nervus sympathicus*, com auxílio da linguagem simbólica da idiosincrasia moral-religiosa — “arrepentimento”, “remorso”, “consciência”, “tentação do diabo”, “a proximidade de Deus”); uma teleologia imaginária (“o reino de Deus”, o Juízo Final, a vida eterna)²⁶.

Toda essa inventividade cristã levou a perda da efetividade da vida, a crença na vida como vontade de potência, vontade de vida, que se afirmar e que deseja viver. A invenção do reino de Deus, trouxe o esquecimento do reino do homem. Em, *O Anticristo*, (1888), Nietzsche afirma que o cristianismo é uma versão popularizada do platonismo, que desvaloriza o mundo real em favor de um reino dos céus imaginário. Essa desvalorização do mundo em detrimento de um além, teria como consequência a desvalorização da vida. Que por sua vez levaria ao niilismo.

[...]O cristianismo foi desde o início, essencial e basicamente, asco e fastio da vida na vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se enfeitava sob a crença em “outra” ou “melhor” vida. O ódio ao “mundo”, a maldição dos afetos, o medo à beleza e à sensualidade, um lado-de-lá inventado para difamar melhor o lado-de-cá, no fundo um anseio pelo nada, pelo fim, pelo repouso, para chegar ao “sabá dos sabás” — tudo isso, não menos do que a vontade incondicional do cristianismo de deixar valer *somente* valores morais, se me afigurou sempre como a mais perigosa e sinistra de todas as formas possíveis de uma “vontade de declínio”, pelo menos um sinal da mais profundo doença, cansaço, desânimo exaustão, empobrecimento da vida — pois perante a moral (especialmente a cristã, quer dizer, incondicional), a vida tem que carecer de razão de maneira constante e inevitável, porque é algo essencialmente amoral — a vida, opressa sob o peso do desdém e do eterno não, tem que ser sentida afinal como indigna de ser desejada, como não-válida em si.[...]²⁷

Nietzsche chama esse processo de moralização de corrupção do animal humano por meio da negação do instinto, negação daquilo que é próprio do homem. “Denomino corrompido um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde seus instintos, quando

²⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: O anticristo**. São Paulo: abril cultural:1974, p.357.

²⁶ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**, p 357.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p, 19.

escolhe, quando prefere o que lhe é pernicioso.”²⁸ Que teria como consequência a repressão dos instintos, a negação do corpo, dos desejos e tudo aquilo que para o cristianismo representa um impedimento para alcançar a perfeição da alma (como a repressão da sexualidade, a castidade como ascetismo) e a criação de valores morais que ele denomina valores dos fracos.

Ao passo que a vida mesma é instinto, vontade de potência que busca e quer se afirmar a todo tempo, onde falta esta vontade de potência há o declínio e decadência. “A vida mesma vale para mim como instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de potência: onde falta a vontade de potência, há declínio.”²⁹

O cristianismo tem como valor fundante a compaixão, que para Nietzsche é contrário a potência de vida, a afirmação da vida, valor que olhar para trás, um constante rebaixar. A compaixão que é a característica dominante no cristianismo é a oposição aos valores que promovem a vida.

Denomina-se o cristianismo a religião da compaixão — a compaixão está em oposição às emoções tônicas, que elevam a energia do sentimento vital: tem efeito depressivo. Perde-se força, quando se compadece. Com a compaixão aumenta e multiplica-se ainda o desgaste de força, que já em si o padecimento traz a vida.³⁰

Reconhece e ao mesmo tempo e critica o pensamento do mestre Schopenhauer, que via na compaixão um valor moral, a ética da compaixão e a negação da vontade. Nietzsche enxergar aí a prática niilista, porém ao contrário do nada, a religião transformou em: “além da vida”; ou “Deus”; ou “a verdadeira vida”; ou nirvana, redenção, bem-aventurança.”³¹ Que teria como pano de fundo: “a tendência hostil à vida. Schopenhauer era hostil à vida: por isso a compaixão, para ele, se tornou virtude”.³²

Na segunda dissertação da “Genealogia da moral”, Culpa, má consciência e afins, investiga a ideia de culpa e pecado original. Como surge a ideia de culpa, ou pecado original? A ideia de mancha, de uma ação que não praticamos, mas somos responsáveis eternamente por ela?

Nietzsche constrói uma genealogia da culpa e da má consciência a fim de chegar à raiz daquilo que enxergava como sendo um valor moral que puxa para trás, que é contrário a potência de vida. Nesta genealogia da culpa vê no cristianismo o motor

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. São Paulo: abril cultural, 1974, p.55.

²⁹ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**, p.55.

³⁰ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**. São Paulo: abril cultural, 1974 p.355.

³¹ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**, p.356.

³² NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**, p.356.

principal desse sentimento de culpa no qual colocou a culpa no indivíduo, com a doutrina de pecado original, uma dívida impagável, na qual o devedor está sempre em débito. “O advento do Deus cristão, deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa”.³³

A doutrina do pecado original é a consumação desse processo que torna o homem inimigo de si mesmo. Ela institucionaliza a "má consciência": a dívida, que outrora era um contrato social externo, torna-se uma culpa interna e impagável. O devedor, agora é incapaz de saldar o que deve a um credor infinito (Deus), vê a má consciência se enraizar como uma incapacidade crônica de quitar a dívida, voltando toda a crueldade do homem para dentro, contra si próprio.

Não se pode duvidar: primeiramente enquanto “devedor”, na qual a má consciência de tal modo se enraíza, corroendo e crescendo para todos os lados como pólipos, que, por fim, com a impossibilidade de pagar a dívida, se concebe também a impossibilidade da penitência, a ideia de que não se pode realizá-la (o “castigo eterno”).³⁴

Por fim se volta contra o próprio credor, na figura de um deus se crucificado para redimir seus credores de uma dívida eterna, um sacrifício feito por amor aos seus devedores, uma dívida que nem os devedores conseguiram se redimirem. Dívida essa contraída no começo.

[...] na causa prima do homem, o começo da espécie humana, o seu ancestral, que passa a ser amaldiçoado (Adão, pecado original, privação do livre arbítrio), ou a natureza, em cujo seio surge o homem, e na qual passa a ser localizado o princípio do mal (“demonização da natureza”).³⁵

Para Nietzsche, esse foi o golpe de gênio definitivo do cristianismo: a ideia de que o próprio credor infinito (Deus) se compadece de seus devedores (a humanidade) e, por amor, se oferece em sacrifício para pagar a dívida que eles próprios contraíram contra Ele.

[...] — Até que subitamente nos achamos ante o expediente paradoxal e horrível no qual a humanidade atormentada encontrou-se um alívio momentâneo, aquele golpe de gênio do cristianismo: o próprio Deus se sacrificando pela culpa dos homens, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como único que pode redimir o homem naquilo que para o próprio homem se

³³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p.73

³⁴ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.74

³⁵ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.74.

tornou irredimível — o credor se sacrificando por seu devedor, por amor (é de se dar crédito?), por amor a seu devedor!...³⁶

O cristianismo, nessa leitura, é um platonismo para o povo, uma versão acessível às massas da desvalorização filosófica do mundo sensível. O que em Platão era uma teoria do conhecimento e da política, no cristianismo torna-se uma doutrina de salvação, prometendo a vida eterna em um mundo verdadeiro como recompensa pelo sofrimento e pela renúncia neste mundo de aparência.

Assim, ao ensinar que a verdadeira vida está em outro lugar, o platonismo e o cristianismo condenam o homem a desprezar o corpo e os sentidos, a ver o sofrimento como castigo ou prova, um meio para atingir um fim, e não como parte da vida, projeta a felicidade para um além, em vez de construí-la aqui e faz com que o homem sinta culpado por simplesmente existir no mundo sensível.

1.3 Jesus vs. Paulo: A Distorção da Mensagem Original

Nietzsche, em sua análise, apresenta duas figuras centrais e antagônicas para a compreensão do cristianismo: Jesus e Paulo. Para o filósofo, eles representam duas facetas radicalmente distintas, quase duas religiões diferentes, por isso, sua crítica a cada um é profundamente diferenciada.

Enquanto Jesus é visto como uma figura singular, ainda que problemática, Paulo é considerado o grande *corruptor* da mensagem original, responsável por institucionalizar uma religião de ressentimento, o fundador do cristianismo que corrompe a mensagem do evangelho. “Em Paulo toma corpo o tipo oposto ao “portador da boa notícia”, o gênio no ódio, na visão do ódio, na inexorável lógica do ódio”³⁷.

Nietzsche aponta Paulo como aquele que distorceu a mensagem de Jesus, transformando-a em uma religião de culpa e dominação visando interesses políticos. De ter se afastado da verdadeira mensagem de Jesus ao transformar o cristianismo num viés político e nem mesmo se atendo aos fatos históricos.

O que esse disangelista não ofereceu em sacrifício ao ódio! Antes de tudo, o redentor: ele pregou em sua cruz. A vida, o exemplo, o ensinamento, a morte, o sentido e o direito do Evangelho inteiro — nada mais existia, quando esse moedeiro falso por ódio lançou mão somente daquilo que podia aproveitar. Não a realidade, não é verdade histórica! [...]³⁸

³⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p.74.

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: O anticristo**. São Paulo: Abril Cultural:1974, p.360.

³⁸ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**, p.360.

A crença na ressurreição reflete o ódio cristão ao mundo real e desvaloriza a vida terrena, a promessa de um corpo glorioso no além nega o valor do corpo e da existência material. “Paulo simplesmente deslocou o centro de gravidade daquela inteira existência, para trás desta existência — na mentira do Jesus “ressuscitado””.³⁹

A crença na imortalidade foi a maneira que Paulo encontrou de formar rebanho e cultivar a dependência dos fiéis, que passam a viver em função de uma recompensa pós-morte, tornando-se escravos da esperança. “A invenção de Paulo, seu meio para tirania de padres, para formação de rebanhos: a crença na imortalidade — isto é, a doutrina do “juízo...”.⁴⁰ A ideia de uma possível condenação eterna.

É uma forma de vingança, a ressurreição inverte a lógica do poder, os humilhados (os cristãos) triunfam simbolicamente sobre os fortes (Roma, os nobres). Ressentimento e a moral de escravos, denominada assim por Nietzsche, inverteu os valores nobres (força, orgulho, vitalidade) em valores fracos (humildade, obediência, ascetismo), promovendo uma moral que beneficia os oprimidos contra os poderosos. “—a partir do ressentimento das massas ele forjou para si a principal arma que tem contra nós, contra tudo o que é nobre, alegre magnânimo sobre a terra, contra a nossa felicidade sobre a terra...”⁴¹ Isso servia para dominar as massas, especialmente os oprimidos, dando-lhes uma falsa sensação de superioridade moral.

Nietzsche vê Jesus como um tipo psicológico único, um *homem livre* que viveu, em sua prática, além do bem e do mal convencionais. Isento de ódio e da moralidade de rebanho, Jesus não travou nenhuma guerra contra seus opositores. Sua postura não era de luta, mas de afirmação passiva e amorosa. Ele não almejava poder político ou religioso; sua mensagem consistia numa ética pessoal e imediata, uma forma de viver, e não uma doutrina organizada para ser imposta aos outros.

Interpreta a mensagem de Jesus como uma negação da luta, uma recusa em resistir ao mal ("ofereça a outra face"), o que ele vê como uma forma de fraqueza, mas não de hipocrisia. “A incapacidade de resistência torna-se aí moral (“não resista ao mal” [Mateus, 5, 39], a frase mais profunda dos evangelhos, sua chave, em certo sentido), a beatitude na paz, na brandura, no não poder ser inimigo”.⁴²

³⁹ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**. São Paulo: Abril Cultural:1974, p.360.

⁴⁰ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**, p.360.

⁴¹ NIETZSCHE, **Obras Incompletas: O anticristo**, p.360.

⁴² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.36.

A singularidade de Jesus, aos olhos de Nietzsche, reside precisamente na ausência de dogmas, teologia ou sistemas morais rígidos. Ele não foi um teólogo construindo doutrinas, nem um moralista elaborando códigos de conduta. Sua vida foi o seu principal, e talvez único, argumento.

Jesus representa, um tipo psicológico radicalmente diferente daquele que viria a ser consagrado como cristianismo. Sua existência era uma prática, não uma crença. O reino de Deus que ele anunciava não era uma promessa para depois da morte, mas uma realidade interior e imediata, um modo de ser no mundo caracterizado por: inocência, não reatividade e imanência.

Que significa “boa nova”? A vida verdadeira, a vida eterna foi encontrada — não é prometida, está aqui, está em vocês: como vida no amor, no amor sem subtração nem exclusão, sem distância. Cada um é filho de Deus — Jesus não reivindica nada apenas para si —, como filho de Deus cada um é igual ao outro...⁴³

A visão de Jesus como herói ou um gênio foram termos que desvirtuaram a mensagem do evangelho, no que refere ao gênio, para Nietzsche Jesus seria mais bem usado como *idiota*, personagem da obra de Dostoiévski que vive uma vida honesta em uma sociedade corrompida.

“Fazer de Jesus um herói! — E que mal-entendido é sobretudo a palavra “gênio”! Nada de nosso conceito de “gênio”, um conceito de nossa cultura, tem algum sentido no mundo em que vive Jesus. Falando com o rigor do fisiólogo, caberia uma outra palavra aqui — a palavra “idiota””⁴⁴.

Jesus não pregou a ideia de uma realidade para além desse mundo, sua mensagem era sobre o Reino de Deus como uma realidade interior, não um evento futuro. “O reino de Deus está em vós...”⁴⁵. A separação entre Jesus homem e o Jesus Deus elevou a qualidade daquilo que não é do homem, ao passo que a boa nova é a afirmação da vida. “A “boa nova” é justamente que não mais existem oposições; o reino do céu pertence às crianças; a fé que aí se exprime não é uma fé conquistada — ela está aí, existe desde o começo, é como que um infantilismo recuado para o plano espiritual”⁴⁶.

Um “espírito livre” cuja vida foi uma prática de amor radical, não uma doutrina. “— Seria possível, com alguma tolerância de expressão, chamar Jesus um “espírito livre”

⁴³ NIETZSCHE, **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.36.

⁴⁴ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.36.

⁴⁵ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.36.

⁴⁶ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.39.

— ele não faz caso do que é fixo: a palavra mata, tudo que é fixo mata.”⁴⁷. Que viveu os aspectos afirmativos da vida.

O conceito, a experiência “vida”, no único modo como ele a conhece, nele se opõe a toda espécie de palavra, fórmula, dogma, fé, lei. Ele fala apenas do que é mais íntimo: “vida”, “verdade”, “luz” é sua palavra para o que é mais íntimo — todo o resto, a realidade inteira, toda a natureza, a própria linguagem, tem para ele apenas o valor de um signo, de uma metáfora.⁴⁸

Na prática Jesus ensinou ao homem a viver com sua própria vida. “Esse “portador da boa nova” morreu como viveu, como ensinou — não para “redimir os homens”, mas para mostrar como se deve viver”.⁴⁹ Morreu como viveu, afirmando a vida em toda sua significação. “Não defender-se, não encolerizar-se, não atribuir responsabilidade... Mas tampouco resistir ao mau — amá-lo...”⁵⁰

O grande paradoxo, para Nietzsche, é que esse modo de vida, por ser tão singular e inefável, precisou ser traído para sobreviver. Paulo, o verdadeiro fundador do cristianismo como religião, não compreendeu (ou não aceitou) essa prática de Jesus. Ele a traduziu para a linguagem que dominava: a da lei, do pecado, da culpa e da redenção. Transformou o mestre numa doutrina sobre o mestre, e a prática numa crença sobre a prática.

Para Nietzsche Paulo foi o verdadeiro fundador do cristianismo institucional e grande desvirtuador da mensagem de Jesus, que corrompeu o ensinamento de Jesus ao criar dogmas como o pecado, redenção e a ressurreição.

Com a insolência rabínica que sempre o caracteriza, Paulo racionalizou esta concepção, esta obscenidade de concepção, da seguinte forma: “se Cristo não ressuscitou de entre os mortos, é vã a nossa fé” [1Coríntios, 15, 14]. — E de uma só vez o evangelho se tornou a mais desprezível das promessas não realizáveis, a desavergonhada doutrina da imortalidade pessoal... O próprio Paulo ainda a ensinava como recompensa!...”⁵¹

Em certo sentido, sim, Nietzsche vê Jesus como uma figura mais autêntica, porém ainda que problemática, por sua negação da vida terrena, sua mensagem de humildade, perdão e esperança em um reino além-mundo o que é, para ele, uma forma de decadência enquanto, Paulo é o arquiteto do cristianismo, uma religião que nega a vida, glorifica a fraqueza e impõe uma moral opressiva.

— O parasitismo como única prática da Igreja; tirando todo sangue, todo amor, toda esperança de vida com seu ideal de anemia, seu ideal de “santidade”; o além como vontade de negação de toda realidade; a cruz como

⁴⁷ NIETZSCHE, **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.369.

⁴⁸ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.39.

⁴⁹ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.49.

⁵⁰ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.42.

⁵¹ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.48.

distintivo da mais subterrânea conspiração que já houve — contra saúde, beleza, boa constituição, bravura, espírito, bondade de alma, contra a vida mesma...⁵²

Se Jesus foi um santo da recusa, Paulo foi o político da fé, o verdadeiro criador do cristianismo como força histórica. Para Nietzsche, Paulo é muito mais perigoso, pois sistematizou o que em Jesus era apenas uma postura individual, uma atitude existencial diante da vida. Foi Paulo quem idealizou o Deus fora do mundo, um Deus que intervém na realidade e a julga de fora, instaurando assim a crença em um além que desvaloriza o mundo terreno e impõe a moral do rebanho como norma universal.

[...]O cristianismo como fórmula para suplantar os cultos subterrâneos de toda espécie, o de Osiris, da Grande Mãe, de Mithra, por exemplo—e somá-los; nessa instituição consiste o gênio de Paulo. Seu instinto estava tão seguro nisso, que as representações, com as quais aquelas religiões de chandala fascinavam, eles após, com impiedosa violência contra a verdade, na boca daquele “salvador”, de sua invenção, e não somente da boca— que, deste, ele *fez* algo que também o padre de Mithra podia entender ... Esse foi seu instante de Damasco: ele compreendeu que tinha *necessidade* da crença na imortalidade para desvalorizar “o mundo”, que o conceito “inferno” ainda se tornaria senhor sobre Roma—que com o “além” se mata a vida... Nihilist und Christ, niilista e cristão: isso rima, isso não riam apenas...⁵³

Portanto, Paulo representa o cristianismo institucionalizado, que afasta cada vez mais o homem do mundo com a promessa de um Reino de Deus, uma idealização de uma vida para o além, que desvaloriza a existência terrena em favor de uma recompensa futura. Essa operação paulina é a grande virada na história do Ocidente: ao transformar a mensagem de Jesus, que era, em sua origem, uma postura individual de recusa ao mundo, em uma doutrina universal e institucional, Paulo cria as condições para que o cristianismo se torne uma máquina de poder e de domesticação dos instintos.

A promessa de um Reino de Deus não é mais uma experiência interior, mas uma esperança projetada para depois da morte, um horizonte que desvia o homem de sua responsabilidade sobre a terra e o mantém submisso à autoridade da Igreja. Com isso, o mundo terreno passa a ser visto como mera passagem, o corpo como prisão da alma, e o sofrimento como prova de fé, tudo em nome de uma vida futura que nunca se realiza no presente. É nesse sentido que Paulo é o verdadeiro adversário da vida: não aquele que nega abertamente, mas aquele que, ao prometer o céu, condena a terra ao esquecimento.

⁵² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.79.

⁵³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas: O anticristo**. São Paulo: Abril Cultural: 1974, p.361,368.

1.3 Cristianismo e budismo: vantagens e desvantagens entre as duas religiões

Nietzsche apresenta uma análise entre duas grandes religiões, o budismo e o cristianismo, a fim de apontar as vantagens e as desvantagens de ambas, colocando o budismo em condição de superioridade ao cristianismo, justamente pelos aspectos afirmativos da vida e não negação do mundo em detrimento de uma vida no além.

Ele apresenta o cristianismo como ilusão que afasta o homem do mundo, prometendo um paraíso pós-morte, fazendo com que ele negue a vida em todos seus aspectos trágicos, em detrimento dessa promessa de uma vida melhor, que levaria ao comprometimento da moralidade da responsabilidade com a terra negando a existência através da fantasia de um mundo melhor no além.

Segundo o Professor Adilson Feiler, em sua tese de doutorado "Os Lebenshöhepunkte como ethos cristão em Hegel e Nietzsche a partir dos conceitos de "destino" e "amor", o cristianismo operou um progressivo distanciamento da prática diária, contribuindo decisivamente para o afastamento do homem do livro da vida, das vivências concretas.

Quando ele (Nietzsche) de maneira toda particular no texto denominado anticristo ele vai fazer estabelecer toda essa crítica do cristianismo que é deixar aquilo que o caracteriza basicamente que é a dimensão do amor da prática de vida, o cristianismo deixa de ser prática de vida para se tornar um conjunto de regramentos morais e com isso perde o seu distintivo.⁵⁴

O cristianismo, compreendido enquanto instituição normativa, elevou ao status de verdade absoluta os valores morais que criou, apresentando-os como um decano de regras e normas de conduta supostamente universais e eternas. O que em Jesus era uma vivência, uma prática de vida não-ressentida e afirmativa, tornou-se, nas mãos do cristianismo, um sistema doutrinário fechado, com mandamentos, proibições e penalidades

O Cristianismo, compreendido como estranho, exterior, ou seja, como lei moral, é no fundo uma compreensão que designa um ponto comum: a maneira despótica e autoritária com que o mesmo tem conduzido o destino dos indivíduos. Ao invés de se acolher de maneira inclusiva todo o fato, utiliza-se este como um contraponto à existência, resultando a exterioridade alienada, a fraqueza, a doença e a resignação.⁵⁵

⁵⁴ FEILER, Adilson Felício. "O Ethos Cristão em Hegel e Nietzsche". Canal Linha de Divisa, 05 de maio de 2022. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHUu89fZc28>. Acesso em: 20 fev.2026.

⁵⁵ FEILER, Adilson Felício. **Os Lebenshöhepunkte como ethos cristão em Hegel e Nietzsche e a partir dos conceitos de "destino" e "amor**. Orientador: Agemir Bavaresco. 2013. 51 f. Tese Doutorado em Filosofia. - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2946>. Acesso em: 20 fev. 2026.

No que refere a religião, Nietzsche declara seu posicionamento crítico ao cristianismo, se declarando guerra quanto ao que ele chama da maior cilada da humanidade. O cristianismo não é apenas uma religião entre outras, é uma armadilha mortal que capturou a humanidade e a envenenou por dois milênios. Ele não se apresentou como inimigo, mas como salvador e seduziu a humanidade com promessas de amor, redenção e vida eterna e, no processo, envenenou a própria fonte da vida.

Em *O Anticristo: Maldição contra o Cristianismo* (1888), estabelece uma comparação sistemática entre o cristianismo e o budismo, utilizando esta última como um contraponto estratégico para evidenciar, por contraste, a degenerescência do cristianismo. Ambos são classificados como religiões *niilistas* ou *decadentes*, mas com diferenças fundamentais que tornam o budismo, aos olhos de Nietzsche, mais realista, mais honesto e até superior. “As duas são próximas por serem religiões niilistas — religiões de decadência —, as duas se diferenciam de modo bastante notável”.⁵⁶

Mesmo ambas apresentando elementos niilista Nietzsche coloca o budismo em condição de superioridade em relação ao cristianismo, onde encontra elementos contrários aos que ele chama de afirmação da vida. O budismo apresenta alguns elementos considerados negativos como: negação da vontade, o nirvana é como forma de extinção do desejo, o que para Nietzsche é negar a vida é o ascetismo passivo, o ideal do monge budista é, como o cristão, fugir do mundo em vez de dominá-lo. Contudo descreve os pontos contrastantes de ambas, colocando o budismo em uma condição de vantagem frente ao cristianismo tendo um ponto principal: a afirmação da vida e um elemento de realidade.

A rejeição a Deus, o budismo é uma religião não-teísta, o que a torna mais honesta que o cristianismo, por não prometer, ou criar um Deus fora da realidade humana e que intervém constantemente nesta realidade, como fez o cristianismo. No budismo não há Deus.

— O budismo é mil vezes mais realista do que o cristianismo — ele carrega a herança da colocação fria e objetiva dos problemas, ele vem após séculos de contínuo movimento filosófico, o conceito de “deus” já foi abolido quando ele surge.⁵⁷

⁵⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.24.

⁵⁷ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.24.

O budismo como uma religião afirmativa da vida, sem pecado e sem culpa que leva a suportar o sofrimento dessa vida, está para além dos conceitos morais, que leva afirmação daquilo que está “além do bem e do mal”. Adota uma espiritualidade em conformidade com a natureza, como forma de combater a doença do corpo e valorização da saúde do espírito.

Contra isso adota a vida ao ar livre, as andanças, a moderação e a escolha na comida; a cautela com as bebidas alcoólicas; cautela igualmente com os afetos que produzem bílis ou esquentam o sangue; nenhuma preocupação, consigo ou com outras pessoas. Ele solicita idéias que dêem tranquilidade ou animem — ele inventa meios para desabituar-se das demais. Ele entende a bondade, o ser bondoso, como algo que promove a saúde. A oração é excluída, assim como a ascese; nenhum imperativo categórico, nenhuma coação absolutamente, mesmo dentro do mosteiro (— pode-se sair dele —).⁵⁸

Não há necessidade de combater quem pensa contrário, que livraria o budismo do sentimento de ressentimento, que Nietzsche sempre deixa em evidência no cristianismo como fonte da criação dos valores morais cristãos.

Justamente por isso ele também não solicita que se combata os que pensam diferentemente; não há nada a que sua doutrina mais se oponha do que ao sentimento de vingança, de aversão, de ressentimento [ressentimento] (— “não é pela inimizade que tem fim a inimizade”: o tocante refrão de todo o budismo...).⁵⁹

Ausência de culpa, o budismo não tem "pecado", apenas sofrimento e um método prático (o Caminho Óctuplo) para superá-lo, não se de negar que ele exista, mas uma aceitação sem ressentimento. Foco no indivíduo, o nirvana é uma autossuperação, não uma submissão a um deus. No budismo encontra aquilo pode ser realizado, não um ideal para além do mundo, não uma fantasia imaginária não um sonho cristão.

O pressuposto para o budismo é um clima bastante ameno, grande mansidão e liberalidade nos costumes, nenhum militarismo; e que o movimento tenha sua origem nas classes mais elevadas e mesmo eruditas. A jovialidade, o sossego, a ausência de desejos são objetivo supremo, e o objetivo é alcançado. O budismo não é uma religião em que meramente se aspira à perfeição: o perfeito é o caso normal.⁶⁰

Nietzsche dedica boa parte da obra, *O anticristo*, para fazer elogios ao budismo em relação ao cristianismo, ele vê objetivo no budismo, a não negação dos aspectos trágicos da vida, a não estimular o sofrimento, nem o usá-lo como um ideal, para atingir um fim imaginário, mas aceitá-lo. “O budismo, repito, é mil vezes mais frio, mais verdadeiro, mais objetivo. Ele já não tem necessidade de tornar decente seu sofrer, sua

⁵⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.24.

⁵⁹ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.25.

⁶⁰ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.26.

suscetibilidade à dor, com a interpretação do pecado — ele diz simplesmente o que pensa: “eu souso”.⁶¹

Por outro lado, houve no cristianismo uma forma recompensar uma certa desvantagem do homem frente a natureza, a vida humana não faz sentido ser, ela é fruto do acaso e da mesma forma que aparece e desaparece e estamos em desigualdade se tratando dos outros seres da natureza.

O cristianismo deu sentido à vida. É melhor ter algum sentido, ainda que seja uma ilusão ou uma fantasia, do que não ter sentido algum.” [...] e preferirá ainda *querer o nada a nada querer*. ”⁶²

Uma tentativa especialmente genial nesse sentido fora — para Nietzsche — o cristianismo. Este concedeu três vantagens aos desprestigiados: conferiu ao ser humano um valor absoluto, em contraste com sua pequenez e casualidade na torrente do devir e do passar (12,211); em segundo lugar, o mal e o sofrimento se tornaram suportáveis na medida em que foi atribuído um sentido; e em terceiro, na crença da criação, o mundo foi entendido como algo repassado pelo espírito, portanto cognoscível e valioso. Assim o cristianismo impediu que o ser humano, por natureza em desvantagem, se desprezasse enquanto o ser humano e tornar partido contra a vida (12,211). A interpretação cristã da vida abafou a crueldade da natureza e animou e preservou para a vida pessoas que talvez tivessem desesperado de outro modo. Em suma ela é proteceu do niilismo os malogrados (12,215).⁶³

Mas o cristianismo apresenta valores contrários ao budismo, a existência de um Deus que o homem deve render culto, a repressão dos instintos, a valorização do sofrimento, o desprezo pelo corpo, o ideal inatingível é visto como graça concedida a uns poucos a negação de princípios elementares com a higiene. “Nele o corpo é desprezado, a higiene é repudiada como sensualidade; a Igreja se opõe até à limpeza (a primeira medida cristã após a expulsão dos mouros foi o fechamento dos banhos públicos, dos quais apenas Córdoba possuía)”.⁶⁴

A religião cristã representa tudo que é contrário a elevação do homem, os valores cristãos são contrários a vida, negam a existência naquilo que são aspectos elementares para uma existência neste mundo e se fundamentando toda a vida para além desta.

⁶¹NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.27.

⁶² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. p.80.

⁶³ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2017.p.271.

⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.26.

Nós, outros, que temos a coragem para a saúde e também para o desprezo, como poderíamos nós desprezar uma religião que ensina a desprezar o corpo! Que não quer desfazer-se da superstição da alma! Que faz da nutrição insuficiente um “mérito”! Que vê e combate na saúde uma espécie de inimigo, demônio, tentação! Que se convenceu de que é possível levar uma “alma perfeita” num corpo cadavérico, e para isso teve necessidade de aprontar um novo conceito de “perfeição”, um ente pálido, doentio, idiota entusiasta chamado “santidade” — santidade, apenas uma série de sintomas do corpo empobrecido, enervado, incuravelmente corrompido! ⁶⁵

O cristianismo disseminou os valores considerados por Nietzsche como valores dos fracos. Ele democratizou o sofrimento, não o sofrimento pelo sofrimento, mas como uma forma de atingir um ideal. Assim, o cristianismo venceu por meio da maioria: uma maioria ressentida que vota contra tudo aquilo que é nobre e de espírito livre. “O movimento cristão, enquanto movimento europeu, é desde o início um movimento geral dos elementos de refugio e desejo de todo tipo: — esses querem chegar ao poder com o cristianismo”.⁶⁶

Com isto se espalha pela Europa uma vez que em todo canto se encontra um ressentido. “O grande número tornou-se senhor; o democratismo dos instintos cristãos venceu...”.⁶⁷

No que diz respeito a religião e em particular ao cristianismo, como forma de anestesiar os males que de outro modo não seria possível ser removidos⁶⁸. Com o avanço da ciência o homem teria conhecimento da causa real dos males e não buscaria mais fora uma explicação.

Se o conhecimento de natureza avança, em lugar das *casualidades fantásticas* (3,24; M) se descobrem as causalidades verdadeiras, não se precisará mais, por exemplo, encarar as enfermidades como sentença divina e, em lugar de rezar e fazer sacrifícios e se tomará o remédio adequado.⁶⁹

E o aspecto psicológico da religião? Aquilo que se manifesta como sentimento religioso? A resposta a essas perguntas reside no próprio modo de valoração do cristianismo, que incutiu um sentimento de culpa e de pecado original, uma dívida eterna da qual todos somos devedores.

[...] Ela diz: o cristianismo foi originalmente uma religião de pessoas que viviam em miséria e opressão, que não eram nobres e por isso não pensava em si mesmas como seres nobres, uma região de pouca autoestima. O cristianismo

⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.26.

⁶⁶ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.62.

⁶⁷ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.62.

⁶⁸ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017.p.175.

⁶⁹ SAFRANSKI, **Nietzsche**, p.175.

mergulhava os seres humanos definitivamente na *lama profunda* (2,118), na qual já estavam enfiados.⁷⁰

O cristianismo como um grande mitigador do sofrimento deu um fim a dor, um sentido para aquilo pelo qual não há sentido. O homem passa a buscar o sofrimento como forma de atingir um fim, tornando a vida cansada. E esse cansaço não eleva o homem enquanto ser no mundo, mas cria uma espécie de comodismo diante da vida.

O cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado, pelo tanto de perigoso e temerário que arriscou para esse fim, pelo modo sutil, refinado, meridional-refinado com que intuiu sobretudo os afetos estimulantes com que pode ser vencida a profunda depressão, o cansaço de chumbo, a negra tristeza dos fisiologicamente travado.⁷¹

À medida que a moral se afasta do mundo, mesmo que se volte para o indivíduo ainda apresentaria características metafísicas, como um ideal a ser alcançado. “A moral ainda, que se dirige ao indivíduo, aposta em uma melhoria do mundo e simplificação de seus contrastes. A moral, diz Nietzsche, tornou-se o verdadeiro *deus ex-machinados* tempos modernos se regularizados.”⁷²

Falta-lhe sabedoria dionísica, os aspectos trágicos do existir, à medida que afasta da vida nega o lado trágico da existência, que constitui uma recusa em olhar para o aspecto trágico.

Falta-lhe, a sabedoria dionísica, motivo pelo qual a postura moral via de regra teme um olhar implacável para a vida. [...]. O processo total é um contexto de culpabilidade e acusação. Toda felicidade que alguém saboreie no momento é na verdade um escândalo diante do sofrimento do mundo⁷³.

Na figura do sacerdote, a religião se apresenta como detentora da verdade e contrária à ciência e ao conhecimento. O sacerdote é a encarnação do ideal ascético, aquele que se arroga o monopólio da verdade e, ao fazê-lo, coloca-se como guardião de um saber que não pode ser questionado, pois vem de uma instância transcendente. Essa pretensão à verdade única e absoluta coloca a religião em oposição direta à ciência e ao conhecimento filosófico, que se baseiam na investigação livre, na dúvida e na revisão constante de suas próprias conclusões. O sacerdote, ao contrário, não investiga: ele revela, interpreta e impõe. Sua verdade não é descoberta, mas recebida, e, por isso mesmo, não

⁷⁰ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p.176.

⁷¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.111.

⁷² SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p.92.

⁷³ SAFRANSKI, **Nietzsche**, p.92.

admite contestação. É nesse sentido que a religião, na figura do sacerdote, se torna uma força de domesticação do pensamento, uma barreira à curiosidade intelectual e um obstáculo ao desenvolvimento da ciência. Essa oposição não é acidental: ela é estrutural, pois a ciência, ao afirmar o mundo terreno e os fenômenos naturais, desmonta o edifício de crenças sobre o qual se sustenta o poder sacerdotal. “O cristianismo também se acha em oposição a toda boa constituição intelectual”.⁷⁴

As convicções da fé representam o impedimento a tudo aquilo que é plausível de conhecimento fé significa não querer saber o que é verdadeiro” O problema da verdade dos mártires, que morrem pela fé em nada tem a ver com a questão da verdade, mas sim com uma causa pessoal. “— É tão pouco verdadeiro que os mártires provem algo quanto à verdade de uma causa, que eu negaria que um mártir tenha tido jamais alguma coisa a ver com a verdade”.⁷⁵

Verdade escrita com sangue, sangue que causa mais ódio e ressentimento. “Mas o sangue é o pior testemunho da verdade; o sangue envenena ainda a mais pura doutrina, tornando-a ilusão e ódio do coração”.⁷⁶

Toda convicção é deficitária, pois as convicções impedem que o homem tenha discernimento entre os valores, sobre aquilo que é valor ou desvalor. A convicção, é um obstáculo à reflexão livre e à capacidade de avaliação crítica, pois ela petrifica o pensamento em certezas imutáveis, bloqueando a possibilidade de questionar os próprios fundamentos do que se acredita. Ao se agarrar a uma convicção, o homem deixa de perguntar: por que valorizo isso? Qual é a origem desse valor? A que interesses ele serve? Perguntas que são essenciais para uma verdadeira genealogia da moral. A convicção, portanto, é uma forma de fraqueza intelectual, uma comodidade que dispensa o esforço do pensamento e que torna o homem refém de valores herdados, não examinados e, muitas vezes, contrários à própria vida. É por isso que Nietzsche valoriza a dúvida, a desconfiança e até mesmo a hostilidade em relação às certezas: somente quem é capaz de suspender suas convicções pode, verdadeiramente, criar novos valores e afirmar a vida em sua potência trágica. “Homens de convicção não devem ser levados em conta em nada fundamental referente a valor e desvalor”.⁷⁷

⁷⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.62.

⁷⁵ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.64.

⁷⁶ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.65.

⁷⁷ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.65.

As convicções funcionam como prisões que impedem o homem de ver a verdade. “Convicções são prisões”.⁷⁸ Que fariam com que só olhasse em uma direção, não olhasse longe. Para ele grandes espíritos são céticos, “Um espírito que quer coisas grandes, que quer também os meios para elas, é necessariamente um cético”.⁷⁹ Que se relaciona também com a liberdade o poder ser livre todo dogmatismo “Ser livre de todo tipo de convicções faz parte da força, poder olhar livremente...”.⁸⁰

Ao passo que fé cristã é vista por Nietzsche como prisão que tira do homem tudo aquilo que lhe próprio e o afasta ainda mais do domínio de si.

Inversamente: a necessidade de fé, de algum incondicional Sim e Não, o carlylismo, se me permitem a palavra, é uma necessidade da fraqueza. O homem de fé, o “crente” de todo tipo, é necessariamente um homem dependente — *que* não pode colocar a si como finalidade, que não pode absolutamente colocar finalidades a partir de si. O “crente” não pertence a si, pode apenas ser meio, tem de ser usado, necessita de alguém que o use.⁸¹

Ao fundamentar sua vida nas certezas da fé o homem perde a centralidade da sua própria vida, que para Nietzsche toda religião é uma alienação de si. “Seu instinto atribui a honra máxima a uma moral da abnegação: tudo o persuade a esta, sua prudência, sua experiência, sua vaidade. Todo tipo de fé é, em si mesmo, uma expressão de abnegação, de alienação de si. [...]”⁸².

A crítica de Nietzsche não é um ataque à fé individual, mas à estrutura de poder e repressão que o cristianismo institucionalizado representou por séculos, sua crítica é a um modelo de ser humano, que com o advento do cristianismo perde aquilo que é próprio do homem a vontade de poder, a vida, o amor a terra e com isto afasta de si a procura de ideais criados ao longo da história do cristianismo (vida eterna, paraíso, recompensa pós-morte). Sua filosofia desafia a reinvenção do humano em uma era pós-Deus e pós-metafísica.

Esse inventar humano o novo homem, ou o além-do-homem, terá como tarefa criar novos valores a partir da negação dos valores pré-existentes. Para isso, faz-se necessário um constante exercício de genealogia da moral, pois os valores morais que têm como fundamento a religião e o pensamento metafísico socrático-platônico não tornaram o homem melhor; ao contrário, eles o enfraqueceram, domesticaram seus instintos e o

⁷⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras. 2007, p.65.

⁷⁹ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.65.

⁸⁰ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.65.

⁸¹ NIETZSCHE, **O anticristo**, p.66.

⁸² NIETZSCHE, **O anticristo**, p.64.

afastaram da vida em sua potência criadora. Segue a afirmação do amigo Paul Rée onde Nietzsche encontra inspiração para sua análise filosófica e para a crítica à moral, que afasta o homem da vida: “O ser humano moral não está mais próximo do mundo inteligível (metafísico) do que o ser humano físico — pois não existe um mundo inteligível.”⁸³

⁸³ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p. 166.

CAPÍTULO II. SOBRE A GÊNESE DA MORAL

Com relação à questão da gênese da moral, Nietzsche foi o primeiro filósofo a erguer-se contra a moral não para reformá-la ou aperfeiçoá-la, mas para interrogá-la em sua própria raiz. Sua originalidade reside em ter feito perguntas que ninguém antes ousara formula sobre o valor do valor. Conceitos sempre concebidos e aceitos como valores em si e verdade absoluta.

A questão sobre a origem da moral acompanha o pensamento filosófico desde seus primórdios. Afinal, de onde provêm nossos juízos sobre o bem e o mal? Seriam eles inscritos na natureza humana por uma divindade? Emergiriam da própria razão, como estruturas universais e necessárias? Ou seriam meras convenções sociais, produtos contingentes de culturas particulares? Estas interrogações, longe de constituírem meros exercícios especulativos, tocam no cerne da própria experiência ética: se não soubermos de onde vêm nossos valores, como poderemos avaliar sua validade ou mesmo questionar sua legitimidade?

A moral havia até então sido aceita como verdade, como algo inquestionável. O pensamento nietzschiano representa uma guinada filosófica na maneira de pensar a moral, uma verdadeira revolução no modo como compreendemos a origem, a função e o valor dos valores. Antes de Nietzsche, a moral era tratada como algo dado, como uma instância transcendental cuja validade não precisava ser demonstrada. Os filósofos anteriores, especialmente os modernos (Kant, por exemplo), buscavam fundamentar a moral na razão, na liberdade ou no dever, mas nunca questionaram a própria necessidade de uma moral universal, nem investigaram sua proveniência histórica e psicológica. Nietzsche, ao contrário, desloca a questão: não se trata mais de perguntar "o que é o bem?" ou "qual é o fundamento da moral?", mas sim "quem criou essa moral?", "a que interesses ela serve?", "que tipo de homem ela produz?".

[...]Tomava-se o *valor* desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais elevado no sentido de promoção, utilidade, influência fecunda para o *homem* (não esquecendo o futuro do homem). E se o contrário fosse verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que *às expensas do futuro*? Talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também no estilo menor, mais pra baixo?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o *supremo brilho* e

potência do tipo homem? De modo que precisamente a moral seria o perigo entre os perigos?...¹

A investigação acerca da genealogia da moral entendida aqui como o processo de surgimento, formação e desenvolvimento dos sistemas de valoração moral, é um ponto chave para entender a crítica de Nietzsche a moral centrada na tradição metafísica e teológica, que remonta a Platão e encontra no cristianismo sua expressão mais duradoura, postula uma origem transcendente para a moral: os valores "verdadeiros" existiriam em uma esfera superior (o Mundo das Ideias, Deus, a Natureza Humana Essencial), cabendo ao homem tão somente reconhecê-los e adequar-se a eles.

Sua genealogia da moral não é, pois, uma simples história dos costumes, mas um método de suspeição que busca desmascarar os interesses, as lutas de poder e os afetos (ressentimento, má consciência, ideal ascético) que estiveram na base da construção dos valores ocidentais. A pergunta nietzschiana não é o que é o bem? Mas quem disse que isso é bom? Ou, mais precisamente, que vontade de poder se expressa nessa valoração?

2.1 Genealogia da moral: considerações acerca dos valores.

Para formular a crítica a moral, tarefa a que se propõe Nietzsche, é mister fazer uma diferença entre Gênese e Genealogia. A professora Scarlett Marton aborda esta diferenciação para elucidar a crítica nietzschiana a moral. Embora ambos os conceitos tratem de "origem", Gênese e Genealogia representam métodos radicalmente diferentes de investigação.²

A Gênese pergunta "qual é a origem?" (Busca um ponto final, uma essência), ao passo que a Genealogia pergunta "como surgiu?" (Busca um processo, uma história de forças em conflito).³

A Gênese corresponde ao modelo tradicional e metafísico de buscar a origem. Ela opera sobre o signo da busca por uma essência ou um fundamento único, tenta encontrar um ponto de partida puro, um significado original e imutável por trás de um conceito, um valor ou uma instituição. Se tratando da moral teremos que nos perguntar sobre a origem

¹ NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polemica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.12.

² MARTON, Scarlett. **A genealogia da moral**. Palestra proferida pela professora Scarlett Marton, no dia 20 de agosto de 2025, para a Escola Superior do Ministério Público de São Paulo - ESMPSP. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiLIU6wnUnI>. Acesso:24 de out. 2025.

³ MARTON, Scarlett. **A genealogia da moral**. Palestra proferida pela professora Scarlett Marton, no dia 20 de agosto de 2025, para a Escola Superior do Ministério Público de São Paulo - ESMPSP. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiLIU6wnUnI>. Acesso:24 de out. 2025

o bem e o mal. Na gênese buscamos fundamentar o bem numa visão metafísica, algo que existe por si só. Essa ideia herdada do platonismo onde o bem é uma ideal a ser atingindo. Ele existe por si.⁴

Por outro lado, genealogia remete a “história da gênese” que rejeita justamente a noção de uma origem pura, divina e metafísica. Mas busca por um processo histórico e conflituoso reconstruir a história de forças em luta que deu forma a um conceito. Ela pergunta pelas relações de poder, pelos contextos sociais e pelas vicissitudes que moldaram algo.

Ao perguntar pela genealogia dos valores, Nietzsche investiga como a palavra bom e mal foram cunhadas pela aristocracia guerreira para se autorreferir (“nós, os bons, os poderosos”), e como ela foi posteriormente ressignificada pelo pensamento metafísico socrático-platônica e pelo advento do cristianismo, que ele chama “levante dos escravos da moral”⁵, bom passou a ser sinônimo de fraco, pobre, humilde e incapaz de se defender.⁶

Enquanto a gênese é um mito de fundação que busca santificar e estabilizar um conceito, a genealogia é uma ferramenta de guerra filosófica. Ela solapa a autoridade dos valores mostrando que eles não caíram do céu, mas foram forjados na terra, nas lutas e nas paixões humanas. Para Nietzsche, só depois de realizar a genealogia de nossos valores (como o bem, o mal e a culpa) é que estaremos preparados para a tarefa maior: a transvaloração.

Um dos grandes méritos do pensamento nietzschiano no que se refere a moral está na constatação que os valores morais sofreram uma inversão ao longo da história, desde a antiguidade clássica, a começar por Sócrates, visto como aquele que iniciou o processo de ruptura entre o pensamento mitológico e a racionalidade, de maneira especial a tragédia, representada por Nietzsche nas figuras de Apolo e Dionísio. Sócrates como um modelo típico de decadente.

[...] eu percebi Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos de dissolução grega, como pseudogregos, antigregos

⁴ MARTON, Scarlett. **A genealogia da moral**. Palestra proferida pela professora Scarlett Marton, no dia 20 de agosto de 2025, para a Escola Superior do Ministério Público de São Paulo - ESMPSP. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiLIU6wnUnI>. Acesso: 24 de out. 2025

⁵ MARTON, Scarlett. **A genealogia da moral**. Palestra proferida pela professora Scarlett Marton, no dia 20 de agosto de 2025, para a Escola Superior do Ministério Público de São Paulo - ESMPSP. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiLIU6wnUnI>. Acesso: 24 de out. 2025.

⁶ MARTON, Scarlett. **A genealogia da moral**. Palestra proferida pela professora Scarlett Marton, no dia 20 de agosto de 2025, para a Escola Superior do Ministério Público de São Paulo - ESMPSP. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiLIU6wnUnI>. Acesso: 24 de out. 2025

(*Nascimento tragédia*, 1872). Aqueles *consensus sapientiae* — é compreendi cada vez mais— em cada prova que eles tivessem razão naquilo acerca do qual concordavam: prova, isto sim, que eles próprios, esses mais sábios dos homens, em alguma coisa coincidiam *fisiologicamente*, para situa-se —ter de situar-se negativamente perante da vida.⁷

Na obra, *Sobre o Nascimento da Tragédia*, apresenta está inovação no pensamento nietzschiano da seguinte forma: o reconhecimento da luta no aspecto existencial entre Apolo e Dionísio e Sócrates como o modelo de racionalidade.

[...]As duas inovações decisivas do livro são primeiramente, o entendimento do fenômeno dionísico entre os gregos — ele dá a primeira psicologia deste, vê nele a raiz única de toda a arte grega. A outra é o entendimento do socratismo: Sócrates como instrumento da dissolução grega, reconhecido pela primeira vez como típico decadente. “Racionalidade” contra instinto. A “racionalidade” a todo preço como potência perigosa como potência perigosa que solapa a vida.⁸

Com Sócrates, o grande racionalista, e com seu modelo dialético estaria instaurado o início de uma nova visão de mundo, um mundo que tinha sua fundamentação no mito, em especial na tragédia grega, passa a ter o olhar voltado para a racionalidade socrática, este modelo socrático sequestra o homem da realidade trágica da vida em todas dimensões do existir. Este modelo terá continuidade em Platão ao formular a teoria do mundo das ideias, que divide o mundo em duas realidades distintas a saber: mundo das ideias perfeitas e mundo dos sentidos, sendo este apenas cópia daquele.

Esta constatação do erro da moral encontra seu ápice no cristianismo que desencadeou um processo de moralização baseado na negação da vida dos aspectos trágicos da existência. Havia algo de errado com a própria moral, que volta contra a vida. “— a própria moral como sintoma de decadência é uma inovação, uma singularidade de primeira ordem na história do conhecimento.”⁹

Se tratava, portanto, de perceber desde do início, das gênesis da moral, como houve um desvirtuamento daquilo que era considerado moral, havia um idealismo por traz da origem desses valores, que fazia com que se solapasse o homem da realidade, negando os aspectos trágicos da existência que é justamente a realidade da vida.

[...]Eu fui o primeiro que viu a verdadeira oposição: — o instinto degenerado, que se volta contra a vida com subterrânea sede de vingança (—cristianismo, a filosofia Schopenhauer, em certo sentido já a filosofia de Platão, o idealismo inteiro, como formas típicas) [...]¹⁰

⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com martelo**. São Paulo, Companhia da Letras, 2006, p. 18.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas. O nascimento da tragédia no espírito da música** São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 31, 32.

⁹ NIETZSCHE, **Obras Incompletas; O nascimento da tragédia no espírito da música**, p.32

¹⁰ NIETZSCHE, **Obras Incompletas, O nascimento da tragédia no espírito da música** p.32.

O pensamento nietzschiano instaura uma crítica, que até o presente momento ninguém ousara a fazer perguntar sobre o valor do valor, colocar o próprio valor moral sobre questionamento, afim de responder à questão do valor do valor.

[...] Não vejo ninguém que se atrevesse a fazer uma crítica dos juízes de valor da moral; sinto falta até mesmo das experiências dos curiosos da ciência, da viciada a força da imaginação experimental de psicólogos e historiadores, que facilmente antecipa um problema e eu captura em pleno voo, sem saber direito o que capturou. [...]”¹¹

A temática da moral atravessa a maioria das obras de Nietzsche, mas é na *Genealogia da Moral* (1887), que ela aparece de forma mais definida, detalhada e sistemática. Esta obra representa o ápice de sua investigação crítica sobre a origem e o valor dos valores morais.

Logo no Prólogo, Nietzsche estabelece o problema fundamental que motivará toda a genealogia: o afastamento do homem do conhecimento de si próprio em detrimento de um conhecimento ou realidade situada fora de si mesmo. “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos, de nós mesmos somos desconhecidos — e não sem motivo.”¹² Tal afirmação remete ao fato de termos esquecido do próprio homem ao buscarmos fora da realidade humana explicações para a vida.

O homem, segundo o diagnóstico inicial, tornou-se um ser estranho a si próprio. Ele se lançou com avidez ao conhecimento do mundo exterior, de Deus, do além, da metafísica, mas desconhece a si mesmo. Nietzsche formula essa questão nos primeiros parágrafos: o homem é o animal que ainda não foi compreendido, que ainda não se tornou um problema para si mesmo.

Esse afastamento de si é a raiz do problema moral. Ao invés de buscar os critérios de valor em sua própria vida, em seu corpo, em seus instintos, o homem os projetou para fora, em um Deus transcendente, em um mundo das ideias, em uma moral universal e abstrata. O resultado é que ele passou a se julgar, a se condenar e a se medir por padrões que não nasceram de sua experiência vital, mas de uma ficção metafísica.

Ao colocar o fundamento da vida numa realidade fora, o homem afastou cada vez mais do conhecimento verdadeiro e possível. “Com razão alguém disse: ‘onde estiver teu tesouro, estará também teu coração.’”¹³ Que revela a busca humana por responder o enigma da existência.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2016, p. 346.

¹² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polemica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.7.

¹³NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.7.

De imediato se elucida o problema abordado por Nietzsche no que se refere a questão dos valores morais, que consiste no afastamento do homem do mundo, da realidade em busca de um ideal religioso e metafísico. Estamos sempre buscando um ideal em detrimento da realidade. “Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras do mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito — levar algo ‘para casa’.”¹⁴

Havia em nós, a princípio, um desconhecimento de nós próprios. Tínhamos desprezado as experiências autênticas por não estarmos verdadeiramente presentes nas chamadas vivências. Vivíamos no momento presente com o espírito alhures, permanentemente ausentes daquilo que constitui a vida em sua plenitude. “Quanto ao mais da vida, as chamadas ‘vivências’, qual de nós pode lavá-las a sério? Ou ter tempo para ela? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre “ausentes”: nelas não temos nosso coração – para elas não temos ouvidos.”¹⁵

Imersos e dispersos numa busca metafísica por um sentido para a vida, esquecemo-nos de viver. E quando finalmente nos damos conta, a vida passou, e não vivemos o que estava por ser vivido.

Antes, como alguém divinamente disperso e imerso em si, a quem os sinos acabam de estrondear no ouvido as doze batidas do meio-dia, e súbito acorda e se perguntam “o que foi que soou?”, também nós por vezes abrimos *depois* os ouvidos e perguntamos, surpresos e perplexos inteiramente, “o que foi que vivemos?”, e também “quem somos realmente?”, e em seguida contamos, depois, como disse as doze vibrantes batidas de nossa vivência, nossa vida, nosso ser—ah! e contamos errado...¹⁶

Para Nietzsche, quando falamos dos valores morais tradicionais, estamos na verdade nos referindo a algo que não conhecemos em sua essência. O objeto dessa moral não está ligado às experiências humanas reais. Pelo contrário, esses valores não se baseiam na vivência humana concreta. Falar dessa moral é falar de uma visão transcendental – uma perspectiva que, por definição, remove e descarta as experiências humanas terrenas como fontes de valor.

A pergunta sobre a origem dos valores morais ou sobre o que é um valor moral, está presente na história da filosofia. Definir o que é uma ação moral, como forma de bem viver, até mesmo como forma de encontrar um sentido para existência humana, como

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . **Genealogia da moral: uma polemica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.7.

¹⁵ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.7.

¹⁶ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.7.

sendo um ser moral, que cria valores e busca seguir e viver de acordo com esses valores como forma de viver melhor.

Ao questionar sobre o valor da moral, Nietzsche abre um campo de investigação filosófico até então não averiguado: *a própria moral*. “Até agora, portanto, ninguém examinou o valor do mais célebre dos medicamentos, que se chama moral: isso requer, antes de tudo - pô-lo em questão. Muito bem! Este é justamente o nosso trabalho.”¹⁷

Mais que investigar o valor do valor, se estes valores carregam algum valor em si, outra questão é sobre quais condições os seres humanos criam para si valores morais, quais elementos sociais, políticos, filosóficos e psicológicos contribuíram para a criação dos valores morais.

[...]Enunciemo-la, esta *nova exigência*: necessitamos de uma crítica dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* - para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal estar mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. [...] ¹⁸

Para entender como são criados os valores bastaria uma olhada para terra, uma olhada para baixo e não para o alto e sim para o homem, mas isto requer coragem, justamente por não haver nada de divino, nenhuma metafísica e nenhum valor em si.

- Alguém quer descer o olhar sobre o segredo de como se fabricam ideais na terra? Quem tem a coragem para isso?... Muito bem! Aqui se abre a vista a essa negra oficina. Espere ainda um instante, senhor Curioso e Temerário: seu olho deve primeiro se acostumar a essa luz falsa e cambiante... Certo! Basta! Fale agora! Que sucede ali embaixo? Diga o que vê, homem da curiosidade perigosa - agora sou eu quem escuta.¹⁹

A moral que aparece como uma verdade em si, como uma deusa e apresenta como um valor coisa em si, onde até então ninguém se atrevia a criticar.

Não vejo ninguém que se atrevesse a fazer uma crítica dos juízes de valor da moral; sinto falta até mesmo das experiências dos curiosos da ciência, a viciada força de imaginação experimental de psicólogos e historiadores que facilmente antecipa um problema e o captura em pleno voo, sem saber direito que capturou.²⁰

A questão da moral pode ser percebida na maioria dos escritos de Nietzsche, até culminar numa obra estritamente dedicada a aprofundar a origem dos valores morais,

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2016, p. 347.

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.12.

¹⁹ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p. 34.

²⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . **A Gaia Ciência**. São Paulo, Martin Claret, 2016, p. 346.

Genealogia da Moral (1887). Nesta obra, Nietzsche aplica seu método genealógico com uma radicalidade e uma precisão que não encontram paralelo em seus escritos anteriores, a Genealogia investiga, respectivamente, a origem dos conceitos de "bom" e "mau" (relacionando-os à distinção entre nobres e plebeus), a origem da má-consciência e da culpa (ligadas ao processo de interiorização do homem), e o significado do ideal ascético como expressão de uma "vontade de nada" que, paradoxalmente, encontra forças para se impor como valor supremo.

Ao fazer isso, não apenas oferece uma explicação histórica para a moral ocidental, mas também a deslegitima radicalmente, mostrando que seus valores não têm nenhuma fundamentação transcendental são, ao contrário, produtos de relações de poder, de ressentimento e de necessidades psicológicas. A Genealogia é, portanto, a obra em que Nietzsche mais sistematicamente desmonta o edifício moral do Ocidente, preparando o terreno para a transvaloração de todos os valores que mostra também que: “O tema ‘moral’ foi a obsessão de Nietzsche durante toda a sua vida.”²¹

Quando na obra supracitada descreve a fisiologia do nobre, do homem de espírito livre, como portador de características fisiológicas superiores, não o faz apenas para descrever esta fisiologia, mas também descrever um traço típico da moralidade do nobre, que é a fonte da sua investigação. Não apenas os aspectos da força do guerreiro, ao poder do nobre, mas o seu caráter.

É verdade que, talvez na maioria dos casos, eles designam a si mesmos conforme simplesmente a sua superioridade no poder (como "os poderosos", "os senhores", "os comandantes"), ou segundo o signo mais visível desta superioridade, por exemplo, "os ricos", "os possuidores" (este o sentido de arya, e de termos correspondentes em iraniano e eslavo). Mas também segundo um traço típico do caráter: e é este caso que aqui nos interessa.²²

O valor moral, portanto, origina-se nas características do que é nobre: o espírito guerreiro do homem forte. Isso não se refere apenas a uma qualidade física, mas àquilo que se pode designar como vontade de potência, que é, em sua essência, a afirmação da vida. No entanto, a criação de valores como forma de dominação, para subjugar uma classe de pessoas, surge ao longo da história. Com isso, a característica primordial do homem forte sofre uma transmutação.

²¹ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p. 168.

²² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.19.

Com isso, a investigação acerca da origem dos valores morais busca descrever como, ao longo da história, tais valores se corromperam, passando a erigir como ideal aquilo que é fraco e menos nobre.

É o processo pelo qual os valores transmutam de lugar: o que era sintoma de uma classe de pessoas os "pobres", não apenas em bens materiais, mas sobretudo os pobres de espírito, os doentes, é invertido e passa a ser visto como um ideal universal a ser alcançado. Esse ideal, forjado pelo ressentimento, constitui-se como uma força contrária a tudo aquilo que é livre, grandioso e afirmador da vida.

No que se trata dos conceitos, as palavras passam a serem conceitos à medida que servem uma variedade de coisas semelhantes. “Todo conceito nasce por igualação do não-igual.”²³ Assim o ser humano vai construindo conceitos morais, que passam a ter valor em si. “Denominamos um “honesto”; por que ele agiu hoje com honestidade? — perguntamos. Nossa resposta costuma ser: por causa da sua honestidade.”²⁴ Como se a honestidade fosse um valor em si.

A constatação de que o problema da moral, é que em parte faltava o próprio objeto moral e que em suma os filósofos se limitaram a descrever, de forma precária fatos morais particulares [...] “como a moral de seu ambiente, sua posição, sua igreja, do Zeitgeist, de seu clima e seu lugar [...].”²⁵

Mas em todos os casos faltava o objeto moral: “ Em toda ‘ciência moral’ até o presente momento, por mais estranho que posso soar, faltava o problema da moral: nem sequer foi levantada a suspeita de que havia ali qualquer coisa problemática.”²⁶ Ao fazer uma genealogia da moral a fim de conhecer a verdadeira origem dos valores morais, e buscar o valor do valor, demonstra como esses valores nasceram e como foram desvirtuados e absorvidos pelo Ocidente, tendo como alicerce o cristianismo e pensamento socrático-platônico.

Os valores morais pareciam está sobre uma base sólida onde ninguém atrevia a formular a pergunta acerca da origem desses valores, a genealogia da moral desconstrói todas as certezas com as quais o homem teve como verdade. “[...] durante mil anos, tivemos o costume de construir como sobre o mais sólido terreno, nós, os filósofos, e de

²³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas: Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 56.

²⁴ NIETZSCHE, **Obras incompletas, : Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**, p.56.

²⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2015, p.114.

²⁶ NIETZSCHE, **Além do bem e do mal**, p.114.

construir sempre de novo, embora até o presente todas as nossas construções tenham vindo abaixo; começa a ninar a nossa confiança na moral.”²⁷

Na gênese dos valores, mais especificamente na etimologia das palavras bom e mau, encontram-se os elementos necessários para afirmar que a origem da valoração moral teve como base a figura do nobre, do homem de espírito livre. No entanto, com o advento do cristianismo um processo que se especifica e consolida com a invenção da fé cristã por Paulo, essa origem nobre foi subvertida e uma nova tábua de valores foi erigida.

Nietzsche começa sua investigação notando que, em línguas como o grego e o latim, a palavra para bom estava originalmente ligada à ideia de guerreiro, nobre, verdadeiro. Ser bom era simplesmente ser poderoso, rico, corajoso, fiel a si mesmo. Era uma autoafirmação da aristocracia guerreira. O mau era simplesmente o plebeu, o comum, o fraco – não uma categoria moral, mas social e fisiológica.²⁸

Partindo da genealogia dos valores morais, da origem desses valores, Nietzsche traça a origem da moral cristã como uma revolta dos fracos contra os fortes. A moral cristã nascida do sentimento de vingança, o aspecto nada moral da moral. “[...] se conclui a análise da história não-moral da Moral.”²⁹ Essa moral representa a negação da vida.

[...]O que é certo é que lhes foram ensinados apenas valores de *décadence* como valores supremos. A moral da abnegação de si é a moral da queda par excellence, o fato ‘eu me arruíno’ traduzido no imperativo: “vós todos deveis arruinar-vos” — e não apenas no imperativo!... Essa única moral que foi até aqui ensinada, a moral da abnegação de si, faz revelar uma vontade de fim, ela nega, em seu fundamento mais arraigado, a vida. [...]³⁰

Mas, a essa altura, podemos nos perguntar: a que moral exatamente Nietzsche se refere? Haveria um modelo específico que o filósofo busca desconstruir? A resposta a essas perguntas é o sistema de valoração cristão e metafísico socrático-platônico, fundamentado na tradição socrático-platônica. Esse sistema, segundo Nietzsche, sequestrou o valor da vida como existência terrena e deslocou a realidade autêntica para um plano transcendental, para além deste mundo.

A moral que se apresentou ao longo da história como uma deusa sedutora, possuidora da verdade no que se refere ao bem e mal, que dispõe de instrumentos para se

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais**. Petropolis: Vozes, 2008, p. 10.

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.19.

²⁹ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p. 170.

³⁰NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecc Homo: de como agente se torna o que agente é**. Petropolis:L&PM. 2024,p.104.

firmar como verdade, não sendo objeto de crítica. “É que a moral, em todos os tempos, desde que se fala e se trata de convencer na terra, firmou-se como a melhor professora de sedução e, o que nos importa a nós filósofos, como verdadeira Circe³¹ dos filósofos.”³²

A moral cristã é um dos alvos centrais da filosofia de Friedrich Nietzsche. Ele não a ataca apenas como uma religião, mas como um sistema de valores que, em suas raízes, corrompe o instinto vital humano. Sua análise é profunda e multifacetada, envolvendo genealogia, psicologia e uma crítica cultural radical.

A investigação acerca da origem dos valores que se dá a partir do método genealógico, recusa a princípio toda certeza *a priori* e se propõe a examinar sob todos os aspectos os valores morais vigentes. Esta é a nova e grandiosa tarefa que Nietzsche assume: a de demolir tudo aquilo que, até então, era tido como verdade inquestionável.

Por um escrúpulo que me é peculiar, e que confesso a contragosto -- diz respeito à *moral*, a tudo o que até agora foi celebrado na terra como moral—, esse escrúpulo que surgiu tão cedo em minha vida, tão insolicitado, tão incontido, tão em contradição com o ambiente, idade exemplo, procedência, que eu quase poderia denominá-lo meu “*a priori*” — tanto minha curiosidade quanto minha suspeita deveriam logo deter se na questão de *onde se originam* verdadeiramente nosso bem e nosso mal.³³

A proposta nietzschiana então é de investigar, fazer uma análise da origem desses valores como concebemos os valores morais, como a prática da moralidade ou o ethos até então assimilado não sendo como valores teologais, transcendentais e metafísicos, mas sim como valores baseados na condição ou na existência humana.

Por fortuna, logo aprendi a separar o preconceito teológico do Moral, e não mais busquei a origem do mal por trás do mundo. Alguma educação histórica e filosófica, juntamente com um inato senso seletivo em questões psicológicas, em breve transformou meu problema em outro: sob que condições o homem inventou para si os juízes de valor “bom” e “mal”? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário revela-se neles plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?³⁴

Desta maneira as noções de "bem" e "mal" foram historicamente moldadas por um atavismo complexo de forças sociais, políticas e psicológicas. Não havendo a ideia de

³¹ **Circe**: era, na mitologia grega, uma feiticeira, uma especialista em veneno e drogas. Também aparecia como uma Deusa ligada à feitiçaria, assim como sua mãe Hécate. Disponível em: (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Circe>). Acesso em: 27/06/2026.

³² NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11.

³³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.8.

³⁴ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.9.

que esses conceitos morais são absolutos e universais, ficando a cargo da vontade de poder, que nasce das necessidades e interesses de grupos dominantes ao longo da história.

Ao fazer uma análise da etimologia das palavras “bem” e “mau” introduz a ideia do "ressentimento" como motor por trás da criação de sistemas morais baseados na culpa e na punição. Nietzsche sugere que os fracos e oprimidos desenvolveram uma moralidade que demoniza as características que não possuem como virtudes, como forma de nivelar o campo de jogo com os mais fortes. No entanto, essa moralidade é, em última análise, prejudicial ao potencial humano de afirmação e crescimento, pois ela inibe a expressão saudável do desejo e da ambição.

Ao penetrar nas origens da moralidade, faz uma crítica ao sistema de valoração que assegurar valores que tende para traz, que chamou de moral de rebanho, as virtudes dos "fracos" em detrimento as virtudes dos "fortes" de forma positiva, de afirmação da vida em toda sua plenitude baseada no "além-do-homem" ou no "super-homem".

A compreensão da gênese da moral constitui as bases do entendimento das convicções éticas e morais. Ao destacar a contingência e a historicidade de nossos sistemas morais, Nietzsche nos lembra da necessidade de uma análise crítica constante de nossas próprias crenças e valores.

Não se trata, portanto, de afirmar ou contradizer alguma teoria moral, mas sim de buscar ou de afirmar o verdadeiro valor moral, ou o valor da moral. Então quando falamos de valores morais como: compaixão, honestidade, bem qual que seria o verdadeiro valor, onde estariam fundamentados esses ideais de valor, uma vez que são entendidos como valores metafísicos, transcendentais, divinizados pelo sofrimento como um bem em si.

Nietzsche enxerga neste sistema de valoração, moral da compaixão, moralidade cristã, um grande perigo para a humanidade, que ela chama de [...] “o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás a vontade que se volta contra a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando e tornando doentes até mesmo os filósofos. [...]”³⁵. Logo a moral da compaixão como uma doença que captura a todos tornando-os doentes.

Sob o olhar da psicologia genealógica, a compaixão se estabelece como uma relação de poder. Aquele que recebe a compaixão é, em geral, o ressentido, aquele que se coloca como o centro do universo, vitimizado por uma injustiça supostamente

³⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.11.

praticada pelo nobre. É aqui que se revela com clareza a inversão da dialética do senhor e do escravo.

Nietzsche quer despir de sua veste sentimental a dialética da compaixão — o sofredor fere o outro despertando nele e compaixão — para que revele por baixo dela a luta pelo poder. A dialética da compaixão, para Nietzsche, faz parte da luta entre senhor e servo. Quem desperta compaixão tem *reforçado a sua ideia de ainda ser suficientemente importante por causa dores do mundo* (2,71). Mas quem sente compaixão sente-se colocado no injusto e nele algemado, embora de resto banque o senhor.³⁶

A compaixão como um sentimento, o compadecer que nem mesmo os filósofos escaparam de tal sentimento como criador de valor moral. Neste ponto confronta o mestre Schopenhauer que via na compaixão o valor moral em si. Que se fundamentava num além.

Trata-se, em especial, do valor do “não-egoísmo”, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhe ficaram como “valores em si” como base nos quais ele disse *não* a vida e a si mesmo.³⁷

A base para da crítica dos valores morais, encontra sua fundamentação na etimologia das palavras “bom” e “mau”. Onde através do método genealógico conclui que a palavra “bom” tem a sua origem da palavra “nobre”, desejável e conceitual. Até a transformação de bom, a palavra como tendo seu contrário a palavra ruim, que representa aquilo que é contrário ao bom, que tem sua origem naquilo que é prévio ou aquilo que é simples.

[...] Para mim é claro, antes de tudo, que essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito “bom” o lugar errado: o juízo “bom” *não* provém daqueles aos quais se faz “bem”! Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu.³⁸

Partindo dessa premissa genealógica fica claro, como os valores morais foram desvirtuando ao da história, até chegar à noção de valor como concebemos hoje. Valores como: bondade, simplicidade, humildade, compaixão como sendo algo em si. A ideia central é mostrar que esses valores, valores dos nobres, que tem sua origem na espécie elevada. “O pathos³⁹ da nobreza e da distância, como já disse, duradouro, dominante

³⁶ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p. 171.

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.11.

³⁸ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.16.

³⁹ O conceito de pathos da distância é um termo usado por Nietzsche para designar um tipo de homem de espírito elevado. Segundo Vania Dutra de Azeredo no Dicionário Nietzsche, p.332. Este termo significa: “Empregada a partir de Para além do Bem do Mal, conceito de pathos da distância, ou sentimento de

sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um “sob” — eis a origem da oposição “bom” e “ruim”.⁴⁰ Mas que esses valores sofreram transformação ao longo da história passando a ser algo que tem vontade para trás, que não afirma a vida.

Primeiro ponto a ser destacado é a definição de bom partindo de uma variação linguística, onde em diversas línguas a origem da palavra designa um denominador comum como sendo: nobre, aristocrático.

Descobri então que todas elas remetem à mesma *transformação conceitual* — que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a parte do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem nascido”, “espírito espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em ruim.⁴¹

A origem dos valores morais tem como princípio o nobre, o homem de espírito livre, tem origem naquilo que afirma a vida, ao passo que ao longo do tempo, e em especial com advento do cristianismo, o bom passou a ter origem naquilo que é fraco, na estirpe baixa, não afirmativo, que não promove a vida e não garante a vida como tal. E sim uma negação da vida como vontade de potência, a vida que é latente em todos os aspectos, mesmo nos trágicos.

A crítica de Nietzsche vai no sentido de que, na construção dos valores houve uma desvirtuação do sentido dos valores morais, que tiveram a sua origem em uma moral do nobre, naquilo que é forte e afirmativo da vida, e ganha então uma nova conotação como sendo uma interpretação daquilo que é negativo, daquilo que é fraco e não promove a vida como sendo o bom.

Em relação a religião, a crítica é direcionada de maneira impar à religião cristã, como sendo a religião do ressentimento, a moral nascida desse modelo religioso é a moral do ressentimento e do desejo de vingança contra o nobre. Tendo como herança a tradição judaica. “Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses) e com

distância, indica uma característica de todo tipo de homem e de toda a época forte e superior, que não apenas veem estabelecer hierarquia por toda parte como também sentem e colocam a si mesmos na posição mais elevada. E, de fato, o próprio instinto para a diferenciação hierárquica constitui, no entender de Nietzsche, um sinal de superioridade característico de um tipo nobre de homem, que se distingue a si mesmo e um tipo de homem sentindo como inferior, medíocre, comum, vulgar, plebeu.”

⁴⁰NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 11.

⁴¹ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.18.

unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão. [...]”⁴²

Essa inversão se dá à medida que os valores dos nobres, do poderoso, do belo e feliz, são tidos como ruins ou maus, fruto de um sentimento de vingança dos fracos contra os fortes. Então uma espécie fraca é vista como virtuosa.

[...] Os Miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitado, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança — mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...⁴³

Em Jesus, a vingança espiritual judaica atinge seu ápice e se completa. É nele que a inversão de valores operada por Israel encontra sua justificativa suprema e sua figura simbólica perfeita. Jesus representa a idealização máxima dos valores dos pobres, dos doentes, da "raça dos fracos", elevando a condição de oprimido à categoria de bem-aventurado e, portanto, invertendo definitivamente a tabela de valores da moral nobre.

[...] Esse Jesus de Nazaré, o evangelho vivo do amor, esse “redentor” portador da vitória e da bem-aventurança aos pobres, aos doentes e aos pecadores — não era ele a sedução em sua forma mais inquietante e irresistível, a sedução e a via sinuosa para justamente aqueles valores judeus e inovações judaicas do ideal?⁴⁴

Jesus representa o ápice da vingança de uma casta sacerdotal, que busca na imagem de um “Deus na cruz”⁴⁵ um ato extremo de crueldade de Deus crucificado para a salvação do homem, nesta representação está o máximo da vingança. Jesus como vítima do ressentimento de uma casta sacerdotal. Com isso há triunfo “sobre todos os outros ideais, sobre todos os *mais nobres*. —”⁴⁶

Uma vez que a tradição judaico-cristã surge desvirtuando os valores morais, pela carga de ressentimento e o sentimento de vingança. Prevalece então a moral do rebanho. “Sujeitemo-nos aos fatos: o povo venceu — ou ‘os escravos’, ou ‘a plebe’, ou ‘o rebanho’, ou como quiser chama-lo — se aconteceu graças aos judeus, muito bem! Jamais um povo teve missão maior na história universal.”⁴⁷

⁴² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.23.

⁴³ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.23.

⁴⁴ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.24.

⁴⁵ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.24.

⁴⁶ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.24.

⁴⁷ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.25.

A análise detalhada dos valores morais revela, portanto, a verdadeira natureza da moral. Longe de serem entidades em si mesmas ou dons concedidos ao homem por uma divindade, eles são fruto das relações humanas que se estabelecem a partir de relações de poder. A genealogia destrona a moral de seu pedestal metafísico. Ela deixa de ser um reflexo da vontade de Deus, ou uma lei cósmica para se tornar um fenômeno intramundano, um produto da história e da psicologia humana. Isso é uma dessacralização radical.

A crítica nietzschiana é, portanto, deferida contra todo um sistema de valoração cuja justificativa estava ancorada na metafísica e na religião, precisamente onde este sistema encontrou seu *argumento de verdade*.

A crítica de Nietzsche à autolegitimação metafísica e religiosa da moral quer deixar intocada a atividade de controlar os impulsos e as conquistas da *segunda natureza*. Mas no futuro isso deve ser manejado de modo mais esclarecido e conscientemente governado. O sistema de moralidade deve passar por um projeto quente é abafado para outro frio e claro.⁴⁸

Nietzsche não está simplesmente trocando um conjunto de valores por outro. Ele está minando a base de autoridade sobre a qual todos os valores tradicionais foram construídos. Ao demonstrar que o "argumento de verdade" da moral era, na verdade, uma estratégia de poder disfarçada, ele libera o ser humano para uma tarefa mais ousada: a de se tornar, ele próprio, o criador de seu próprio sentido, sem a muleta do transcendental.

Portanto a crítica a moral consiste em examinar os princípios nos quais esses valores foram construídos, tendo como pano de fundo forças políticas, sociais e religiosas, que visavam interesses de um grupo. Neste cenário em que os conceitos morais surgem prevalece o ideal da moral do rebanho. A crítica não é a uma religião em específico, mas sim uma estrutura de pensamento, que para Nietzsche, enfraquecia o ser humano e o afastava de sua potência criadora.

A moral não é um reflexo de uma realidade transcendente, mas um sintoma das forças vitais em conflito aqui na terra. Reconhecer isso é o primeiro passo para superar a moral de rebanho e assumir a corajosa tarefa da transvaloração, criar valores que afirmem a vida em sua plenitude trágica e grandiosa.

⁴⁸ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p. 174.

2.2 A Moral dos Escravos vs. Moral dos Senhores

O contraste entre duas formas de moral, torna evidente o problema enfrentado pela moral ao longa da história e seu desvirtuamento, como a moral sai do campo afirmativo da vida e passe a ser um elemento que é contrário a vida. A uma vida que é vontade de potência e que quer ser vivida, afirmada em todos os aspectos.

A moral do fraco está intrinsecamente vinculada ao desejo de vingança constante contra o homem nobre. Seu artifício fundamental é se rebelar contra os fortes, e, ao fazê-lo, rebelar-se contra a própria vida em seu fluxo criador e trágico. É uma moral dirigida contra tudo aquilo que é grandioso, ascendente e afirmativo no homem de espírito livre.

[...]Aqui o pululam os vermes da vingança e do rancor; aqui o ar fede a segredos e coisas inconfessáveis; aqui se tece continuamente a rede mais malévola conspiração — a conspiração dos sofredores contra os bem logrados e vitoriosos, aqui simples vista do vitorioso é *odiada*. [...] ⁴⁹

A moral do ressentimento como assinala Nietzsche, está relacionada a decadência, a incapacidade do homem fraco, que incapaz de assumir a vida em todas as suas manifestações, que vê sua vontade de poder aniquilada, uma vez que não pode rebelar contra o homem de espírito nobre encontra na moral de rebanho como forma de rebelar contra os nobres, neste sentido a moral é vista como uma forma de compensar uma desvantagem natural.

O termo francês “*ressentiment*” é próximo ao inglês “*resentment*”, o qual significa uma reação humana decorrente do sentimento de ter sido ofendido. De acordo com a análise nietzschiana, o ressentimento torna-se rancoroso e venenoso entre aqueles que são impotentes e, por isso, incapazes de simplesmente se livrarem da ofensa (ocasional) ou de descarregarem o ressentimento dela resultante, o que poderia ocorrer se pudessem se defender contra o ofensor e exigir o tratamento adequado ou acatá-lo de volta.⁵⁰

Os fracos, por ressentimento ou por vingança se auto intitulam vestidos de uma superioridade moral, uma vez que não são capazes de viverem a vida dos nobres, do homem de espírito livre, que vive de acordo com seus próprios valores. [...] “Eles agora monopolizaram inteiramente a virtude, esses fracos e doentes sem cura, quanto a isso não há dúvida: ‘nós somente somos os bomines bonae voluntatis [homens de boa vontade]’” [...] ⁵¹

⁴⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p, 104.

⁵⁰ Clark, M. **A contribuição de Nietzsche para a ética**. Scielo Brasil. São Paulo, 25 de maio de 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cniet/a/dQKZLbZDqZPF7TdWbY9gmgL/#>. Acesso em; 20/02/2026.

⁵¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p, 104.

Eles, os fracos, se esforçam para representar uma superioridade moral, visto que a vida tornou para eles decadência, não encontrando na vida aquilo que pode ser algo virtuoso no sentido daquilo que é característico do homem de espírito nobre, esforçam para tornar doentes os sãos através da superioridade moral. “A vontade dos enfermos de representar uma forma qualquer de superioridade, seu instinto para vias esquivas que conduzam a uma tirania sobre os sãos — onde não seria encontrada, essa vontade de poder precisamente dos mais fracos.”⁵²

O modo de valoração dos fracos, baseado no ressentimento e no desejo de vingança é tão bem elaborado que poderia levar os próprios sãos a questionarem seu estado de vida. Como se vida tivesse que ser vista pelo olhar daqueles que sofrem, dos doentes.

O desejo de vingança (Ressentimento) não é um mero sentimento de injustiça. É a força motriz que cria novos valores. Incapaz de agir e criar a partir de sua própria plenitude, o fraco só pode criar valores reativamente: seu "bem" é uma negação do "bom" do nobre. É uma criação por oposição, nascida do ódio.

[...]Estes são todos homens do ressentimento, estes fisiologicamente desgraçados de carcomidos, todo um mundo fremente de subterrânea vingança, inesgotável, insaciável em irrupções contra os felizes, e também em mascaramentos de vingança, em pretextos para vingança: quando alcançariam realmente o seu último, mais sutil, mais sublime triunfo da vingança? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda a miséria de modo que estes um dia comessem a se envergonhar da sua felicidade. e dissessem talvez uns aos outros: “é uma vergonha ser feliz! *existe muita miséria!*” ... Mas não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os tem logrados, os poderosos de corpo e alma comecem a duvidar assim do seu *direito à felicidade*. [...]⁵³

A moral dos escravos (cristã); apresenta como valores a humildade, compaixão, obediência e paciência, uma inversão criada pelos oprimidos para condenar os poderosos. A moral dos senhores (nobre), que constitui em valores como: orgulho, coragem, domínio e autoafirmação (presentes na aristocracia guerreira grega e romana).

Para Nietzsche, a moral cristã não surge de uma "virtude verdadeira", mas de um ressentimento contra aqueles que vivem plenamente, nasce do desejo de vingança. O fraco, se sente incapaz de superar o forte e chama o forte de “mal”, ao passo que a sua própria fraqueza chama de "bem". O cristianismo inverteu os valores naturais, transformando a fraqueza em virtude e a força em pecado.

Se por um lado a moral de rebanho nasce de um sentimento de vingança, de um constante não a vida, por outro lado a moral do nobre nasce de um sim a vida, uma

⁵². NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.104,105.

⁵³ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.105.

constante afirmação da vida em todos seus aspectos, incluído o trágico. “Enquanto toda moral nobre nasce de triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ — e este Não é seu criador de valor.”⁵⁴

O valor do nobre nasce de um olhar para dentro, não procura fora razões para a existência, mas dentro de si. Está naquilo que é livre e espontâneo, longe de toda carga de ressentimento nasce uma atitude afirmativa diante da vida. Ele não busca reprimir ou coagir os instintos, mas busca reconciliar consigo mesmo.

[...]O contrário sucede no modo de valorização nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas a dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão— seu conceito negativo, o “baixo”, “comum”, “ruim”, é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico, positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão, “nós, os nobres, nós, os bons, os belos e felizes”! [...]⁵⁵

Mas o que é o nobre? Pergunta que pode surgir quando falamos desses dois modelos de valoração. E que perpassa a filosofia nietzschiana, mais específico quanto se fala da moral irá parecer estes dois modelos a saber: o homem nobre de espírito livre e o plebeu, o homem fraco, que por diversas vezes é chamado de doente.

Por nobre é entendido: “Resposta de Nietzsche: nobre é quem é suficientemente forte, determinado e destemido para exercer a *vingança* quando lhe fazem mal. Nobre é quem pode defender a si mesmo e proteger-se a saber se vingar. O que o nobre faz é bom porque ele próprio é de uma espécie boa.”⁵⁶

Em contra partida ao nobre encontra o inferior, o rebanho que é incapaz de se afirmar na existência tal como nos aparece. Este é: “*Ruim é o inferior*. Ele é isso porque não se valoriza o suficiente para querer defender-se, não importa se com os meios limitados. *Nobre e inferior* designam, pois, a medida do respeito por si mesmo.”⁵⁷

Por fim, esses dois sistemas de valorização mostram como, ao longo da história, a moral sofreu transformações e como os valores morais são construídos, longe de serem dados ao homem por uma divindade (como o Deus cristão, que tem compaixão pelo ser humano), ou um ideal a ser atingido na filosofia metafísica socrático-platônica, ou mesmo um dever moral, uma lei interior. Pelo contrário, a moral se revela uma construção

⁵⁴NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 27.

⁵⁵ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.26.

⁵⁶ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017, p.170.

⁵⁷ SAFRANSKI, **Nietzsche**, p.170.

humana, surgida em determinadas condições que propiciam o florescimento de um ou outro sentimento moral.

2.3 O Ideal Ascético e a Negação da Vida.

A Terceira Dissertação da obra *Genealogia da Moral*, apresenta uma análise do ideal ascético. O que é o ideal ascético? Qual sua função para a constituição dos valores morais? A resposta esta pergunta vira como forma de constatação que o ideal ascético nega esta vida, em detrimento de um ideal a ser alcançado um sintoma de ressentimento contra a vida. Os representantes desse ideal: monges, sacerdotes e filósofos metafísicos seriam inimigos da vitalidade.⁵⁸

Embora o ideal ascético se apresente como contrário à vida, como uma força que nega os instintos, o corpo e o mundo sensível, ele ainda assim exerce um enorme poder sobre as pessoas. Para Nietzsche, a fonte desse poder não está em sua capacidade de afirmar a existência, mais precisamente na ausência de algo melhor.⁵⁹

A pergunta sobre o ideal ascético para o filósofo ressoar ainda com um tom religioso. “Que significa então o ideal ascético para um filosofo?”⁶⁰ O filósofo não nega a existência, mas de encontro esse tipo de ideal coloca em uma condição “mais alta e ousada de espiritualidade”.⁶¹ Uma análise do ideal ascético para o filosofo revela tudo aquilo que representa o afastamento daquilo que é próprio do homem, sem negar a existência.

[...]Pensam no que lhes é mais indispensável: está livre da coerção, perturbação, barulho, negócios, deveres, preocupações; lucidez na cabeça; dança, salto e voo do pensamento; um bom ar, fino, claro livre, seco, como é o ar das alturas, em que todo animal torna-se mais espiritual e recebe as asas; paz em todos subterrâneos; todos os cães bem amarrados à corrente; nenhum latido de inimizade e de cerdoso rancor; nenhum verme roedor[...] em suma, eles pensam no ideal acético como o jovial ascetismo de um bicho que se tornou divino e ao qual nasceram asas, que antes flutuam sobre a vida do que nela pousa.[...]⁶²

As palavras de ordem do ideal ascético consistem em: humildade, pobreza e castidade, que aparece nos grandes espíritos, não como virtudes, mas como uma forma

⁵⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p. 80.

⁵⁹ ARALDI, Clademir. *Nietzsche, Niilismo, Sujeito e Má Consciência*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 09 out. 2018. Vídeo Youtube (1min19). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b5YoQ4T4rtM>. Acesso: 20 fev. 2026.

⁶⁰ NIETZSCHE, *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p.90.

⁶¹ NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, p.90.

⁶² NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, p.90.

de viver melhor. “Sabe-se quais as três palavras de pompa do ideal ascético: humildade, pobreza, castidade; observamos de perto a vida dos grandes espíritos fecundos e inventivos — todas as três serão sempre encontrados até certo grau.”⁶³

Não se trata, portanto, de ter essas três palavras como virtudes dentro de um cenário de valores morais, mas como uma forma de viver melhor. “Não, entende-se, que sejam talvez ‘virtudes’ suas — que tem essa espécie de homem a ver com virtudes! — mas as condições mais próprias e mais naturais de sua existência *melhor*; de sua fecundidade *mais bela*”⁶⁴

Para o filósofo o ideal ascético em nada se liga o ideal de virtude, mas a própria maneira de ser de um filósofo. A necessidade de não pertencer ao rebanho, de se retirar forma voluntária. “De resto, o *deserto* de que falei, onde se retiram e se isolam os espíritos fortes, de feitio independente — oh, que outro aspecto tem, quando homens cultos imagine um deserto! — em ocasiões são eles mesmos o deserto, estes homens cultos.” [...]⁶⁵

Aqui ainda a figura do filósofo aparece como uma pessoa separada dos homens comuns, o filósofo é reconhecido por evitar três coisas, a saber: “Reconhece-se um filósofo no fato de evitar três coisas que brilham e fazem barulho: a fama, os príncipes e as mulheres — o que não quer dizer que elas não o procurem.”⁶⁶

No que se diz respeito a humildade o filósofo se acostumou a viver no escuro, uma recusa a fama e aos holofotes, uma forma de resguardar a si mesmo. Mantendo a máxima:

[...] “quem possui é possuidor” — isto, como tenho de repetir vez por outra, não por virtude, por uma meritória vontade de singeleza e moderação, mas porque o seu senhor supremo assim exige, prudente de inexoravelmente: ele tem em conta somente uma coisa, e apenas para ela junta e acumula tempo, energia, amor, interesse[...].⁶⁷

Outro ponto do ideal ascético é a castidade, que olha para a sensualidade como um aspecto de repugnância, quanto ao sexo, o filósofo não vê como uma virtude a castidade, porém uma maneira de dedicar a grandes feitos.

[...] No que toca, por fim, à castidade dos filósofos, a fecundidade desse tipo de espírito está evidentemente em outra coisa que não crianças; também em outra parte deve estar a sobrevivência de seu nome, sua pequena imortalidade (ainda mais em imodestamente falava-se, entre os filósofos da antiga Índia:

⁶³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.26.

⁶⁴ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.90.

⁶⁵ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.91.

⁶⁶ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.92.

⁶⁷ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.92.

“para que descendentes, para aquele cuja alma é o mundo?”) Nisso nada existe de castidade por um escrúpulo ascético ou ódio aos sentidos, [...] ⁶⁸

O ideal ascético não visto como uma virtude tanto para o artista quanto para os filósofos, eles não veem este ideal como virtudes, mas como condição da vontade de poder, presente neste tipo de homem a saber o filósofo e o artista. Que constitui uma forma de domínio de si mesmo e uma forma de dá vasão a força criadora.

Dentre todos os tipos humanos moldados pelo ideal ascético, nenhum é mais perigoso do que o sacerdote ascético. Ele se torna o arquétipo do homem fraco que, paradoxalmente, adquire poder ao instituir e manter a doença do rebanho. O sacerdote ascético é a negação viva da existência terrena; para ele, a vida é meramente uma ponte de passagem, um vale de lágrimas. Nesse modelo, o sentido último da vida é sistematicamente colocado fora dela, em um plano transcendente, esvaziando de valor a experiência concreta do aqui e agora.

[...] O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a *valorização* de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (justamente com aquilo a que pertence, “natureza”, “mundo”, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade), é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, *a menos* que se volte contra si mesma, *que negue a si mesmo*: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência.[...] ⁶⁹

Uma questão intrínseca ao sacerdote ascético é a de impor sobre a outras pessoas, ao rebanho seu sistema de valoração, que ele tenha a humildade, pobreza e castidade como virtudes, caberia somente a ele definir este ideal como virtude, porém ao propor para o rebanho este sistema de valoração cria um padrão a ser seguido e que nega a individualidade. Não há espaço para o indivíduo no modelo de valoração do sacerdote ascético.

O sacerdote ascético não é um fanático ingênuo. Ele é o arquiteto de um sistema de poder que se alimenta da negação da vida. Ele é perigoso porque sua própria existência depende de que o rebanho permaneça doente, pois essa é a única doença da qual ele sabe ser o curador.

A revolta escrava a que o filósofo se refere ocorreu em um longo intervalo de tempo, e foi conduzida originalmente não por escravos, mas por líderes religiosos, que consideravam a si próprios como bons, mas foram tomados de inveja e se sentiram lesados pelos nobres que os governavam com excessiva autoconfiança em sua própria superioridade. Incapazes de se afirmarem

⁶⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.93.

⁶⁹ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.98.

abertamente contra os nobres, eles os atacaram através do único modo que podiam, ou seja, destituindo-os de valor.⁷⁰

No ideal ascético estão os dois sistemas de valoração, cria homens doentes a saber “compaixão e ressentimento”. Aqui há um afastamento do homem da efetividade do mundo, ou espécie de doença que levaria ao cansaço. “Supondo que esses dois um dia se casassem, inevitavelmente algo de monstruoso veria ao mundo, a “última vontade” do homem, sua vontade de nada, o niilismo.”⁷¹

Aqui nasce o grande perigo para a vida, vida enquanto vontade de potência, ao elevar os valores dos fracos, o rebanho dos doentes representa um perigo para aquilo que constitui a afirmação da vida, para aqueles que estão sãos. O grande perigo para a vida não são os fortes e sim os fracos.

[...]Os doentes são o maior perigo para os sãos; não é dos mais fortes que vêm o infortúnio dos fortes, e sim dos mais fracos. [...] Os doentios são o grande perigo do homem: não os maus, não os “mas os animais” de rapina. Aqueles já de início desgraçados, vencidos e destroçados — são eles, são os mais fracos, os que mais corroem a vida entre os homens, os que mais perigosamente envenenam e questionam nossa confiança na vida, no homem, em nós. [...] ⁷²

O sacerdote ascético representa uma espécie de guardião dos valores dos doentes, o pastor do rebanho, ele exerce o poder de dominação sobre os que sofrem. A dominação sobre o que sofrem é seu reino, para ele o dirigem seu instinto, nela encontra ele sua arte mais própria, sua mestria, sua espécie de felicidade

Ele se apresenta como verdadeiro julgador da moral, como justiceiro da moral, que julgam como não virtuosa as ações dos nobres. Eles julgam ter a verdade sobre o bem e mal.

[...] Entre eles encontra-se em abundância os vingativos mascarados de juízes, que permanentemente levam na boca, como baba venenosa, a palavra *justiça* e andam sempre lábios em bico, prontos a cuspir em todo aquele que não tenho olhar insatisfeito e siga seu caminho de ânimo tranquilo. [...] ⁷³

Mas exerce esse um verdadeiro fascínio sobre os que sofrem, para tal precisa parecer com os mesmos, para que estes se sintam confiantes, protegido daqueles que são os fortes. Como se os fortes oferecessem uma ameaça aquilo que o rebanho tem como valor.

⁷⁰ Clark, M. **A contribuição de Nietzsche para a ética**. Scielo Brasil. São Paulo, 25 de maio de 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cniet/a/dQKZLbZDqZPF7TdWbY9gmgL/#>. Acesso em; 20/02/2026.

⁷¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p. 103.

⁷² NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.103.

⁷³ NIETZSCHE. **Genealogia da moral**, p, 104.

[...]Ele próprio tem que ser doente, tem de ser aparentado aos doentes e malogrados desde a raiz, para entendê-los — para com eles se entender; mas também tem de ser forte, ainda mais senhor de si do que dos outros, inteiro em sua vontade de poder, para que tenha confiança e o temor dos doentes, para que lhes possam ser amparo, apoio, resistência, coerção, instrução, tirano, deus. Ele tem que defendê-lo, ao seu rebanho — contra quem? Contra os sãos, não há dúvida, e também contra a inveja que têm dos sãos; ele tem que ser o opositor e *desprezador* natural de toda saúde e toda potência tempestuosa, dura, desenfreada, violenta e rapace. [...]⁷⁴

Ele munda a direção do ressentimento, que é algo que destrói o próprio ressentido dando sentido fora num além, dando um sentido para o sofrimento “[...]o sacerdote é aquele que muda a direção do ressentimento.”⁷⁵ Uma necessidade de encontrar um culpado para o sofrimento “‘Alguém deve ser culpado de que eu esteja mal’[...]”.⁷⁶

Para o sacerdote ascético é bom ou até mesmo necessário que os doentes continuem doentes pois assim ele será visto como o médico das almas doentes, uma espécie de referência. “A mitigação do sofrimento, o “consolo” de toda espécie — isto é se revela como o seu gênio mesmo; com que inventividade compreendeu ele sua tarefa de consolador, de que modo irrefletido e ousado soube escolher os meios para ela!”⁷⁷

Por isso, o ascetismo representa a negação sistemática dos prazeres terrenos em nome de uma recompensa celestial. Nesse sistema, a figura central é a do sacerdote ascético, aquele que, ele próprio um doente, promete salvação através da mesma renúncia ao mundo que aprofunda a doença.

No modelo do ideal ascético, figuras como o monge, o santo e o mártir apresentam exemplos de saúde espiritual, mas é o contrário são doentes que glorificam o sofrimento. São justamente estes os padrões impostos como modelo a ser copiado. A ascese, a negação sistemática dos prazeres, revela-se, assim, uma sutil forma de poder: o fraco domina os outros ao proclamar que sua própria fraqueza é, na verdade, "santidade". Como bem captou a essência da crítica, O asceta diz 'não' à vida, mas esse 'não' ainda é uma forma de querer:

[...]—tudo isso significa, usemos compreendê-lo, uma vontade de nada, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma *vontade!*... E, para repetir em conclusão o que afirmei no início: o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer...*⁷⁸

⁷⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.106,107.

⁷⁵ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.108.

⁷⁶ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.108.

⁷⁷ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.111.

⁷⁸ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.140.

O ideal ascético é, portanto, a solução encontrada por uma vida doente para continuar querendo, mesmo que esse querer seja a negação de si mesma. É o triunfo paradoxal da vontade que, não podendo criar, encontra na destruição (de si e do mundo) sua última e mais perversa forma de expressão.

CAPÍTULO III. TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

O projeto de transvaloração de todos os valores proposto por Nietzsche parte do princípio afirmativo da vida como seu fundamento único e inegociável. Não se trata de buscar um novo critério transcendente para julgar a vida, mas de reconhecer que a própria vida contém em si o princípio de sua superação.

A vida, aqui, não é entendida como mera existência biológica ou como um "estar no mundo" passivo. Ela é concebida como força, como vontade de potência, isto é, como o impulso fundamental de todo ser vivo para expandir-se, superar-se, criar e impor forma ao caos. A vontade de potência não é um acréscimo à vida; ela é a própria essência da vida em seu movimento incessante de autossuperação.

[...] A vida, portanto, é como dizia no começo, a abertura é força por isso que a filosofia de Nietzsche se caracteriza basicamente como um campo anímico, um campo de forças. A força vai se dar mediante o que? Mediante a manifestação do instinto e o obstáculo que se interpõe a ele, então ali há o embate, assim como colocava, antes as posições artísticas fundamentais do ser humano que é a saber Apolo e Dionísio, então a vida é força a vida e se manifesta justamente na medida em que nós promovemos as forças e a tensão.¹[...]

A vida, em sua potência afirmativa, recusa aqueles valores morais que já não servem à sua expansão, valores que, como os da tradição cristã-metafísica, nasceram da negação da vida, do ressentimento contra a força e da glorificação da fraqueza.

A mesma vida que nega os valores decadentes é também a fonte criadora de novos valores, agora nascidos não mais de um "fora" transcendente, mas da própria experiência imanente da existência em sua plenitude. Os gregos entenderam o sim, à vida, entenderam-na em sua potência trágica, em sua ambiguidade fundamental, em seu caráter de luta e criação. Eles afirmaram a vida tal como ela é: bela e terrível, luminosa e sombria, cheia de dor e de êxtase. “[...] Pois somente nos mistérios dionisíacos, na psicologia do estado dionisíaco enuncia-se o fato fundamental do instinto helênico—sua “vontade de vida”.²

Uma objeção frequente à crítica nietzschiana e à sua proposta de transvaloração é a de que a negação dos valores tradicionais e a criação de novos valores abriria espaço para um perigoso relativismo moral. Nessa perspectiva, se não há mais verdades absolutas

¹FEILER, Adilson Felício. “O Ethos Cristão em Hegel e Nietzsche”. Canal Linha de Divisa, 05 de maio de 2022. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHUu89fZc28>. Acesso em: 20 fev.2026.

²NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas: Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.352.

ou mandamentos divinos, o indivíduo poderia fazer o que quisesse, uma vez que as noções de "certo" e "errado" perderiam seu fundamento objetivo.

No entanto, essa objeção confunde relativismo com perspectivismo, dois conceitos radicalmente distintos no pensamento de Nietzsche. No relativismo, tudo vale igual, conduz à indiferença e à inação, não há julgamento e é uma forma de fraqueza não escolher. Porém no perspectivismo tudo é interpretação, mas nem toda interpretação tem o mesmo valor, conduz à avaliação constante e à tomada de posição, afirma que todo julgamento parte de uma perspectiva, e exige que essa perspectiva seja assumida conscientemente e é uma forma de força assumir a responsabilidade pela própria escolha.

Sendo o mundo entendido como uma força criadora, como vontade de potência, um permanente fluxo de criação e destruição, ele requer uma constante avaliação. Isso significa que os valores não podem ser fixos nem absolutos, pois o mundo está em perpétua transformação; aquilo que hoje é afirmativo e vital pode, amanhã, tornar-se um obstáculo à vida. A avaliação constante é a atitude própria do espírito livre, daquele que não se apega a convicções petrificadas, mas que revisa permanentemente seus critérios, perguntando-se: esse valor ainda serve à vida? Ele afirma a potência criadora ou a nega?

[...]Este mundo: um é monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo, uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo, ou rendimento, cercada de “nada” como de seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado, [...] — Este mundo é a vontade de potência — e nada além disso! E também vós próprias sois essa vontade de potência — e nada além disso!³

A saída nietzschiana para o relativismo não é o retorno a um fundamento absoluto, mas o perspectivismo: a compreensão de que todo conhecimento, toda moral, toda valoração são sempre vistas de algum lugar, a partir de uma perspectiva particular. Não existe um "olho de Deus" que veja as coisas como elas realmente são, livres de qualquer interpretação.

Isso não significa, porém, que tudo é permitido ou que tudo vale igual. Pelo contrário, o perspectivismo exige uma constante avaliação dos valores morais a partir de

³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas: O Eterno Retorno**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.405.

um critério fundamental: a vida. A pergunta nietzschiana deve ser sempre: esta perspectiva afirma a vida ou a nega?

A transvaloração nietzschiana não desemboca em relativismo moral, mas em um perspectivismo afirmativo que exige do indivíduo uma constante avaliação de seus valores a partir do critério supremo da vida. Longe de ser uma permissão para o "valeduto", é a mais alta exigência de responsabilidade: a de viver sem muletas metafísicas, assumindo conscientemente a perspectiva que se escolhe e avaliando continuamente se ela serve à afirmação da existência.

3.1 Nietzsche e o Projeto de Transvaloração

Nietzsche nunca sistematizou completamente a transvaloração de valores em um livro. Ela era o projeto de sua obra inacabada, *A Vontade de Poder*. Mais do que um sistema filosófico fechado, a transvaloração é um desafio lançado ao futuro. O homem do futuro que não precisaria de ideal para viver pois a própria vida seria o grande motivo. Longe da religião e da ideal metafísico criado ao longo da história.

Ela nos convida a uma coragem extrema: a de questionar tudo o que nos foi ensinado como "bom" e "verdadeiro", de encarar o abismo do niilismo sem desespero e, a partir dali, criar os nossos próprios significados. É um convite para deixar de ser um "camelo" que carrega os valores alheios e se tornar um "leão" que os destrói, para finalmente, como uma "criança", brincar e criar valores novos, inocentes e afirmadores da vida. É, em última instância, a passagem de uma cultura da reação e da culpa para uma cultura da criação e da responsabilidade sobre o próprio destino.

Primeiro somos camelo, carregado de *tu debes*. O Camelo transforma-se num leão. Esta luta contra todo o mundo do *tu debes*. Luta porque descobriu o seu *eu quero*. Mas enquanto ele luta, permanece negativamente preso ao *tu debes*. O seu poder-se se desgasta na compulsão de rebelar-se. Nesse *eu quero* ainda existe demais desafio e rigidez, ainda não existe a verdadeira liberdade que ter ser criativo, ainda não chegamos a nós mesmos, no tesouro de nossa vida. Isso só acontece se nos tornar criança, chegando outra vez nesse novo degrau, à primeira espontaneidade que é vivo: *Inocência é criança e esquecimento, um recomeçar, um jogo, uma roda que gira por si, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim* (4,31).⁴

Para tal tarefa apostava no homem do futuro, aquele que após a desconstrução dos valores morais criaria novos valores, este homem não mais precisaria ter suas ações justificadas ou gratificadas num além mundo, pois encontrou o sentido no próprio

⁴ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2017.p. 254.

homem. Naquilo que torna a própria vida um valor e que aspectos afirmativos para a vida.

Falando desse homem do futuro afirma:

Esse homem do futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que *dele forçosamente nasceria*, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, que devolve à terra a sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e antiniilista, esse vencedor Deus e do nada--ele tem que vir um dia...⁵

Surge, então, a questão prática: como se daria efetivamente o processo de transvaloração? Como o homem poderia criar novos valores a partir da própria vida, e em que momento estes novos valores aflorariam? Uma vez que estava habituado a acreditar que os valores possuíam valor em si e sempre existiram.

Quem seria capaz de descrever hoje o que **substituirá** algum dia os sentimentos e os juízes morais? Embora tenhamos ou convencimento de que estes são fundamentalmente errôneos, e que não se pode reparar o edifício, sua sensação diminui forçadamente dia para dia, na medida em que a sanção da razão não diminui.⁶

No que se refere a esta nova tarefa, do novo tipo de homem nobre, o homem do futuro que seja capaz de viver, sem a necessidade de se apegar a uma verdade transcendente, que justifique sua vida e sua ação, mas seja capaz de justifica a vida pela vida. “Um homem forte e bem logrado digere suas vivências (feitos e malfeitos incluídos) como suas refeições, mesmo quando tem de engolir duros bocados.”⁷ Este constitui o grande desafio do pensamento nietzschiano.

Formular novamente as leis da vida e da ação: para realizar essa tarefa, nossas ciências da fisiologia, da medicina, da sociedade e da solidão não estão ainda bastante seguras de si mesmas e somente essas ciências não podem proporcionar os fundamentos de um novo ideal (embora não os novos ideais em si).⁸

De fato, Nietzsche não oferece um manual ou uma nova tábua de leis. A transvaloração não é um sistema moral pronto, mas um movimento, um caminho de transformação espiritual. No entanto, seu pensamento oferece vários apontamentos que delineiam este percurso. O primeiro e fundamental passo é a negação radical dos valores vigentes, operada pela genealogia, o martelo filosófico que despedaça os ídolos ao revelar

⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras,2009, p, 78,79.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. São Paulo: Sagitário, 1947, p.220.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras,2009, p.110.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. São Paulo: Sagitário, 1947, p.220.

sua origem humana, demasiado humana. O momento axial desse estágio de negação é a proclamação da morte de Deus, o ato de romper com o grande garantidor metafísico, que outorgava validade à moral tradicional religiosa cristã. Sem este "não" resolutivo ao garantidor da moral cristã, nenhum "sim" criador é possível.

Se no primeiro momento a transvaloração passa pela negação dos valores preexistentes e estabelecidos como verdade no segundo momento deve passar pela afirmação da vida e pela capacidade de gerar seu próprio valor, um dizer sim a si mesmo, tudo que aquilo que representa a vida enquanto vontade de potência.

Vivemos, pois, uma existência **provisória** ou uma existência tardia, segundo nosso gosto e nosso talento, e o melhor que fazemos nesse interregno é ser, quando podemos, nossos próprios **reges** e fundar pequenos **estados de experimentação**. Somos experiências: e temos vontade de ser.⁹

Não se trata, contudo, de uma mera inversão da hierarquia de valores – trocar o "bem" pelo "mal", nem de uma simples mudança semântica. A transvaloração, em seu sentido mais radical, representa uma transformação ontológica e axiológica de tudo aquilo que foi concebido como valor sobre a terra. É uma mudança de paradigma de fundamentação. “E não se trata apenas de inverter a hierarquia de valores morais, mas também de uma mudança do ponto de vista metafísico para físico-fisiológico.”¹⁰

A moral tradicional cristã buscava seu fundamento fora do mundo (em Deus, no Bem platônico). A transvaloração, ao contrário, em seu gesto criador, traz o fundamento de volta para a vida mesma. O critério deixa de ser o que é ordenado por Deus, ou o que corresponde ao bem em si e passa a ser: o que afirma e intensifica a vida e o que serve ao florescimento do tipo homem mais elevado.

O "bem" nietzschiano, portanto, não é o oposto do "mal" cristão. É algo de natureza diferente. É um valor que nasce do "sim" incondicional à existência, da plenitude de uma vontade de potência que não precisa mais negar para criar. É a instauração de uma nova economia espiritual, onde o valor é medido pela capacidade de celebrar a vida em sua totalidade trágica e grandiosa.

Um ponto chave para entender a proposta da transvaloração passa pela compreensão do papel da eticidade (*Sittlichkeit*), a moral dos costumes, na história humana. Em *Genealogia da Moral*, na segunda dissertação, Nietzsche descreve como o

⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. São Paulo: Sagitário, 1947, p.220.

¹⁰ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2017. p. 17.

homem precisou ser "formado" pela sociedade, isto é, domesticado, moldado e disciplinado para viver em comunidade.

[...]Os costumes foram absolutamente indispensáveis para a consolidar a organização gregária; de início, qualquer costume valeria mais que a ausência de costume. A ele, todos os indivíduos deveriam conformar-se – o que implica considerar a coletividade mais importante que o indivíduo. Sua força residiria em não ser facilmente modificável – o que pressupõe preferir uma vantagem duradoura a um prazer efêmero. Em primeiro lugar, deveria vir o interesse durável da coletividade.¹¹

Esse processo de formação não é, contudo, um simples aperfeiçoamento moral; é, antes, uma violência fundadora, pela qual o homem animal movido por instintos agressivos e impulsos naturais foi submetido a um regime de promessas, dívidas e punições, marcado *como o "animal que pode fazer promessas—[...]".*¹² A sociedade, para se estabilizar, precisou criar no homem uma memória artificial, fazendo-o esquecer sua natureza selvagem e aprender a calcular, a prometer e a responder por suas ações. É nesse contexto que surgem a culpa, a má-consciência e o sentimento de dívida – categorias que, para Nietzsche, não são eternas nem naturais, mas produtos históricos de um longo e doloroso processo de civilização. Compreender esse processo é essencial para a transvaloração, pois só assim podemos perceber que os valores morais que nos parecem "naturais" são, na verdade, invenções humanas e, como tais, podem ser desconstruídos e recriados.

Este processo, longe de ser um fim em si mesmo, é uma condição prévia brutal, porém necessária. A violência dos costumes, a internalização da culpa e da dívida através da "má consciência", forjou no homem uma memória, uma vontade duradoura e um "caráter". Foi essa disciplina feroz que criou um ser estável o suficiente para ser responsável por seus atos no longo prazo.

A eticidade do costume era um meio, e não fim, mas o meio necessário para o amadurecimento do indivíduo soberano. Ora, o fim do processo de formação do homem requer a sua plena realização, que é atingida somente mediante a supressão da própria moral. Ainda assim foi preciso primeiro uma imposição da lei para, posteriormente, obter o homem pleno, capaz de criar leis. [...]¹³

No entanto, essa eticidade disciplinar não é o destino final. Ela é o processo pelo qual se torna possível a transvaloração. O mesmo homem que foi "domesticado" pelos costumes, uma vez alcançado um certo grau de força e autodomínio, pode se voltar contra

¹¹ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo, Moderna, 1993. p.58.

¹² NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p.43.

¹³ PASCHOAL, Antônio Edmilson; FREZZATTI, Jr, Wilson Antônio. **120 ano de Para a Genealogia da Moral**. Ijuí, Unijuí, 2008, p.254.

a própria origem de sua disciplina. A "má consciência", que antes servia para internalizar a crueldade contra si mesmo, pode ser redirecionada. Ela se torna a força que permite ao homem dizer "não" aos valores herdados e, a partir de sua vontade de potência agora consolidada, criar novos valores. A promessa que outrora era feita à sociedade e a Deus, o homem soberano agora a faz a si mesmo.

Conforme nos educam hoje, adquirimos primeiro uma **segunda natureza**, e a possuímos quando o mundo diz que chegamos à maturidade, emancipados, tornados úteis. Somente um pequeno número é bastante serpente para largar esta pele um dia, quando sob sua envoltura chegou à maturidade a **primeira natureza**. Mas na maioria das pessoas o germe se atrofia.¹⁴

Para Nietzsche, a moral dos costumes (*Sittlichkeit der Sitte*) possui uma função paradoxal e fundamental na história do espírito. Longe de ser apenas um sistema de repressão a ser descartado, ela é o meio histórico necessário para o próprio surgimento do homem livre e de espírito nobre.

Essa moralidade coercitiva e niveladora não constitui um fim em si mesma, como as sociedades tradicionais e as religiões costumam apresentar. Pelo contrário, ela funciona como um instrumento de disciplina e formação. Através de sua violência simbólica – proibições, punições, a internalização da culpa, a moral dos costumes forja no animal humano uma memória, uma vontade duradoura e uma capacidade de prometer. É ela que cria o animal que pode fazer promessas, o indivíduo com caráter estável.

[...] Os indivíduos habitam-se a certas maneiras de agir e pensar, transmitidas de geração a geração. Tornando-se tradicionais elas acabam consolidadas, não admitem dúvidas nem tolerando questionamento; tem de ser respeitadas de forma absoluta considera-se *imoral* o indivíduo que a elas não quer submeter-se; seu modo de agir é imprevisto, sua maneira de pensar arbitrária. A moralidade estaria, pois, intimamente ligada às necessidades do rebanho.¹⁵

Desse modo, a moral dos costumes é o espaço primordial da cultura, uma "segunda natureza" impressa sobre a primeira. É nesse cadinho social que o homem adquire a força, a regularidade e a consciência de si que, em um estágio posterior, lhe permitirão questionar e transcender a própria moral que o formou. O espírito livre, portanto, não surge apesar da moral dos costumes, mas por causa dela e através de sua superação. Ele é seu filho mais rebelde e mais elevado.

Mas coloquemo-nos no fim do imenso e processo, ali onde a árvore finalmente sazona seus frutos, onde a sociedade e sua moralidade do costume finalmente trazem à luz aquilo para o qual eram apenas o meio: encontramos então, como o fruto mais maduro da sua árvore, o *indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. São Paulo: Sagitário, 1947, p. 463.

¹⁵ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo, Moderna, 1993, p. 58.

supramoral (pois “autônomo” e “moral” se excluem), em suma, o homem da vontade própria duradoura e independente, o que pode *fazer promessas* — e nele encontramos, vibrantes em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade o sentimento de realização.¹⁶

Uma vez que o indivíduo realiza o rompimento efetivo com a moralidade dos costumes, essa "segunda natureza" internalizada que se apresenta como verdade inquestionável, ele não regressa a um estado de natureza bruto. Em vez disso, ele vai além. Ao desmontar os valores herdados e compreender sua origem humana e contextualizada, que serve a interesses políticos e sociais, ele conquista a possibilidade de tornar-se senhor de si mesmo.

A eticidade e transvaloração representam dois polos opostos na forma de entender a vida ética. Uma é a voz da ordem, da tradição e da totalidade social; a outra é o grito de liberdade, da criação e do indivíduo soberano. Colocá-las lado a lado não é comparar duas teorias morais semelhantes, mas contrastar dois universos filosóficos radicalmente distintos.

O indivíduo que realizou a transvaloração opera uma mudança copernicana em sua própria existência. Ele já não busca o sentido da vida em um "além" — seja metafísico, religioso ou ideológico. Esse movimento de fuga para fora do mundo está extinto. Pois ele encontrou o sentido na própria Terra, na textura concreta da existência que habita. O sentido deixa de ser uma resposta a ser descoberta e passa a ser uma experiência a ser vivida, uma força a ser criada a partir do engajamento total com o aqui e agora.

É urgente, pois, suprimir o além e voltar-se para a terra; é premente entender que eterna é esta vida tal como a vivemos aqui e agora. Nisto consiste o projeto nietzschiano de transvaloração de todos dos valores; fundar os valores a partir de outras bases, fundá-los numa cosmologia que pretende apoiar-se em dados científicos.¹⁷

Consequentemente, ele não necessita mais justificar suas ações em um "fora" — nos mandamentos de Deus, nas leis da História ou no julgamento alheio. Não há ação verdadeiramente boa, no sentido mais elevado e afirmativo, se ela precisa ser justificada de fora, se necessita de uma testemunha no além, seja Deus, a sociedade ou a posteridade, para lhe conferir valor e sentido.

Uma ação que depende da validação de um tribunal exterior é, em sua essência, uma ação reativa e servil. Ela não brota da plenitude e da autossuficiência do agente, mas

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p.44.

¹⁷ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo, Moderna, 1993, p, 55.

de uma carência, de um medo, ou de um cálculo em relação a uma instância superior. É a ação do escravo, do homem do rebanho, que não se atreve a ser a própria medida de seu valor.

Sempre vigiado, guardado, espiado, gratificado? Se há outro sempre outrem a nosso lado, a melhor parte do valor e da bondade se tornou impossível no mundo. Não nos sentiríamos tentados a enviar tudo ao diabo por causa dessa indiscrição do céu, ante este vizinho inevitável e sobrenatural? Mas não há motivo; não foi mais do que um sonho! Despertemos, pois¹⁸.

A ação soberana e criadora, pelo contrário, carrega sua justificação em si mesma. Ela é seu próprio fim e sua própria recompensa. Nasce do transbordamento de uma vontade de potência que não pede licença, não busca testemunhas e não precisa de perdão. É boa porque é forte, bela e afirmativa, e não porque corresponde a um mandamento externo. Sua única testemunha é a própria consciência do criador, e seu único tribunal é a vida que ela intensifica.

Sua justificação brota de um "dentro" radical: da fidelidade aos seus próprios impulsos criadores, da coerência com a vida que escolheu afirmar, da vontade de potência que em si mesma é sua própria razão de ser. "Em *Assim falava Zaratustra*, o filósofo expressa, por vez primeira em sua obra, a ideia de que a vida e vontade de potência se identificam."¹⁹

Sua moralidade, portanto, não é mais de obediência a valores externos, mas de responsabilidade perante a vida que ele mesmo encarna. Ele é, simultaneamente, a pergunta e a resposta, o artista e a obra, o sol que ilumina seu próprio caminho. Seu sim à vida não é uma concessão, mas a fonte autogeradora de todo valor, tornando desnecessária qualquer apelação a um tribunal superior. A vida, em sua imanência plena e trágica, é agora seu único e suficiente absoluto.

Este *senhorio* não é um domínio tirânico, mas uma soberania espiritual. Significa que o indivíduo deixa de ser um efeito das forças morais e históricas que o moldaram para se tornar sua causa. Ele não mais obedece a valores; ele os avalia, os julga e, se for o caso, os cria. A lei, que antes era externa (vinda de Deus, da sociedade, da tradição), agora emana de sua própria vontade clarificada e afirmativa. "E o que é ser um criador do bem e do mal, de fato: ser primeiro destruidor e quebrar os valores em pedaços."²⁰

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. São Paulo: Sagitário, 1947, p.224.

¹⁹ MARTON, Scarlett. **Nietzsche : das forcas cósmicas aos valores humanos**. 3. Ed Belo Horizonte, UFMG, 2010, p.50.

²⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo; Martin Claret, 2014, p.157.

Esse é o homem que Nietzsche denomina "espírito livre" e que antecipa o *Übermensch*. Ele carrega o peso da responsabilidade que antes era terceirizada: a responsabilidade de dar sentido à sua própria existência. Tornar-se senhor de si é, portanto, o ato supremo da transvaloração em escala individual: a passagem da obediência à criação, da culpa à responsabilidade, da vida como um problema a ser resolvido para a vida como uma obra de arte a ser criada.

Esse liberto ao qual é *permitted* prometer, este senhor do *livre-arbítrio*, este soberano — como não saberia ele da superioridade de que assim possui sobre todos os que não podem prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanto a reverência desperta — ele merece as três coisas — e como, com esse domínio sobre si é dado também o domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza e todas as criaturas menos seguras e mais pobres e vontade? O homem “livre”, o possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade tem nesta posse a sua *medida de valor*: olhando para os outros a partir de si, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto os seus iguais, os fortes e confiáveis (os que podem prometer) — ou seja, todo aquele que promete como soberano, de modo raro, como um peso e lentidão, e que é avaro com sua confiança, que *distingue* quando confia, que dá a sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante promete para mantê-la contra o que for adverso, mesmo “contra o destino”[...]²¹

A afirmação de que o homem livre é imoral não significa que ele seja cruel ou caótico. Pelo contrário, ela aponta para sua capacidade radical de romper com a moral dos costumes. O que a história e a sociedade apresentam como moral, um conjunto de valores absolutos e inquestionáveis, é revelado, aos olhos do espírito livre, como um amálgama de meros costumes, tradições e interditos que foram lentamente assimilados e naturalizados pelos indivíduos.

A superação não é um retorno à barbárie, onde os instintos são liberados sem controle. É a sublimação, redirecionar a energia dos instintos proibidos (como a agressão, o desejo de poder) para metas criativas, intelectuais e espirituais. A ambição vira força para superar a si mesmo; a agressão, coragem para desafiar convenções.

Esses costumes, ao serem internalizados ao longo de gerações, adquiriram a aparência de valor moral objetivo, valor em si dado por Deus ou concebidos numa base metafísica. O espírito livre, através da genealogia, desfaz esse encantamento. Ele percebe que o "bem" e o "mal" convencionais não são mandamentos divinos ou verdades metafísicas, mas estratégias de vida, expressões de uma vontade de poder específica (geralmente a dos fracos e sacerdotes).

²¹ NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das letras, 2009, p.45.

A grande questão acerca da moralidade dos costumes, sob a ótica nietzschiana, não é apenas sua repressão ou sua hipocrisia. É a sua capacidade de gerar uma poderosa acomodação do homem frente à vida. Que por sua vez levaria ao cansaço, a nada querer e ao vazio existencial.

A moral dos costumes não exige heroísmo; exige conformidade. Ela não promete grandeza; promete segurança. Ao oferecer um manual preestabelecido de conduta, a saber, isto é bom, isto é mau, ela poupa o indivíduo do fardo angustiante da liberdade, da responsabilidade de criar seus próprios valores e de dar um sentido único à sua existência.

Essa acomodação é, portanto, uma forma de niilismo passivo. O homem bem adaptado aos costumes abdica da aventura de se superar, de se arriscar, de dizer *sim* à vida em sua plenitude trágica. Ele prefere a tranquilidade do rebanho ao perigo solitário do cume. Sua vida torna-se uma réplica, não uma obra de arte; uma rotina, não uma criação.

Na medida em que em todas as épocas da existência da humanidade, desde que o homem é homem, existiram os rebanhos humanos (clãs. Comunidades, tribos, povos, Estados, igrejas) [...] A limitação extraordinária do desenvolvimento humano, a tendência a procrastinar, o retrocesso frequente e lento, é imputável o fato de que o instinto gregário de obediência é transmitido melhor como herança à custo da arte de comandar. Se imaginarmos esse instinto sendo aumentado até o seu máximo, tanto os comandantes como os indivíduos e deixarão de existir ou vão sofrer intimamente de má consciência e em primeiro lugar terão de se iludir para poder mandar, isto é. terão de acreditar que eles também obedecem. [...] ²²

Assim, a moral dos costumes opera um nivelamento por baixo: ela sufoca as centelhas de singularidade, de coragem e de espírito livre em nome da paz social e da preguiça metafísica. O "homem costumeiro" não é um vilão; é um adormecido, um ser que trocou a potência de sua vontade pelo conforto morno de obedecer. Nietzsche vê nessa acomodação a grande doença do espírito moderno: a preferência pela sombra confortável à luz intensa, e frequentemente dolorosa, da vida vivida em sua potência máxima.

Portanto, sua imoralidade é, na verdade, uma ética de segunda ordem. Ele não se rebela por rebeldia, mas porque atingiu um ponto de vista a partir do qual pode julgar a própria moral. Sua ação pode parecer imoral ao rebanho porque rompe com o hábito; no entanto, ela é guiada por uma disciplina autoimposta e por um *sim* criador à vida infinitamente mais exigente do que a obediência passiva a regras herdadas.

²² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret. 2015, p.131.

3.2 O *Übermensch* (Além-Homem) deve viver além do bem e do mal, sem culpa ou ressentimento.

A constatação devastadora proporcionada pela genealogia da moral, foi a revelação de que nossos valores mais sagrados nasceram do ressentimento, da fraqueza e de uma negação da vida, não leva Nietzsche ao desespero niilista. “Se a ruína do cristianismo trouxe uma consequência a sensação de que ‘nada tem sentido’, ‘tudo é em vão’ trata-se agora de mostrar que a visão cristã não é a única interpretação do mundo-- é só mais uma. [...]”²³

Pelo contrário, esta constatação do fim dos valores transcendentais, o impele a propor a última e mais audaciosa tarefa: a superação definitiva desses valores e do próprio tipo humano que os criou.

É urgente, pois, suprimir o além e voltar-se para a terra; é premente entender que eterna é esta vida tal como a vivemos aqui e agora. Nisto consiste o projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores: fundar os valores a partir de outras bases, fundá-los numa cosmologia que pretende apoiar-se em dados científicos.²⁴

Essa superação encontra sua figura simbólica no super-homem (*Übermensch*) ou além-do-homem. O *Übermensch* não é um novo ditador ou um ser sobre-humano no sentido fantástico. Ele é o sentido da terra, a flecha lançada em direção ao futuro, que representa a superação do homem como um erro, uma ponte, um declínio.

“Eu vos ensino super-homem”. O homem é algo que deveria ser superado. O que fizeste para superá-lo?

Até hoje todos os seres criaram algo além de si mesmos: e vós quereis ser o refluxo da maré alta, preferis regredir ao estado de animais a superar o homem?²⁵

A proclamação de Zaratustra, o homem é algo que deve ser superado é a conclusão lógica da genealogia. O homem atual, o homem do rebanho, moldado pela moral de escravos e doente de niilismo (falta de sentido), é uma etapa, não um destino. Ele é o casulo do qual deve emergir uma forma de existência mais elevada: um ser que, tendo assimilado a crítica genealógica, cria seus próprios valores a partir de um "sim" incondicional à vida, que afirma o eterno retorno de todas as coisas e que vive a liberdade como uma responsabilidade criadora perante a si mesmo e ao futuro.

Vede, eu vos ensino o super-homem!

O super-homem é o sentido da terra. Deixai a vossa vontade: dizer o Super-homem deve ser o sentido da terra!

²³ MARTON, Scarlett. **Nietzsche : a transvaloração dos valores**. São Paulo : : Moderna, 2006,p.65.

²⁴ MARTON, **Nietzsche**, p.65.

²⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo; Martin Claret, 2014, p.18.

Eu vos rogo irmãos, permaneceis fiéis à terra e não acreditais naqueles que vos falam de esperanças sobrenaturais! Eles são envenenadores, quer saibam disso ou não.²⁶

Portanto, a genealogia é o martelo que destrói os ídolos, e o *Übermensch* é a promessa do novo templo, um templo sem deuses, construído sobre a terra, onde a única lei será a afirmação trágica e grandiosa da existência por aqueles que se tornaram fortes o suficiente para serem seus próprios legisladores.

Com a morte de Deus e a visão de dionisíaca do mundo, com a travessia do niilismo e sua superação um *amor fati*, ele vem conciliar os opostos, melhor vem recusar que existam. Não se trata de um tipo biológico superior ou de uma nova espécie engendrada pela seleção natural, mas de quem organiza o caos de suas paixões e integra numa totalidade cada traço do seu caráter, e quem percebe que seu próprio ser está envolvido no cosmo de sorte que afirmá-lo é afirmar tudo o que é, o que foi e será. Fazendo surgir novos valores, ele intervém num momento qualquer do processo circular, que é o mundo e assim recia o passado transforma o futuro.²⁷

Esta não é uma proposta de imoralidade, mas de uma super-ética ou uma ética trágica, que nasce da superação das categorias morais tradicionais e da aceitação incondicional da existência em sua totalidade. Viver e afirmar a vida para além das categorias do bem e do mal.

Para Nietzsche, a moral judaico-cristã e mesmo a filosofia platônica criaram uma metafísica dualista que nega a vida. Esse modelo moral dividiu o mundo em duas categorias apenas bem e mal. O bem como tudo aquilo é o espiritual, o eterno, o altruísta, o ascético, o além-mundo e o mal o corporal, o passageiro, o egoísta, o sensual, o *este* mundo. Este modo de valorar é típico de um modelo utilitarista e fruto do ressentimento, resultado da moral de escravos.

[...]A moral dos escravos é em essência a moral da utilidade. Aqui é o lugar de origem da famosa antítese do “bem” e do “mal”: – poder e perigo são tidos como pertencentes ao mal, certo terror, sutileza e força que não admitem o desprezo. Segundo a moral dos escravos, portanto, um homem “mau” inspira medo; e segundo a moral dos senhores; é precisamente um homem “bom” que desperta e busca despertar medo, enquanto o homem “mau” é visto como ser desprezível. [...]²⁸

Este sistema é, em sua raiz, uma moral de ressentimento. Os "fracos", incapazes de lidar com a força, a dor e a fluidez da existência, declararam essas características como "más" e inventaram um mundo oposto, ideal, onde seu modo de ser seria a norma. O resultado é a culpabilização da vida, seus impulsos mais básicos (vontade de poder,

²⁶NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo; Martin Claret, 2014, p. .19.

²⁷ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo, Moderna, 1993, p.69.

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret. 2015, p.249.

desejo, afirmação de si) são vistos como pecaminosos. A vida, tal como é vivida, é julgada e condenada por um suposto padrão superior.

Ir para além do bem e do mal significa é compreender que esses conceitos não são verdades eternas, mas construções humanas, nascidas de interesses e lutas específicas (a revolta dos escravos na moral), deixar de avaliar a realidade (os fatos, os instintos, os acontecimentos) através das lentes do certo e "errado" metafísicos. Um vulcão não é "mal"; um leão que caça não é "cruel", são expressões de forças naturais. Da mesma forma, os impulsos humanos devem ser compreendidos, não julgados *a priori*.

Nietzsche propõe trocar a pergunta moral ao invés de perguntar o que é o bom ou mau. As perguntas seriam: isto fortalece ou enfraquece a vida? Isto é sintoma de saúde ou de decadência? A medida, para avaliar o valor, deixa de ser um código transcendente e passa a ser a própria vida e sua potência.

A afirmação da vida atinge seu grau máximo em dois conceitos interligados a saber: Amor Fati e Eterno Retorno. É o amor incondicional por tudo que aconteceu, acontece e acontecerá na própria vida, que permite este sim à vida. Não uma resignação passiva, mas um "sim" ativo e criador à própria existência, com todos os seus acidentes, sofrimentos, perdas e alegrias. É dizer: quero que cada detalhe da minha vida se repita exatamente como foi, eternamente.

A vida é afirmada quando se soubesse que toda a sua vida, com cada dor e cada prazer, se repetiria infinitas vezes, sem a menor alteração, revelasse não desespero, mas frente a essa ideia, nenhum ressentimento e nada de negação da vida. Mas alegria diante dela é a prova de que se alcançou a afirmação para além do bem e do mal. Significa que se ama a vida de tal forma que não se deseja subtrair nada dela.

[...] Homem! Tua vida inteira, como uma ampulheta, será sempre desvirada outra vez e sempre se escoará outra vez, – um grande minuto de tempo no intervalo, até que todas as condições, a partir das quais vieste a ser, se reúnam outra vez no curso circular do mundo. E então encontrarás cada dor e cada prazer e cada amigo o inimigo cada esperança e cada erro cada folha de grama e a cada raio de sol outra vez, a inteira é conexão de todas as coisas. Esse anel, em que és um grão, resplandece sempre outra vez. E em cada anel da existência humana em geral há sempre uma hora, em que primeiro para um, depois para minutos, depois para todos emerge o mais poderoso dos pensamentos, o pensamento do eterno retorno de todas as coisas: –é cada vez, para a humanidade, a hora do *meio-dia*.²⁹

O criador de valores, o Além-do-homem como afirmador da vida, é quem consegue essa transvaloração de todos os valores, é a figura do Além-do-homem (*Übermensch*), que não é um tirano, mas o criador de valores.

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas: O eterno retorno**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.397,398.

[...] Mas nós queremos ser aqueles que somos — os novos, os únicos, assim incomparáveis, os que fazem as próprias leis, os que criam a si mesmo! E para isso precisamos nos tornar os melhores aprendizes e descobridores de tudo que é legítimo e necessário no mundo; precisamos saber como poderemos ser físicos, e, nesse sentido, criadores — enquanto até agora todos os juízes de valor e ideais foram construídos com o desconhecimento da física ou essa contradição a ela. E por isso, viva também o que nos obriga a ela — nossa honestidade!³⁰

Ele não segue uma moral recebida (o "bem" e o "mal" do rebanho). Ele cria o seu próprio bem (tudo que amplia seu poder, sua saúde, sua singularidade) e o seu próprio mal (tudo que o enfraquece, o diminui, o nivela). Sua ética é a da responsabilidade soberana perante a vida que é, e da criação artística da vida que pode ser. “Assumir o direito de novos valores — é o mais formidável dos pressupostos, para a suportação e a reverência de um espírito. Em verdade, isso é um ato de rapinagem próprio de um animal de rapina.”³¹

Afirmar a vida para além do bem e do mal é, em última instância, recuperar a inocência do vir-a-ser. É ver o mundo não como um palco de culpa e redenção, mas como um jogo de forças (a Vontade de Poder), um fenômeno estético a ser vivido com intensidade.

Não por acaso, o último estágio da transformação do espírito, conforme descrito por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra*, é a criança. Essa imagem sintetiza todo o percurso de superação. A "criança" nietzschiana não é a ingenuidade do primeiro estágio (o camelo, que carrega os fardos dos valores recebidos), nem a destrutividade crítica do segundo (o leão, que diz um "não" sagrado aos ídolos e aos "tu deves"). A criança representa o terceiro e último o do novo início, da criação inocente. “Nomeio-vos três transformações do espírito: como um espírito se torna um camelo, o camelo um leão e, por último, o leão uma criança.”³²

Ela simboliza o espírito que, livre do ressentimento do leão e do peso do camelo, recupera a capacidade de um sim originário e afirmativo. Como uma criança que brinca, seu agir não é mais reativo (contra algo), mas puramente ativo e criador. Ela inventa novos valores como quem inventa novas regras para um jogo, sem culpa, sem justificativa externa, por puro transbordamento de força e alegria.

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2016, p.327

³¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo; Martin Claret, 2014, p. 39.

³² NIETZSCHE, **Assim falou Zaratustra**, p. 37.

Portanto, a *criança* é a metáfora perfeita para o espírito transvalorado e para o homem do futuro. É o estado no qual a vontade de potência, purificada pela negação do leão, finalmente se expressa como pura afirmação, inocência do devir e capacidade de esquecer para sempre criar de novo. É o sim sagrado que Zaratustra anuncia, a roda que gira sobre si mesma, o início de um novo jogo sobre a terra.

É trocar a moral do juiz (que condena) pela ética do artista (que molda) e da criança que brinca (que afirma). É reconciliar-se com a terra, com o corpo, com o acaso e dizer *sim* a toda a existência, visto que toda realidade tal como a vivemos repetirá eternamente.

Esta afirmação é o antídoto supremo contra o niilismo. Quando não há mais *bem* e *mal* absolutos para dar sentido, o sentido é criado no ato heroico e jubiloso de amar a própria existência, em sua terrível e maravilhosa totalidade.

3.3 O ressentimento e a transvaloração dos valores.

O pensamento de Nietzsche apresenta como aspecto marcante a análise do ressentimento (*Ressentiment*) como a força psicológica motriz por trás daquilo que ele denominou moral de rebanho ou moral dos fracos.

–Agora uma palavra negativa sobre as tentativas recentes de buscar a origem da justiça um terreno bem diverso – do ressentimento. Antes direi aos ouvidos dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto ressentimento: hoje essa planta foi florescer de modo mais esplêndido entre as anarquistas e antisemitas, aliás onde sempre floresceu, na sombra como violeta, embora com outro cheiro. [...] O que gostaria de sublinhar é a circunstância de que essa nova nuance de equidade científica (em favor do ódio, o desrespeito, da inveja, da suspeita, do rancor, da vingança) nasce do próprio espírito do ressentimento. [...] ³³

O ressentimento não é uma simples inveja ou raiva passageira. É um ódio fermentado, impotente e criativo. Nasce da fraqueza que, incapaz de agir ou de se vingar diretamente contra os fortes (os "senhores"), engendra uma vingança imaginária em nível espiritual. Essa vingança é a inversão de valores: o fraco declara que suas próprias características, a humildade, a piedade, a paciência são "boas", e diaboliza as qualidades do forte o orgulho, a coragem, a afirmação de si, como "más".

Assim o homem do ressentimento transveste a sua impotência em bondade, a baixeza temerosa em humildade, a submissão aos que odeia em obediência, a covardia em paciência, não poder vingar-se em não querer vingar-se e até perdoar, a própria miséria em aprendizagem para a beatitude, o desejo de represália em triunfo da justiça divina sobre os ímpios. O reino de Deus aparece com o produto do ódio e do desejo de vingança dos fracos. Ódio e o desejo de

³³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.57.

vingança seriam as palavras-chave para compreender o ressentimento. É a diferença que causa o ódio, ou melhor é recusa da diferença o engendra.³⁴

O desejo fundamental do ressentido é vingar-se contra o forte, o nobre, o homem de espírito livre. Esta não é uma vingança que possa ser realizada no plano da ação direta, pois o ressentido é, por definição, aquele que não pode agir. Sua força é a da reação, não da ação.

Em Nietzsche, o ressentimento é o fruto envenenado de uma condição psicológica mais profunda: a má consciência (*schlechtes Gewissen*). E esta, por sua vez, é o resultado direto da negação sistemática dos instintos imposta pela civilização e pela moral ascética. A má consciência é o último e mais profundo reduto da moral de escravos dentro de nós. Ela é a voz internalizada do sacerdote que nos diz que a vida, em sua plenitude e força, é algo a ser negado.

A má consciência não é um simples sentimento de culpa por um ato errado. É uma doença profunda da psique, a marca registrada do que ele chama de animal doente. A transvaloração de valores só se torna possível quando esse tumor espiritual é extirpado. É um processo em duas etapas: primeiro, entender a prisão; depois, romper os grilhões.

Descreve a má consciência como o resultado de uma violenta transformação histórica. Quando o ser humano, o animal selvagem, foi forçado a viver em sociedade pacificada, algo crucial aconteceu. Ele foi forçado a criar uma memória, e a forma encontrada para criar tal memória foi o sofrimento. A memória não é uma faculdade natural que o homem simplesmente possui; ela é, ao contrário, um produto histórico, uma conquista violenta obtida à custa de dor.

Sua consciência?... Já se percebe que o conceito de “consciência”, como que deparamos aqui em sua manifestação mais alta, quase desconcertante, tem uma longa história e variedade de formas atrás de si.[...] – ‘Como fazer no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nesse inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação de esquecimento?’... [...]’³⁵

A sociedade, para se estabilizar e garantir que os homens cumprissem suas promessas, precisou gravar a fogo no espírito humano as regras da convivência e o instrumento dessa gravação foi a punição, a dívida, a culpa e o castigo. "Só o que não cessa de doer fica na memória"³⁶. Assim, o sofrimento não é um acidente do processo civilizatório, mas seu

³⁴ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. 3. ed. São Paulo, Moderna, 1993, p.55,56.

³⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.46.

³⁶ NIETZSCHE, **Genealogia da moral**, p.46

motor principal: é pela dor que o homem aprende a lembrar, a prometer, a se sentir responsável.

Essa memória dolorosa, porém, tem um preço: ela gera a má-consciência, o sentimento de culpa e a interiorização dos instintos, que se voltam contra o próprio homem. Compreender essa origem violenta da memória e da moral é essencial para a transvaloração, pois nos permite ver que os valores que nos parecem naturais são, na verdade, produtos de um processo histórico marcado pelo sofrimento – e, portanto, podem ser superados.

Os instintos foram internalizados. Nossos impulsos naturais de agressão, domínio, caça e liberdade, o que Nietzsche chama de vontade de poder, não puderam mais ser descarregados para o exterior. Sem inimigos externos, o homem voltou-se contra si mesmo.

A crueldade virou autoflagelação. A mesma energia que era usada para criar, explorar e conquistar foi direcionada para o interior da psique. O homem começou a se torturar, a duvidar de si, a considerar seus instintos mais básicos como algo "errado" e "pecaminoso".

A má consciência é, portanto, o instinto de liberdade tornando-se autodestrutivo. É a vontade de poder aplicada contra o próprio eu. A má consciência opera na lógica da "dívida infinita" (para com Deus, para com a sociedade). O homem que a supera abandona a culpa passiva e abraça a responsabilidade ativa. Ele não é mais um "pecador", mas um criador de si mesmo. Sua luta não é mais para se redimir de uma falta original, mas para moldar sua vida como uma obra de arte.

[...]Com a moralização das noções de culpa e dever, com seu afundamento na *má* consciência, houve a tentativa de *inverter* a direção do desenvolvimento acima descrito, ou ao menos de deter o seu desenvolvimento: justamente a perspectiva no resgate definitivo deve se encerrar, de modo pessimista, de uma vez por todas; o olhar deve se chocar e recuar desconsolado, ante uma impossibilidade férrea; as noções de culpa e dever devem se voltar para trás – contra *quem*? Não se pode duvidar: primeiramente com “devedor” no qual a má consciência de tal modo se enraíza, corroendo e crescendo por todos os lados como um pólipo, que, por fim, com a impossibilidade de pagar a dívida, se concebe também a impossibilidade da penitência, a ideia de que não se pode realizá-la (o “castigo eterno”); [...]³⁷

O processo da criação de valores entendidos como valores dos escravos segue uma lógica sistemática. Começa pela negação dos instintos (a agressividade, a sexualidade, a

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.74.

vontade de dominar) em nome da vida em sociedade e, depois, da moral religiosa. Esses instintos, não podendo se exteriorizar, voltam-se contra o próprio indivíduo, criando a "má consciência", um estado de guerra civil interna, de autoflagelação e culpa.

Dessa fermentação interior do ódio contra si mesmo, brota o ressentimento, o ódio impotente que, não podendo agir, fantasia uma vingança. O alvo dessa vingança imaginária é aquele que *não* nega seus instintos: o homem livre, o nobre, o forte.

Por fim, esse ressentimento, sendo criativo em sua perversidade, engendra novos valores. Incapaz de vencer no plano da força, o homem ressentido cria um plano espiritual alternativo: idealiza valores morais (humildade, piedade, abnegação) e os projeta em um "além" (o céu, o reino de Deus), onde eles se tornam as armas supremas para condenar a vida terrena e afirmativa do homem livre.

Assim, a moral dos fracos não é uma simples fraqueza; é uma complexa máquina de guerra psicológica construída a partir dos escombros dos instintos reprimidos. O ressentido, longe de ser passivo, é um gênio da reação, que transforma sua própria impotência no alicerce de um império espiritual.

Nietzsche, enxergar neste modelo de moralidade apenas uma "escolha diferente" é subestimá-la fatalmente. Ele vê na vitória do ressentimento o grande evento patológico da história humana. Essa moral, ao glorificar a fraqueza e condenar a força, ao promover a culpa e a negação dos instintos, opera um apequenamento sistemático da espécie. Em vez de selecionar e promover os tipos mais elevados, mais corajosos e criativos (o "homem nobre"), a moral de rebanho protege, reproduz e empodera os tipos mais medíocres, doentes e reativos.

O homem ressentido, atormentado pelo vazio, busca desesperadamente um sentido, um fim último. Ele não busca um sentido apenas para sua própria ação, mas para tudo o que existe, projetando-o em uma instância transcendente (Deus, coisa-em-si, paraíso, verdade absoluta). Para ele, a ausência desse sentido idealizado equivaleria ao niilismo absoluto, o desespero diante de um universo indiferente. "A Rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negado a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma Vingança imaginária obtém reparação."³⁸

³⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.26.

A transvaloração, no entanto, não passa por essa busca. Ela opera uma revolução copernicana na questão do sentido. O sentido deixa de ser algo a ser encontrado ou concedido de fora, e passa a ser algo a ser criado e vivido de dentro. Na ética afirmativa o próprio homem, em sua existência terrena e na superação si encontra o sentido. A vida não é uma pergunta cuja resposta está em outro lugar; ela é o processo mesmo de criar respostas, de impor a forma da própria vontade ao caos do devir.

A transvaloração, portanto, só começa de verdade quando essa voz é silenciada. Quando o homem deixa de ver seus instintos como um inimigo e passa a vê-los como a matéria-prima de sua grandeza. A superação da má consciência é o momento em que a vontade de poder, antes voltada contra si mesma, se liberta e se afirmar no mundo.

Nesse sentido, o homem de espírito nobre se distingue radicalmente do homem do ressentimento por uma característica psicológica fundamental: o ressentimento não encontra nele um ponto de fixação, um terreno fértil onde possa se enraizar e proliferar como doença.

Enquanto o homem do ressentimento internaliza suas reações, fermentando o ódio impotente e transformando sua incapacidade de agir em uma ferida que nunca cicatriza, o homem nobre possui uma estrutura psíquica reativa.

Por essa razão, escreve Nietzsche: o próprio ressentimento do homem nobre, quando aparece, se consuma e se esgota, com efeito, em uma reação imediata, e, por isso, não envenena. Por outro lado, nem sequer aparece, em números casos os quais resulta inevitável seu aparecimento em todos os débeis e impotentes. Devemos agora observar mais de perto ou elemento construtivo da fortaleza do forte e da debilidade do impotente. Ele reside na eficácia da descarga extrema, aliada ao vigor a força plástica e restauradora própria da capacidade de esquecimento. [...] ³⁹

É a passagem definitiva do homem culpado (o produto do cristianismo) para o espírito livre ou o Super-Homem, aquele que, tendo curado sua ferida mais profunda, está finalmente apto a criar valores que dizem "sim" à vida, à saúde e à alegria de existir, sem o peso paralisante da culpa.

A transvaloração é a cura para o niilismo. Se o niilismo é a desvalorização dos valores supremos, a transvaloração é a criação de novos valores que partem da afirmação da vida e não mais dados por Deus, ou conceitos metafísicos. Não se trata de simplesmente trocar "o bem" por "o mal", mas de mudar radicalmente o critério de avaliação.

³⁹ JUNIOR, Oswaldo Giacoia. **Ressentimento e vontade: Para uma Fisio-Psicologia do ressentimento em Nietzsche**. 1.ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2021, p.48.

Portanto, o "sim" incondicional da transvaloração (*Amor Fati*) é o antídoto para a pergunta niilista sobre o sentido. Em vez de perguntar para quê? o homem que transvalora afirma o que é. Ele não busca um sentido para o sofrimento; ele o incorpora como parte essencial da trama grandiosa que ele próprio está tecendo. A sua dor, sua alegria, sua luta, sua criação, tudo isso já é o sentido, porque é a expressão viva e única de sua vontade de potência, o único legislador que ele reconhece.

3.4 A vontade de potência e a transvaloração dos valores.

A crítica fundamental de Nietzsche dirige-se ao progressivo e sistemático afastamento do homem em relação à vida, entendida como o fluxo sensível, corporal, trágico e criador da existência terrena. “Um ser vivente procura, acima de tudo, DESCARREGAR sua força – a própria vida é a VONTADE DE POTÊNCIA; autopreservação é apenas uma das mais indiretas e frequentes consequências disso.”⁴⁰

Esse afastamento tem sua origem filosófica no pensamento socrático-platônico. Ao dividir a realidade entre um "mundo sensível" (imperfeito, ilusório) e um "mundo inteligível" (das Ideias perfeitas e eternas), Platão desvalorizou radicalmente a experiência concreta. A vida, o corpo, os sentidos e as paixões foram relegados ao reino da aparência e do erro, enquanto a verdade e o valor foram deslocados para uma esfera transcendente. A negação da vida enquanto vontade de potência e que busca se afirmar em todos aspectos começa com Sócrates.

Mas a palavra mais penetrante desse culto novo e inaudito ao saber é ao entendimento, foi Sócrates quem disse, quando constatou ser o único que confessava *nada saber*, enquanto, em sua perambulação crítica por Atenas, visitando os grandes estadistas, oradores, poetas e artistas, encontrava por toda parte a fantasias do saber. Com espanto, reconheceu que todas aquelas celebridades não tinham um entendimento correto e seguro nem mesmo sobre sua profissão e a exercia apenas por instinto. “Apenas por instinto”: com esta expressão tocamos o coração e o centro da tendência socrática. Com ela o socratismo condena tanto a arte vigente quanto a ética vigente: para onde se dirige esse olhar inquisidor, lá ele vê a falta de entendimento e a força da ilusão, e concluir que dessa falta que o que ele existe é intrinsecamente pervertido e repudiável. A partir desse único ponto acreditava Sócrates ter de corrigir a existência: ele, sozinho, trazendo no rosto a expressão do desdém e da altivez, faz sua aparição, como o precursor de uma cultura, arte moral de espécie totalmente outra, em um mundo, que para nós haveria de ser a maior das felicidades simplesmente deslumbrar com respeito e terror.⁴¹

⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret. 2015, p.29.

⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas: O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.20.

Contudo, é com o advento do cristianismo que essa negação dos aspectos vitais se torna mais notória, radical e popular, o cristianismo como platonismo das massas popularizou e ratificou essa ideia platônica. O cristianismo herdou e intensificou a desconfiança platônica em relação ao mundo. Ele traduziu a dualidade filosófica em termos religiosos: corpo e alma, terra e céu, pecado e salvação.

A negação já não era apenas intelectual; tornou-se moral e existencial. A vida, com seus prazeres, sua força, sua vontade de poder, foi interpretada como "pecado" ou "tentação". O sofrimento, parte inerente da condição trágica, foi ressignificado como "castigo" ou "provação", cujo sentido só se realizaria em uma vida futura.

Desse modo, Nietzsche diagnostica no cristianismo a consumação da "moral de escravos", uma moral que, nascida do ressentimento contra os fortes e saudáveis, elegeu a negação da própria vida como sua mais alta virtude. O resultado foi uma civilização que, em nome de um "além", ensinou o homem a temer, a negar e a sentir culpa por aquilo que ele é em sua essência vital.

Há uma MORAL DOS SENHORES e uma MORAL DOS ESCRAVOS --, [...]. As distinções morais de valor foram originadas de uma espécie dominante, tranquilamente confiante de sua diferença em relação à dos dominados -- ou entre os dominados, os escravos e dependentes de toda sorte.⁴²

Se, por um lado, Nietzsche constata o afastamento da vida e sua consequência niilista, a perda de sentido, uma vez que os ideais foram projetados para fora do mundo, por outro, ele apresenta a saída definitiva para superar esse estado de decadência. A cura não está em encontrar um novo ideal transcendente, algo para fora mundo ou da realidade da vida, mas em realizar uma revolução na própria percepção da realidade.

[...]— e que acontece em todas aristocracias sadias— deve, se é um corpo vivo, e não morto, fazer tudo aos outros corpos que os seus indivíduos se abstêm de fazer uns aos outros e terá de ser a vontade de potência encarnada, deverá empenhar-se em crescer, em expandir-se, atrair para si adquirir ascendência-- não devido a uma moralidade ou imoralidade qualquer, mas porque VIVE e porque a vida é precisamente vontade de potência. [...]⁴³

Essa revolução consiste em compreender a vida como vontade de potência. Não como uma busca por poder no sentido vulgar, mas como o impulso fundamental de todo ser vivo para expandir-se, superar-se, impor forma ao caos e afirmar a sua própria existência. A partir dessa compreensão, a tarefa ética suprema se torna afirmar a vida em todos os seus aspectos.

⁴² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret. 2015, p.245.

⁴³ NIETZSCHE, **Além do bem e do mal**, p.44.

É no âmbito das preocupações cosmológicas que Nietzsche postula a existência de forças, dotadas de um querer interno, que se exercem em toda parte. Contudo, quando se trata da crítica dos valores, é a vida, enquanto vontade de potência, que toma como critério de avaliação. Em ambos os registros, porém, o conceito de vontade de potência desempenha papel de extrema e relevância: é o elemento constitutivo do mundo e, ao mesmo tempo, parâmetro no procedimento genealógico.⁴⁴

Isso significa um sim incondicional (*Amor Fati*) que não deixa de fora nada daquilo que pertence à vida: nem o sofrimento, nem o acaso, nem a luta, nem os instintos mais sombrios. Não se trata apenas de uma aceitação passiva, mas de uma ativa valorização da vida em sua totalidade trágica e grandiosa. A dor, antes vista como um mal a ser erradicado, é reinterpretada como o caldo de cultura necessário para o crescimento; o erro e o risco, como parte do jogo criador.

[...] sob longa opressão e compulsão teve de se tornar sutil e ousada, a sua vontade de vida teve de se elevar até absoluta vontade de potência — acreditamos que a severidade, a violência, a escravidão, o perigo nas ruas e no coração, o sigilo, o estoicismo, a arte da tentação e do satanismo de toda espécie —, tudo que é mau, terrível e tirânico, tudo o que há de animal predador e serpente no homem serve tão bem à elevação da espécie “homem” quanto ao seu oposto—[...]⁴⁵

Enquanto os valores morais tradicionais são entendidos como absolutos, transcendentais e eternos, verdades impostas de um além metafísico que comandam e, frequentemente, negam a vida concreta, a ética proposta por Nietzsche busca algo radicalmente distinto.

Para NOVOS filósofos, não há alternativa: em espírito suficientemente fortes e originais para dar impulso a valoração opostas, transvalorar e inverter “valores eternos”; em precursores e homens do futuro que fixam restrições e apertam o nó no presente e que impõe aos milênios novos caminhos.⁴⁶

Ela não é uma simples afirmação da vida num sentido genérico. É um amor incondicional (*Amor Fati*) a tudo aquilo que constitui o humano em sua experiência terrena. Isso inclui, de modo inextricável, o prazer e a dor, o sucesso e o fracasso, a saúde e a doença, a grandeza e a pequenez, a criação e a destruição.

Converter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, o adversário aliado é afirmar, com alegria, o acaso e a necessidade ao mesmo tempo; é dizer sim à vida. Nem conformismo, nem resignação, submissão passiva: amor; nem lei, nem causa, nem finalidade: *fatum* (destino). *Amor fati*, aí se acha reunido o que aparentemente não se pode reunir: a atividade em vista de realizar o que ainda não é e a aceitação amorosa do que advém. Em vez de esperar que um poder transcendente justifica o mundo, o homem tem de dar sentido a própria vida; em vez de aguardar que venham redimi-lo, deve amar cada instante como

⁴⁴ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. 3 ed. São Paulo, Moderna, 1993, p. 63,64.

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret. 2015, p.71.

⁴⁶ NIETZSCHE, **Além do bem e do mal**, p.139.

ele é. E não há afirmação maior da existência que a afirmação de que tudo retorna sem cessar.⁴⁷

Trata-se de uma reorientação total do eixo de valor. Em vez de medir a vida por um padrão externo de "bem" e "mal", a nova medida é a própria intensidade e plenitude da experiência vivida. O valor não está em corresponder a um ideal, mas em dizer "sim" com todas as forças ao destino que nos coube, transfigurando cada aspecto, até os mais terríveis, em parte necessária e preciosa de uma existência única e afirmada.

Em vez de valores baseados na negação da vida (o além-mundo, a renúncia, a compaixão que enfraquece), Nietzsche propõe valores baseados na afirmação da vida.

[...]O homem de espécies nobres vê A SI MESMO como aquele que determina os valores; ele não tem necessidade de ser aprovado; ele é quem julga: “Aquilo que me é prejudicial é prejudicial em si”; ele sabe que é ele quem confere honra às coisas; ele é quem CRIA VALORES. Ele honra aquilo que nele reconhece: tal moral é a glorificação de si mesmo. Em primeiro plano, há um sentimento de plenitude, de poder e busca transbordar, uma felicidade de alta tensão, a consciência de uma riqueza, que de bom grado cederia e daria de presente:-- o homem nobre também ajuda os desafortunados, mas nunca --ou quase nunca-- piedade, e sim por um impulso gerado pela superabundância de poder. [...]⁴⁸

Assim, o homem que realiza esse amor incondicional não se submete a valores; ele os cria a partir do abraço total de sua condição. Sua moralidade não é de obediência, mas de fidelidade consigo mesmo e com a terra. “Aquele que alcança seu ideal por si só o ultrapassa.”⁴⁹ É a passagem da moral do tu deves para a ética do eu sou e do eu quero assim, em toda a sua complexidade trágica e grandiosa.

Assim, a transvaloração se completa: o sentido deixa de ser algo a ser encontrado em outro lugar e passa a ser criado a partir do engajamento pleno com este mundo, na medida em que o homem, assumindo-se como expressão da Vontade de Potência, torna-se o legislador de sua própria existência.

⁴⁷ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna 1993, p. 67,68.

⁴⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret. 2015. p. 247.

⁴⁹ NIETZSCHE, **Além do bem e do mal**, p.100.

CONCLUSÃO

Ao percorrer a crítica nietzschiana à moral cristã, esta dissertação demonstrou que o diagnóstico de Nietzsche vai muito além de uma simples rejeição religiosa. Mais do que destruir os valores antigos ou criar novos arbitrariamente, a proposta nietzschiana aponta para a necessidade de um novo estado de consciência, uma postura filosófica permanente de constante avaliação do valor dos valores, com o objetivo de constatar sua eficácia para a vida.

Sua análise genealógica revela um sistema de valores que constitui a espinha dorsal da civilização ocidental, um sistema que, segundo o filósofo, nasceu do ressentimento, consagrou a fraqueza como virtude e construiu uma metafísica que nega a vida terrena em nome de um "além-mundo" imaginário. A moral cristã, nessa perspectiva, não é apenas um código ético, mas a expressão máxima do niilismo passivo a desvalorização dos valores supremos que caracteriza a decadência do Ocidente.

A força devastadora da crítica de Nietzsche reside precisamente em sua genealogia, que desloca a questão da verdade dos valores para a questão de sua procedência e da mutabilidade. Sendo estes valores não permanentes, e não valores em si, ou seja, desprovidos de qualquer fundamento transcendente ou metafísico, eles se revelam como construções culturais, forjadas ao longo da história a partir de relações de poder, de necessidades vitais e de interpretações do mundo.

Que o caráter seja imutável não é uma verdade no sentido estrito; esta frase estimada significa apenas que, durante a breve duração da vida de um homem, os motivos que sobre ele atuam não arranham com profundidade suficiente para destruir os traços impressos por milhares de anos. Mas, se imaginássemos um homem de oitenta mil anos, nele teríamos um caráter absolutamente mutável: de modo que dele se desenvolveria um grande número de indivíduos diversos, um após outro. A brevidade da vida humana leva a muitas afirmações erradas sobre as características do homem.¹

Ao mostrar que conceitos como "bem", "mal", "culpa" e "redenção" emergiram não de uma revelação divina, mas de uma luta histórica de forças, especificamente da "revolta dos escravos" na moral, Nietzsche despoja a moral cristã de sua pretensão à eternidade e universalidade. Ela aparece como humana, demasiado humana: produto de uma vontade de poder que, incapaz de afirmar-se diretamente, negou as formas de vida que a superavam.

¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.47.

No entanto, como demonstramos, a destruição não é o fim, mas o começo do projeto nietzschiano. A transvaloração de todos os valores apresenta-se como a única resposta possível ao niilismo desmascarado. Esta não é uma substituição mecânica de um conjunto de valores por outro, uma espécie de adaptação neste sentido a crítica a Herbet Spencer², mas um movimento duplo e dialético, a destruição crítica dos valores que negam a vida e a criação afirmativa de novos valores a partir da vontade de poder afirmadora.

[...] Mas com isto se desconhece a essência da vida, a sua *vontade de poder*; com isso não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a “adaptação”; com isso se nega, no próprio organismo, o papel dominante dos mais altos funcionários, aqueles nos quais a vontade de vida aparece ativo e conformadora.[...]³

A transvaloração exige o desenvolvimento de um novo tipo humano, o além-do-homem (Übermensch), capaz de viver para além do bem e do mal herdados, assumindo a responsabilidade soberana de criar significado em um mundo desdivinizado.

Com a morte de Deus e a visão dionisíaca do mundo, com a travessia do niilismo e sua superação no *amor fati*, ele vem conciliar os opostos, melhor, vem recusar que existam. Não se trata de um tipo biológico superior ou de uma nova espécie de engendrada pela seleção natural, mas de quem organiza o caos das suas paixões integra numa totalidade cada traço de seu caráter, de quem percebe que seu próprio ser está envolvido no cosmos, de sorte que afirmá-lo é afirmar tudo que é, foi e será. Fazendo surgir novos valores, ele intervém num momento qualquer do processo circular, que é o mundo, é assim recria o passado e transforma o futuro.⁴

O cerne dessa nova proposta ético-existencial reside na afirmação incondicional da vida, encapsulada nos conceitos de *Amor Fati* (amor ao destino) e Eterno Retorno. Estes funcionam como testes existenciais máximos: só pode transvalorar quem é capaz de dizer "sim" à existência em sua totalidade, incluindo sofrimento, contingência e finitude, desejando sua repetição eterna. Contra a moral ascética cristã, ergue-se assim uma ética trágica e afirmativa que busca medir todas as coisas por uma única questão: "isto fortalece ou enfraquece a vida?"

Contudo, como exploramos nos capítulos finais, a transvaloração enfrenta paradoxos intrínsecos. Como criar valores sem cair em novos dogmatismos?

² Herbert Spencer foi um importante e influente pensador inglês do século XIX, conhecido por aplicar a teoria da evolução ao estudo da sociedade. Ele foi filósofo, biólogo, sociólogo e um dos principais representantes do liberalismo clássico, sendo frequentemente lembrado como o principal proponente do Darwinismo Social.

³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.62.

⁴ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna 1993, p.69.

Como fundar uma ética sem recorrer a fundamentos transcendentos? A resposta nietzschiana parece residir na práxis contínua da crítica e da autossuperação, uma espécie de "niilismo ativo" que evita a cristalização de novos ídolos. A transvaloração seria então não um ponto de chegada, mas um processo permanente de criação e recriação de valores, sempre vigilante contra sua própria reificação.

Em um século XXI marcado, paradoxalmente, pelo retorno do religioso e pela propagação de novos niilismos, como afirma Scarlett Marton em: “Niilismo: a marca do nosso tempo”⁵, a interpelação nietzschiana mantém sua urgência crítica. Se a "morte de Deus" anunciada por Nietzsche não resultou na emancipação esperada, mas frequentemente em vazios preenchidos por fundamentalismos ou pelo "último homem" satisfeito, a tarefa da transvaloração mostra-se mais necessária do que nunca. Ela nos convida não à ausência de valores, mas à coragem de sermos artistas de nossa própria existência, legisladores que, conscientes da ausência de fundamentos últimos, assumem a responsabilidade de criar sentidos que afirmem a vida em sua plenitude terrena.

Assim, entre o martelo que destrói os ídolos decadentes e a mão que esculpe novas tábuas de valores, Nietzsche nos lega não um sistema, mas um desafio perene: o de viver com inteireza trágica em um mundo sem garantias transcendentais, transformando a pesada liberdade deixada pela "morte de Deus" na matéria-prima para uma existência autenticamente humana ou quem sabe, para além dela.

⁵ MARTON, Scarlett. **Niilismo: a marca do nosso tempo**. Conferência de abertura do ciclo “Subjetividade e Cultura” na PUC do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2 mai. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qhoZRCZ_wFk. Acesso: 26 fev. 2026.

BIBLIOGRAFIA

- ARALDI, Clademir. **Nietzsche, Niilismo, Sujeito e Má Consciência**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 09 out. 2018. Vídeo Youtube (1min19). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b5YoQ4T4rtM>. Acesso: 20 fev. 2026.
- AZEREDO, Vania Dutra de. Nietzsche e a dissolução da moral. **Veritas**, v.48, n.2, jun 2003. P 307-313, 190.
- AZEREDO, Vania Dutra de (org). **Falando de Nietzsche**. Ijuí: Unijui, 2005.
- Clark, M. A contribuição de Nietzsche para a ética. **SciELO Brasil**. São Paulo, 25 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/dQKZLbZDqZPF7TdWbY9gmgL/#>.
- FEILER, Adilson Felício. **Os Lebenshöhepunkte como ethos cristão em Hegel e Nietzsche e a partir dos conceitos de “destino” e “amor**. Orientador: Agemir Bavaresco. 2013. 51 f. Tese Doutorado em Filosofia. - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2946>
- FEILER, Adilson Felício. **“O Ethos Cristão em Hegel e Nietzsche”**. Canal Linha de Divisa, 05 de maio de 2022. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHUu89fZc28>.
- JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. V. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JUNIOR, Oswaldo Giacoia. “O sentido do Trágico: Nietzsche hoje”. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8mbTc1v3ooo&t=1211s>.
- JUNIOR, Oswaldo Giacoia. **Ressentimento e vontade: Para uma Físio-Psicologia do ressentimento em Nietzsche**. 1.ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2021.
- LIÁCER, Toni. **O super-homem e a vontade de poder**. São Paulo, Salvat, 2015.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche : a transvaloração dos valores**. São Paulo : Moderna, 2006.
- MARTON, Scarlett. **A genealogia da moral**. Palestra proferida pela professora Scarlett Marton, no dia 20 de agosto de 2025, para a Escola Superior do Ministério Público de São Paulo - ESMPPSP. Campinas: CAFIL Centro Acadêmico da Filosofia - IFCH/UNICAMP, abril de 2021. Vídeo Youtube (1:49:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiLIU6wnUnI>.
- MARTON, Scarlett. **Niilismo: a marca do nosso tempo**. Conferencia de abertura do ciclo “Subjetividade e Cultura” na PUC do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2 mai. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qhoZRCZ_wFk. Acesso: 26 fev. 2026.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche : das forcas cósmicas aos valores humanos. 3. Ed.** Belo Horizonte, UFMG, 2010.
- MARTON, Scarlett. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 20016.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas**. São Paulo: abril cultural, 1974.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragedia, ou Helenismo e Pessimismo**. Sao Paulo: Companhia da letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofar com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: Maldição contra o cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecc Homo: de como agente se torna o que agente é**. Porto Alegre:L&PM, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

PLATÃO. **A República**. Jandira SP, Principis, 2021.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: Biografia de uma Tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2017.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche. O niilismo europeu. Rio de Janeiro – v. 8 – nº 21 – p. 5 a 23 – julho / dezembro 2003. Disponível:

<https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/27190-Niilismo-Europeu.pdf>.